

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SELMA MARQUES DE PAIVA

NÚMEROS E LITERATURA SAGRADA: UM ELO PELA GEMATRIA

GOIÂNIA

2020

SELMA MARQUES DE PAIVA

NÚMEROS E LITERATURA SAGRADA: UM ELO PELA GEMATRIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora.

Linha de pesquisa: Religião e Literatura Sagrada.

Orientador: Prof. Dr. Valmor da Silva.

GOIÂNIA

2020

P149n Paiva, Selma Marques de
Números e literatura sagrada : um elo pela gematria
/ Selma Marques de Paiva.-- 2020.
108 f.: il.

Texto em português, com resumo em inglês
Tese (doutorado) -- Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades,
Goiânia, 2020

Inclui referências: f. 101-108

1. Judaísmo. 2. Gematria. 3. Misticismo. I.Silva,
Valmor da. II.Pontifícia Universidade Católica de
Goiás - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião
- 2020. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 26(043)

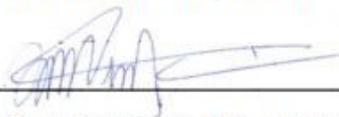
NÚMEROS E LITERATURA SAGRADA: UM ELO PELA GEMATRIA

Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 12 de agosto de 2020.

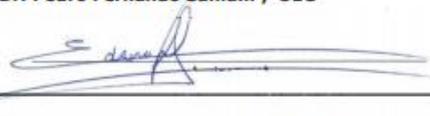
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás



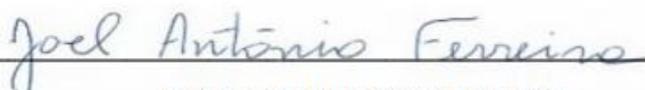
Prof. Dr. Pedro Fernando Sahium / UEG



Prof. Dr. Edson de Faria Francisco / UESP



Profa. Dra. Rosemary Francisca Neves Silva / PUC Goiás



Prof. Dr. Joel Antônio Ferreira / PUC Goiás

Prof. Dr. José Reinaldo Felipe Martins Filho / PUC Goiás

Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi / PUCPR

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder graciosamente o dom da vida e também por permitir que pudesse chegar até aqui em meus estudos acadêmicos.

Dirijo-me primeiramente ao meu orientador, Dr. Valmor da Silva, por ter me aceitado como sua orientanda, por ter acreditado no meu projeto, pelas inestimáveis sugestões dadas à minha tese e também pelo irrestrito apoio que excedeu a suas responsabilidades, conduzindo-me com segurança na caminhada rumo à conclusão desta etapa importante de minha vida. Serei para sempre grata por tê-lo conhecido. Sem seu apoio, sabedoria e orientação confiantes, talvez eu não chegasse ao fim deste projeto que superou minha capacidade. Seu conhecimento e experiência revelados na orientação e nas aulas foram imprescindíveis no desafio de pesquisar um tema tão abrangente como este.

Aos professores Dra. Rosemary Francisca Neves Silva e Dr. Joel Antônio Ferreira, pelas excelentes aulas ministradas, pelo tratamento ímpar e também pelas valiosas sugestões e correções feitas neste trabalho.

Aos professores Dr. Pedro Fernando Sahium e Dr. Edson de Faria Francisco pelas contribuições dadas a este trabalho, que com certeza o enriqueceram ainda mais.

Aos colegas e professores do Doutorado, pela excelente relação pessoal que vivenciamos, em especial, ao Dr. Clóvis Ecco, sempre nos incentivando e demonstrando seu carisma para com todos.

Aos meus pais Joaquim e Severina (ambos *In memoriam*), pelo incentivo que sempre me deram para os estudos, pelo carinho e cuidado em minha educação.

À amiga de longa data, Carmen Lúcia Soares de Souza, a mentora deste curso em meu crescimento profissional e intelectual, praticamente me obrigou a participar do processo de seleção do doutorado.

Aos meus filhos Rafael e Gabriel, pela compreensão nos momentos de minha ausência e pelo amor incondicional em todos os momentos.

Aos demais familiares, em especial, minhas irmãs Selmita Marques de Paiva e Maria Conceição de Paiva, pelo amor, pelas orações, companheirismo e dedicação para comigo.

Aos padres Elenivaldo Manoel dos Santos e Luiz Augusto Ferreira da Silva que me incentivaram a ler cada dia mais as Sagradas Escrituras, sendo o primeiro impulso para que me embrenhasse na área de Ciências da Religião aliado aos meus estudos já concluídos em Matemática.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo auxílio financeiro concedido.

Aos meus alunos, com os quais aprendo todos os dias mais do que ensino.

E, por fim, mas não menos importante, ao meu cônjuge, Marcos Valeriano dos Santos, pela paciência dispensada, apoio, companheirismo e incentivo durante estes mais de vinte anos de cumplicidade.

A todos os que contribuíram e torceram, direta ou indiretamente, pelo sucesso desta tese.

Muito obrigada!

Não se deve ir atrás de objetivos fáceis,
é preciso buscar o que só pode ser
alcançado por meio dos maiores esforços.

(Albert Einstein)

Não existe nada de demoníaco na técnica,
mas existe o mistério da sua essência.
É a essência da técnica, enquanto destino
de revelação, que é o perigo.

(Martin Heidegger)

RESUMO

PAIVA, Selma Marques de. *Números e Literatura Sagrada: um elo pela gematria*. 2020. f. 108. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC Goiás - Goiânia-GO.

A presente tese visa analisar a interpretação simbólica e mística de alguns nomes bíblicos na Torá, de acordo com os princípios interpretativos da gematria, que relaciona o valor numérico e a sacralidade do alfabeto hebraico. Para alcançar esse propósito, a tese se divide em três capítulos. No primeiro capítulo, explica-se a relação intrínseca do alfabeto hebraico com os números, percorrendo suas origens, bem como o seu significado para o misticismo judaico. No segundo capítulo, é abordada a questão do imaginário e sua íntima ligação com o misticismo, mostrando a presença dos números sob a forma da gematria justificando a importância do alfabeto hebraico diante dessa perspectiva. No terceiro capítulo, se discute sobre o mecanismo de simbologia do nome, fato relacionado à gematria, mostrando a importância das letras do alfabeto hebraico e da Bíblia Hebraica para o judaísmo. Percorrer essas etapas é necessário para que se entenda como se deu a crença da gematria para o judaísmo. Para isso, parte-se de alguns textos da Torá onde ocorre a mudança do nome de personagens. Entre os resultados obtidos destaca-se que a gematria é um incremento adjacente ao misticismo judaico, mas imprescindível para a cabala, especialmente no tocante à formação dos cabalistas e à manutenção do judaísmo, como elemento de coesão ou como mecanismo de propagação de sua crença. Com esse trabalho se pretende contribuir para os estudos concernentes à Torá e, sobretudo, ao assunto gematria que, ainda hoje, desperta a curiosidade de indivíduos interessados no assunto. O tema se mostra relevante já que muitas pessoas acreditam que existe uma mensagem codificada na Torá e que a resposta estaria ligada ao uso das letras hebraicas correlacionadas aos números, princípio que norteia a gematria.

Palavras-chave: Torá. Gematria. Misticismo judaico. Alfabeto hebraico.

ABSTRACT

PAIVA, Selma Marques de. *Numbers and Sacred Literature: a link through gematria*. 2020. f. 108 (Doctoral Thesis in Religion Sciences) - Pontifical Catholic University of Goiás - PUC Goiás - Goiânia-GO.

This thesis aims to analyze the symbolic and mystical interpretation of some biblical names in the Torah, according to the interpretative principles of gematria, which relates the numerical value and sacredness of the Hebrew alphabet. To achieve this purpose, the thesis is divided into three chapters. In the first chapter, the intrinsic relationship of the Hebrew alphabet with numbers is explained, going through its origins, as well as its meaning for Jewish mysticism. In the second chapter, the issue of the imaginary and its intimate connection with mysticism is addressed, showing the presence of numbers in the form of gematria justifying the importance of the Hebrew alphabet in this perspective. In the third chapter, we discuss the mechanism of symbology of the name, a fact related to gematria, showing the importance of the letters of the Hebrew alphabet and the Hebrew Bible for Judaism. Going through these steps is necessary to understand how the belief of gematria for Judaism took place. For this, some texts of the Torah are based on the change of the name of characters. Among the results obtained, it is noteworthy that gematria is an increment adjacent to Jewish mysticism, but indispensable for cabal, especially with regard to the formation of the Cabalists and the maintenance of Judaism, as an element of cohesion or as a mechanism for propagating their belief. This work aims to contribute to the studies concerning the Torah and, above all, to the subject of gematria that, even today, arouses the curiosity of individuals interested in the subject. The theme is relevant since many people believe that there is a message encoded in the Torah and that the answer would be linked to the use of Hebrew letters correlated with numbers, a principle that governs gematria.

Keywords: Torah. Gematria. Jewish mysticism. Hebrew alphabet.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pequena placa de Uruk (detalhe). Séc. IV a.C., Mesopotâmia.....	24
Figura 2: Pequena placa sumeriana, por volta de 2360 a.C., Mesopotâmia.....	24
Figura 3: Antigo hieróglifo egípcio.....	25
Figura 4: Escrita protossinaítica.....	28
Figura 5: Antigo alfabeto fenício.....	28
Figura 6: Alfabeto hebraico.....	31
Figura 7: Alfabeto hebraico nas formas de imprensa e simplificada.....	31
Figura 8: Sinais das vogais hebraicas, com respectivos nomes.....	33
Figura 9: Alfabeto hebraico e valor numérico.....	39
Figura 10: Pentagrama estrelado.....	53
Figura 11: Árvore sefirótica.....	59
Figura 12: A carta “A Morte” (13), do tarô.....	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Alfabeto hebraico com observações.....	63
Tabela 2: Cifra <i>atbash</i>	64
Tabela 3: Letras hebraicas: nome, significado e ocorrências na Bíblia Hebraica.....	74
Tabela 4: Valor absoluto.....	78
Tabela 5: Valor ordinal.....	78
Tabela 6: Valor reduzido.....	79
Tabela 7: Tabela gemátrica.....	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I. ALFABETO HEBRAICO E NÚMEROS: UMA RELAÇÃO INTRÍNSECA.....	20
1.1 O SURGIMENTO DA ESCRITA.....	20
1.2 O SURGIMENTO DO ALFABETO	26
1.3 O ALFABETO HEBRAICO	29
1.4 O SURGIMENTO DOS NÚMEROS	33
1.5 NÚMEROS E ALFABETO HEBRAICO: UMA ESTREITA RELAÇÃO	38
CAPÍTULO II. MISTICISMO E SUAS ARTICULAÇÕES COM O IMAGINÁRIO, A CABALA E A GEMATRIA	42
2.1 TEORIA DO IMAGINÁRIO	42
2.2 MISTICISMO	466
2.3 A PRESENÇA DO MISTICISMO NOS NÚMEROS.....	50
2.4 CABALA	56
2.5 CRENÇAS NUMÉRICAS	65
CAPÍTULO III. SIMBOLOGIA NUMÉRICA: A INTENÇÃO DOS HAGIÓGRAFOS POR TRÁS DA APLICAÇÃO DA GEMATRIA.....	70
3.1 BÍBLIA HEBRAICA.....	70
3.2 SIGNIFICADOS DAS LETRAS NUMERAIS HEBRAICAS.....	72
3.3 GEMATRIA.....	77
3.4 GEMATRIA NA TORÁ: O NOME DE DEUS.....	80
3.5 APLICAÇÕES DA GEMATRIA: A QUESTÃO DO NOME.....	85
3.6 SÍNTESE FINAL.....	90
CONCLUSÃO.....	96
REFERÊNCIAS.....	101

INTRODUÇÃO

Este estudo tratará sobre a utilização dos números em alguns trechos da Torá e o seu vínculo com a gematria, fazendo jus à matemática e, um dos campos interessantes em que ela se aplica são os nomes. Podemos definir a gematria como sendo o estudo das vinte e duas consoantes hebraicas baseado na matemática, que atribui um valor numérico já convencionalizado a cada letra do alfabeto e, procura interpretar o valor numérico de uma palavra somando-se suas letras e logo após busca outras palavras com o mesmo equivalente numérico para então fazer uma conexão entre elas. Os cabalistas judeus examinam a Bíblia Hebraica¹ usando a gematria, em busca de códigos ocultos nos equivalentes numéricos das letras.

A motivação do estudo é que, desde criança, tive formação católica e contato com a Bíblia, muito me atraía a leitura do livro do Eclesiástico, principalmente, pelo seu gênero sapiencial. Ao prestar meu primeiro vestibular, decidi-me pelo curso de Matemática, tendo em vista a facilidade e o gosto pela mesma e acabei por fazer também o Mestrado na referida área. Tornei-me professora, e já leciono, há pouco mais de vinte anos. No início do ano de 2015, deparei-me com um texto que tratava sobre a gematria, fiquei impressionada e encantada, ao mesmo tempo, ao saber da sua íntima relação com a Bíblia e resolvi aprofundar-me no assunto. Acabei por orientar uma aluna de graduação que desenvolveu seu trabalho de curso com essa temática, dando início a essa jornada.

A problematização deste estudo parte da elaboração de Eisenberg e Steinsaltz (2015), que considera o abecedário hebraico como um sistema alfabético sagrado para o judaísmo, isso se deve ao fato de que Deus se dirige ao povo de Israel e por intermédio dele ao mundo, em hebraico, na Torá. Sendo assim, pode-se dizer que, mais que uma língua, o alfabeto hebraico é tido como um instrumento de Revelação no judaísmo. Os caracteres desse abecedário têm como principal característica a polissemia, nas suas dimensões numérica, filológica, semântica e gráfica, como explica Steinsaltz, nesta mesma obra.

Com base no exposto, e nos deparando com o possível fato de uma codificação da Bíblia, uma questão nos instiga nesse estudo, despertando nossa

¹ Em nosso estudo, todas as vezes que nos referirmos tão somente à palavra Bíblia, bem como todas as abreviações de seus livros seguirão o padrão da *Bíblia de Jerusalém* e quando nos referirmos à Bíblia Hebraica utilizaremos como referência a *Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS)*.

curiosidade. Os nomes, que correspondem a números aplicando o método da gematria hebraica, possuem um sentido místico a ser decifrado na Torá? Em caso positivo, como encontrar esse sentido?

A questão se justifica pelo fato de que os números fazem parte do nosso cotidiano e se tornaram tão comuns que nem percebemos mais o quanto os utilizamos. Já dizia o importante matemático e filósofo grego Pitágoras (570-500 a.C., aproximadamente), numa de suas citações, que “os números governam o mundo”. Ainda segundo ele: “o Universo deve ser visto como um todo harmonioso, onde tudo emite um som ou uma vibração e obedece a uma ordem criada pelos números”. Mas, para os que creem em uma divindade, isso não é verdade, tendo em vista que são doutrinados a colocar esse ser divino em primeiro lugar, acima de todas as coisas. Esses crentes diriam: nossa divindade está acima de tudo e governa tudo! Ora, não tem como falar em divindade sem nos atermos à literatura sagrada das religiões.

A Bíblia Hebraica é tida como um documento com origem histórica e arqueológica comprovada, que foi narrado na perspectiva de um povo e em sua fé religiosa. Os números que figuram na Bíblia Hebraica, geralmente, possuem sentido restrito, contudo, são por vezes utilizados de modo simbólico. As noções simbólicas dos números na Torá que ponderamos nesse estudo são distintas das empregadas via numerologia.

As atribuições numéricas dadas às letras foram feitas em algumas línguas porque os povos antigos não possuíam uma forma de representar os números como temos hoje, logo, usaram como alternativa os caracteres do alfabeto e, foi assim que cada uma delas passou a representar um número específico. Isto significa que cada palavra ou frase possui um determinado valor, ou seja, uma letra é também um número. Diante desses fatos, o assunto muito desperta nosso interesse e nos parece, ser de fato, bem relevante. Reporta-nos, portanto, a um estudo mais profundo, que é um dos intuits desse projeto.

Vale ressaltar que nosso objetivo geral é o de discutir a simbologia dos números de alguns nomes que figuram na Torá, de acordo com os princípios interpretativos da gematria, destacando a sacralidade do alfabeto hebraico. Como objetivos específicos: discorrer sobre a origem e história dos números e sua relação com o alfabeto hebraico; expor os conceitos teóricos relativos ao misticismo, cabala e crenças numéricas; interpretar alguns nomes de personagens da Torá, de acordo com o método da gematria.

Alguns autores trabalham com a hipótese de que há uma mística matemática que se dá pela substituição dos caracteres do abecedário hebraico por seus números respectivos na Bíblia Hebraica, usando a gematria. Para decifrar o sentido figurado de um texto, se faz útil conhecer as etimologias das palavras e a natureza das coisas. O desafio é avaliar se essas substituições ocorreram acidental ou deliberadamente, ou seja, em que casos se aplica a teoria do imaginário e a teoria do simbólico.

Trabalhamos com a hipótese de que alguns nomes que figuram na Torá possuem sentido simbólico e místico, de acordo com os princípios interpretativos da gematria, que considera o alfabeto hebraico sagrado, tendo em vista a correspondência entre seus caracteres e seus respectivos valores numéricos.

No que diz respeito ao estado da questão, destaca-se que as letras hebraicas são parte fundamental no estudo e aplicação do método da gematria hebraica, já que para o misticismo judaico Deus teria criado o mundo utilizando a língua hebraica. O *Sêfer Yetsirá*, também chamado Livro da Criação (KAPLAN, 2018), confirma esse fato. Na busca de uma definição para a cabala, encontraremos algo do tipo: corrente mística, doutrina, tradição, vertente, sabedoria, ramo do misticismo judaico, entre outras. Preferimos adotar a palavra doutrina. Nesse sentido, a cabala representa uma doutrina mística que tem o intuito de interpretar os significados possíveis que possam estar descritos, implicitamente ou não na Torá. Dessa forma, as letras possuem um significado ímpar para essa doutrina, principalmente por apresentar um caráter polissêmico.

Outra propriedade importante da gematria é que palavras hebraicas que possuem o mesmo valor numérico (resultado ao somar os respectivos valores de suas letras) apresentam o mesmo sentido metafísico, ou seja, têm um valor similar de transcendência. Esse é um dos objetos de estudo da cabala. Vale destacar que, em hebraico, não há presença de acentos nas palavras, o que se percebe é o uso de alguns “sinais” (sinais vocálicos) com o intuito de facilitar a leitura e lembrar o som verdadeiro (pronúncia). A escrita em hebraico se dá da direita para a esquerda, também não há uso de vogais, embora as consoantes (denominadas *matres lectionis*), por vezes, desempenham o papel das mesmas.

Eisenberg e Steinsaltz (2015, p. XVII) citam o fato de que a Torá “fala a linguagem dos homens” e como foi escrita em hebraico, indica que esse alfabeto hebraico precedeu a criação da Torá. Nesse caso, as 22 letras do alfabeto hebraico

teriam sido os instrumentos utilizados na criação do mundo, já que logo no início da Torá, “Deus disse”. Se “Deus disse”, que língua utilizou senão o hebraico?

Há relatos de que, no Egito, a igreja de Alexandria permitia a interpretação simbólica e alegórica do Antigo Testamento. Nessa época, alguns nomes como Orígenes de Alexandria (186-255) e seu professor Clemente de Alexandria (150-215) dominavam o pensamento da catequese e os membros da escola alexandrina queriam desenvolver um sistema teológico a partir do uso da filosofia que, segundo eles, era capaz de permitir uma exposição sistemática do cristianismo. Esses sábios optaram por desenvolver um sistema alegórico de interpretação do Antigo Testamento que era baseado na crença de que a Bíblia Hebraica teria mais de um sentido e acabaram por ignorar o que se sabia sobre as circunstâncias históricas ou gramaticais de tais textos.

O referencial teórico trata de análise de partes da Torá usando a gematria, buscando um código nos equivalentes numéricos das letras. Dessa forma, trabalharemos com os seguintes referenciais teóricos: alguns nomes escritos na Torá, os números, o alfabeto hebraico e a gematria.

A Bíblia foi escrita em três idiomas diferentes, sendo eles: hebraico, aramaico e grego. Porém, a maior parte do Antigo Testamento foi escrita em hebraico, portanto, cada palavra ali registrada possui um valor numérico. Ao entrarmos em contato com a Torá, nos reportamos ao mundo religioso e percebemos a variedade de números ali existentes – perpassando pelo campo da matemática – e geralmente, os números na Torá têm sentido literal, mas por vezes também são usados de modo simbólico. Vale lembrar que os significados simbólicos dos números na Torá que consideraremos nesse estudo não serão os mesmos utilizados pela numerologia.

Vamos nos voltar primeiro ao fato de como surgiram os números: alguns relatos comentam que eles surgiram a partir do momento em que havia a necessidade de se contar objetos e coisas e que isso tenha acontecido há mais de 30.000 anos. Os homens naquela época, possivelmente, viviam em grutas e ainda não existia a noção de números, mas já havia a necessidade de contar. Investigações antropológicas e arqueológicas feitas em variadas regiões do planeta mostraram que a sociedade começou a utilizar os algarismos há aproximadamente 6000 anos.

Outro tema que precisamos trabalhar é a questão do alfabeto hebraico, partindo logicamente, do surgimento da escrita até chegar à origem do abecedário. Segundo Ifrah (1997, p. 447), “a invenção do alfabeto foi capital na história das

civilizações: forma superior de transcrição da palavra, adaptável às inflexões de qualquer linguagem articulada”. Ressalta ainda que ao fazermos uso do recurso do alfabeto é possível escrever todas as palavras existentes na língua, utilizando suas letras.

No tocante ao alfabeto hebraico, em particular, encontramos duas origens: divina e humana. Iniciemos pela origem divina retratando o fato de que na tradição judaica, encontramos referências à origem desse alfabeto tido como sagrado para os judeus, mesmo não encontrando indícios nítidos nos textos da Bíblia Hebraica, de como teria ocorrido sua origem. Em Kaplan (2018, p. 126), encontramos a citação: “Vinte e duas letras Fundação: Ele as gravou, esculpiu, permutou, pesou, transformou, e com elas, Ele descreveu tudo o que formou e tudo o que seria formado”. Já com relação à origem humana do alfabeto hebraico, acredita-se que se deu pelo mesmo motivo do surgimento dos números, ou seja, pela necessidade, mas agora de se comunicar com o próximo. A escrita originou-se, sem dúvida, dessa necessidade de comunicação entre os indivíduos, tendo em vista que a comunicação é um importante mecanismo para o conhecimento, transmissão de mensagens, ideias e a socialização dos povos.

A gematria, apesar de parecer um tema moderno, já era usada, sobretudo, do século XIII ao XVIII, pelos judeus. Um dos campos envolventes em que ela se aplica são os nomes da Bíblia Hebraica e é através deste método numérico que se comprova a veracidade de alguns escritos sagrados, para o judaísmo, fazendo o uso da matemática.

Na tentativa de se decifrar quaisquer códigos, recorre-se à criptografia, que é a arte de se escrever enigmaticamente por meio de símbolos ou sinais previamente convencionados. A criptografia é uma ferramenta matemática que auxilia na decodificação de códigos, que seguem determinados padrões. O maior desafio é analisar se tais padrões, codificados, ocorrem intencionalmente ou aleatoriamente. É evidente que, podem ser encontrados interessantes padrões de símbolos ou palavras em praticamente qualquer imagem ou texto examinado - em um livro, numa revista ou mesmo neste projeto. Sabiamente, a criptografia permite aos matemáticos assegurar, com razoável certeza, se os padrões de palavras ocorrem por coincidência ou se foram aleatoriamente codificados dentro de um determinado texto (dizemos texto, entretanto pode ser um conjunto de sinais).

Mendes (2006) cita Furon et al (1959, p. 144) para nos dizer que “o sistema de numeração hebraico tem sua explicação histórica na Bíblia”. Relata ainda que esse “sistema de numeração é decimal e sexagesimal, possivelmente, originado do hábito de processar a contagem com os dedos das mãos e do sistema criado e praticado pelos sumérios”. O sistema de numeração que fazemos uso atualmente é o decimal, provavelmente, pelo mesmo fato de termos dez dedos nas mãos. As dezenas de trinta a noventa, em hebraico, representam o plural dos números de três a nove.

Essas conotações numéricas foram primordiais, tendo em vista que os povos antigos não dispunham de uma forma de designar os números como temos hoje. Dessa forma, optaram por usar as letras do alfabeto como alternativa e foi assim que cada uma delas passou a simbolizar um número específico. Sendo assim, cada palavra ou frase possui um valor característico, ou seja, uma letra é também um número. Para alguns pesquisadores, os números da Bíblia Hebraica não foram escritos de modo aleatório, nem os que são mencionados na Torá e nem mesmo os que se apresentam quando determinamos seu valor mediante a gematria. Já para os judeus, cada um deles apresenta um significado e isso representa muito para a mística judaica.

Para o desenvolvimento deste projeto, a metodologia segue algumas estratégias de investigação, tais como: seleção de textos bíblicos, levantamento e leitura de autores, revisão e análise de material bibliográfico, breve estudo da língua hebraica, bem como pesquisas com a utilização da rede mundial de computadores (internet), abrangendo temas já publicados sobre o tema no intuito de elaborar, perceber e analisar elementos que porventura ainda não tenham sido explorados. Dessa maneira, possivelmente, nosso estudo tenha uma abordagem distinta dos demais e esta pesquisa venha, quem sabe, inspirar novas teorias.

De início, o levantamento e leitura de autores se basearão na abordagem dos assuntos relacionados à origem dos números, origem do alfabeto, inclusive do hebraico, em particular, e a relação entre este e os números. O uso da Bíblia Hebraica, em especial a Torá, será de fundamental importância e abrangem-se os campos do saber matemáticos relacionados à gematria.

O método de abordagem escolhido para nosso estudo se baseia no hermenêutico, já que trataremos sobre a codificação da Torá, independente de seu contexto histórico, mas analisando a colocação numérica advinda da gematria com o uso da ferramenta denominada criptografia.

Vale ressaltar também, que outros métodos serão aplicados em nossos estudos, tais como o fundamentalista e o estruturalista, tendo em vista uma certa propensão a absolutizar o sentido literal da Torá, bem como, também veremos os relatos bíblicos como estrutura e organização, que produzem sentido para além da intenção de seus autores.

No capítulo primeiro apresentaremos a relação entre os números e o alfabeto hebraico, exibindo um relato sobre o surgimento da escrita, dos números e do sistema alfabético hebraico. Esses temas são de fundamental importância em nosso estudo, para chegarmos à questão da doutrina do nome, já com o entendimento de como se deu a construção do duplo significado das palavras na mística judaica.

O segundo capítulo se encarregará de expor as articulações entre o misticismo, a cabala e as questões numéricas. Partindo de uma reflexão prévia sobre o misticismo e o que algumas vertentes religiosas, sobretudo a cabala, entendem acerca do mesmo, evoluirá rumo à aplicação do conceito de gematria a alguns exemplos. Vale lembrar que a numerologia está no âmago da gematria e, de certa forma, a falta de compreensão da numerologia judaica leva à não visibilidade da verdadeira beleza da cabala. Esses princípios denotam que a matemática não é apenas quantitativa, mas também qualitativa. Importante ressaltar também, neste capítulo, a influência da teoria do imaginário nessas questões, que torna o elo entre o alfabeto e números mais forte ainda, não só via gematria, mas também via numerologia, entre outros.

Passados os tópicos anteriores, chegamos ao último momento de nossa pesquisa, representada pelo terceiro capítulo que se dedica ao propósito do nosso objetivo geral, que é o de mostrar o uso da gematria na Torá, sobretudo na questão do nome de alguns personagens que ali figuram. Partindo de alguns tópicos tais como a Bíblia Hebraica e o significado das letras numerais hebraicas para a cabala, que formam o construto para entender como se estabeleceu a crença no uso da gematria pelos cabalistas. Aqui também apresentaremos algumas considerações abrangendo a maior parte dos elementos que foram elencados na construção de nossa tese e que se encontram imbricados à gematria.

CAPÍTULO I

ALFABETO HEBRAICO E NÚMEROS: UMA RELAÇÃO INTRÍNSECA

A matemática é o alfabeto com o qual Deus escreveu o universo.
(Galileu Galilei)

Em se tratando de escrita, a mesma é um dispositivo extraordinário de comunicação humana e sua necessidade para o aprendizado do indivíduo é resultado do fato de a tradição oral ter valor inestimável, mas provavelmente não seja o bastante para propiciar um conhecimento notório ou para relatar uma história com exatidão. De acordo com Eisenberg e Steinsaltz (2015), o alfabeto hebraico é tido como um abecedário sagrado para o judaísmo, isso se deve ao fato de que Deus se dirige ao povo de Israel e, por intermédio dele, ao mundo em hebraico, através da Bíblia. Sendo assim, pode-se dizer que, mais que uma língua, é, antes, um mecanismo de Revelação. Já no quesito números, os mesmos fazem parte do nosso cotidiano e se tornaram tão comuns que nem percebemos mais o quanto os utilizamos.

Este capítulo tem como objetivo apresentar a relação entre os números e o alfabeto hebraico, descrevendo ainda um breve relato sobre o surgimento da escrita, dos números e do alfabeto hebraico. Esses tópicos são de fundamental importância nesse estudo, tendo em vista que os povos antigos não dispunham de uma forma de designar os números como temos hoje. Eles optaram por usar as letras do alfabeto como alternativa e foi assim que cada uma delas passou a simbolizar um número específico. Dessa forma, cada palavra ou frase possui um determinado valor, ou seja, uma letra é também um número e, aos olhos de alguns pesquisadores, os números da Bíblia não são aleatórios, nem os que as Escrituras mencionam e nem mesmo os que se apresentam quando determinamos seu valor mediante alguns recursos, tais como a numerologia.

1.1 O SURGIMENTO DA ESCRITA

O nascimento da escrita está ligado aos primeiros estados burocráticos de uma hierarquia piramidal e as primeiras formas de administração econômica centralizada em impostos e gestão de grandes domínios.
(LÉVY, 1993, p. 87)

A escrita é mais que um simples mecanismo de comunicação, ainda que emudeça a palavra, ela não só a transmite, mas também concretiza e registra o pensamento que até então perdura em forma de perspectiva. O surgimento da mesma veio supostamente pelo plano de utilizar esboços gráficos para retratar vocábulos e não simplesmente instrumentos materiais do cotidiano.

Custódio (2006) revela que a “escrita e o sagrado também são conceitos intrinsecamente associados” e que desde cedo a escrita foi utilizada como instrumento para comunicar mensagens sagradas. “Presente dos deuses, a escrita passou a ser instrumento de poder de um homem sobre outro” (CUSTÓDIO, 2006, p. 47). O mesmo autor cita ainda que escrever trata-se de um ato em que se preservam componentes da sacralidade de uma tradição. Nesse sentido Chauí (2000, p. 138) afirma que a linguagem

tem, assim, um poder encantatório, isto é, uma capacidade para reunir o sagrado e o profano, trazer os deuses e as forças cósmicas para o meio do mundo, ou, como acontece com os místicos em oração, tem o poder de levar os humanos até o interior do sagrado.

Há citações que revelam o fato de os mitos denotarem certo poder à escrita, dizendo que a mesma teria sido concedida por divindades, tornando os textos sagrados. Segundo Gross (*apud* CUSTÓDIO, 2006, p. 50):

A força de um testemunho objetivo, material, parece por si só conferir uma aura de sacralidade a um texto. Talvez isso tenha motivado os mitos que falem de divindades que concederam ao ser humano este poder misterioso da escrita. A escrita seduz, possuindo um poder intrínseco. Mas a escrita também reduz, recorta a mensagem, revelando de forma oblíqua.

Em Barbosa (2013, p. 34) encontramos relatos de que o ser humano,

através dos tempos, vem buscando comunicar-se com gestos, expressões e a fala. A escrita tem origem no momento em que o homem aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos. Signos que sejam compreensíveis por outros homens que possuem ideias sobre como funciona esse sistema de comunicação.

É difícil imaginar o mundo contemporâneo sem a existência da escrita, já que a mesma contribuiu e ainda contribui amplamente para o avanço do conhecimento e

o progresso das sociedades. Andrade (2001, p. 1) traz a seguinte narrativa corroborando a ideia do mundo sem a escrita:

Você já imaginou um mundo onde não existisse a escrita? Como você iria escrever um bilhete, uma carta, uma redação, uma dissertação ou uma tese? Não existiriam listas telefônicas, nem livros, nem revistas e muito menos jornais, ou, se existissem, seriam só com figuras, você já imaginou? Provavelmente não existiriam livrarias e bancas de revistas. Se existissem professores, as aulas seriam, normalmente, expositivas, e não se ouviriam as famosas frases: "Leiam tais textos para a próxima aula" ou "vocês precisam ler mais". Ah, e também não existiriam escritores, é óbvio. Histórias, romances, contos, poesias, só existiriam se fossem contadas de gerações para gerações. Nada seria documentado, sendo assim não teríamos Certidão de Nascimento e muito menos Carteira de Identidade e Atestado de Óbito. [...] Também não existiriam as expressões: "Seu texto parece uma colcha de retalhos", ou "O que você escreveu está fora do contexto" (ANDRADE, 2001, p. 1).

Um dos fatores que correspondeu, sem dúvida, ao desenvolvimento na antiguidade, segundo Barbosa, foi a invenção da escrita, sendo que esta

como muitas "invenções" do gênio humano, pode ser considerada como aprimoramento de algo que já era anteriormente conhecido. Infelizmente não conhecemos o nome de nenhum dos autores das reformas mais importantes na história da escrita. Seus nomes, como o de tantos outros grandes homens, responsáveis por melhorias essenciais da vida humana (como por exemplo o uso prático da roda, do arco e flecha, da embarcação a vela) perderam-se para sempre (BARBOSA, 2013, p. 34).

A herança da invenção da escrita perdeu-se nos tempos longevos, quando muitos povos julgavam que a mesma tinha origem divina. De acordo com Higounet (2003, p. 9):

[...] a escrita é, acima de tudo, "um procedimento do qual atualmente nos servimos para imobilizar, para fixar a linguagem articulada, por essência fugidia." Diante de sua necessidade de um meio de expressão permanente, o homem primitivo recorreu a engenhosos arranjos de objetos simbólicos ou a sinais materiais, nós, entalhes, desenhos.

Para Barbosa (2013, p. 13), a "escrita é considerada um marco de passagem da pré-história para a história". Há relatos de que antes de seu surgimento, na pré-história, usavam-se as paredes das cavernas para o esboço de gravuras de animais e de episódios de caça, provavelmente por ser um local protegido de prováveis perigos externos como animais agressivos (SOUZA, SANTOS FILHO e TRINCHÃO, 2015, p. 3).

De acordo com Maria Helena Bomeny (*apud* SOUZA, SANTOS FILHO e TRINCHÃO, 2015, p. 526), “as origens do desenho e da escrita têm um tronco comum: a mão que traça”. Já o avanço da forma da escrita se empreende conforme a mão do homem começa a moldar, gravar, traçar, imprimir e pintar fonogramas, pictogramas e letras em cada instante histórico, se adequando continuamente, a cada inovação e suporte que vão evoluindo (*idem*).

Para Garcez (2002, p. 11) a “escrita é uma construção social, coletiva, tanto na história humana como na história de cada indivíduo”. Cagliari (2004, p. 13) afirma que o inventor da escrita

foi à leitura: um dia numa caverna, o homem começou a desenhar e encheu as paredes com figuras, representando animais, pessoas, objetos e cenas do cotidiano... A humanidade descobria assim que quando uma forma gráfica representa o mundo, é apenas um desenho, quando representa uma palavra, passa a ser uma forma de escrita.

Fischer (2009) cita que muitos estudiosos creem no fato de que a escrita teve uma origem independente em diversas regiões do mundo como expressão de a sociedade ter alcançado um nível ‘avançado’ de cultura. Entretanto,

a escrita não é uma recompensa automática pela sofisticação social. A escrita precisa ser elaborada e isso requer um prolongado processo, determinado pelo desenvolvimento de necessidades sociais. Embora haja outras possíveis interpretações, o peso da evidência acumulada leva a considerar que a ideia da escrita completa pode ter emergido apenas uma vez na história da humanidade. (FISCHER, 2009 p. 32)

De acordo com Souza, Santos Filho e Trinchão (2015, p. 4) a escrita sobreveio, de fato, quando os traços foram alinhados lado a lado ou um sobre o outro, consonante ao raciocínio linear. As grafias de pictogramas foram as primeiras representações de escrita (Figura 1), possivelmente com o intuito de catalogar a oralidade e realizar cálculos. Esses pictogramas apareceram em plaquetas de barro, na região da Suméria (*idem*).

Figura 1: Pequena placa de Uruk (detalhe). Séc. IV a.C., Mesopotâmia

4.000 a.C. a 476 d.C.	IDADE ANTIGA - Início com a invenção da escrita pictográfica na Mesopotâmia	
--------------------------	---	---

Fonte: Souza, Santos Filho e Trinchão (2015, p. 4)

De acordo com Souza, Santos Filho e Trinchão (2015, p. 5) a escrita cuneiforme teve início em 3000 a.C., também na Mesopotâmia (Figura 2), a mesma se apresentava geométrica, austera e abstrata, esculpida com cálamos (ferramentas pontiagudas) na argila fresca. O barro e a cana (caniço - planta aquática) eram numerosos às margens dos rios Tigre e Eufrates e os sumerianos esculpiam sinais no barro, formando cantos e linhas, “cunhas” (em latim: *cuneus*), justificando o nome da escrita cuneiforme. Quando as plaquetas enrijeciam, viravam uma forma sólida para o assentamento de dados, conforme Souza, Santos Filho e Trinchão (2015).

Figura 2: Pequena placa sumeriana, por volta de 2360 a.C., Mesopotâmia

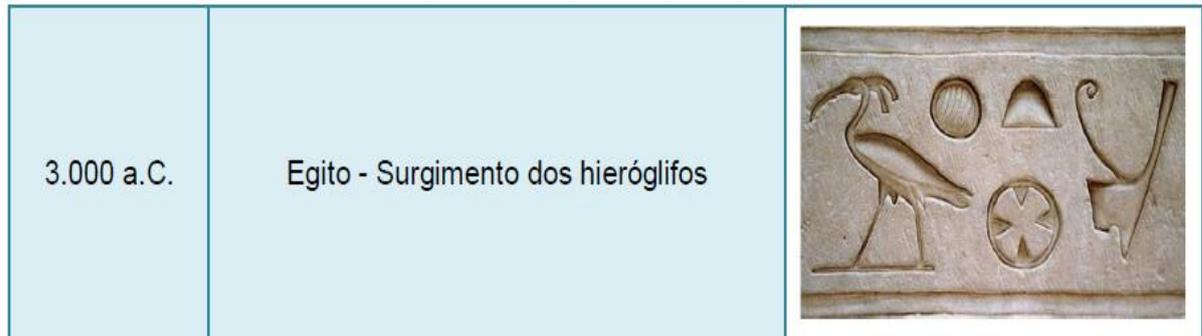
3.000 a.C.	IDADE ANTIGA - Escrita cuneiforme na Mesopotâmia	
------------	--	---

Fonte: Souza, Santos Filho e Trinchão (2015, p. 5)

“Os hieróglifos eram sinais sagrados gravados (do grego *hierós*, “sagrado”, e *glýphein*, *glýpho*, “gravar”, “esculpir”) que os egípcios consideravam ser a fala dos deuses (...) essa era uma escrita de palavras” (HIGOUNET, 2003, p. 37). Os primeiros escritos em hieróglifos apareceram no Egito e são do terceiro milênio a.C. Eram três as escritas egípcias: a hieroglífica (Figura 3), a hierática e a demótica. De acordo com Souza, Santos Filho e Trinchão (2015), a escrita hieroglífica, tida como “escrita dos

deuses”, chegou a ter 5.000 símbolos, apresentando praticamente a totalidade da língua falada, a mesma dizia respeito a um sistema gráfico, poético, feito de desenhos estilizados.

Figura 3: Antigo hieróglifo egípcio



Fonte: Souza, Santos Filho e Trinchão (2015, p. 5)

Conforme Sampson (1996), a concepção da escrita surge tardiamente no que se refere ao advento da linguagem; a mesma surgiu após a denominada "revolução neolítica", e sua narrativa pode ser dividida em três fases: pictórica, ideográfica e alfabética. Entretanto, não se pode assumir uma linha do tempo nesta divisão.

Andrade (2001) relata que no tocante à fase pictórica, a mesma diz respeito às imagens ou pictogramas, os quais não estão relacionados a um som, mas ao desenho daquilo que se quer reproduzir. Completa dizendo que equivalem em modelos bem sintetizados dos utensílios da realidade, despontam em anotações primitivas, mas podem ser encontradas de forma mais desenvolvida na grafia asteca e, ultimamente, nas conhecidas histórias em quadrinhos.

Já a fase ideográfica, de acordo com Andrade (2001), é caracterizada pelos ideogramas, que são nada mais que ícones gráficos que reproduzem expressamente uma noção como, por exemplo, alguns sinais de trânsito que temos ainda hoje. As escritas ideográficas mais relevantes “são a egípcia (também chamada de hieroglífica), a mesopotâmica (suméria), as escritas da região do mar Egeu (a cretense, por exemplo) e a chinesa (de onde provém a escrita japonesa)”, segundo Andrade (2001, p. 1).

Hodiernamente ainda não se conhece, de fato, qual foi o real e primordial motivo que culminou no surgimento da escrita. Mas é visível que no momento em que a sociedade se apercebeu de sua relevância, a mesma já havia se consolidado. Por

sua característica tão essencial, algumas sociedades² a qualificaram como um presente dos deuses, fato que relatamos anteriormente. Vale registrar, por “escrito”, que a criação da escrita representa um avanço espetacular para o progresso do conhecimento, da tecnologia e de inúmeras outras áreas, já que a mesma busca representar nossas ideias e ainda pode permanecer registrada por muito tempo, o que não ocorre com a fala, que logo pode se perder, caso não seja gravada.

Um vínculo entre o homem e a história, revela que a escrita

faz de tal modo parte da nossa civilização que poderia servir de definição dela própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. Talvez venha o dia de uma terceira era que será: depois da escrita. Vivemos os séculos da civilização da escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se sobre o escrito. A lei escrita substituiu a lei oral, o contrato escrito substituiu a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E sobretudo não existe história que não se funde sobre textos (HIGOUNET, 2003, p. 10).

A aplicabilidade da escrita ampliou a sociabilidade entre os homens permitindo-lhes remontar aspectos históricos ocorridos no passado, auxiliando no acolhimento de comunicados, servindo também para simplificar a troca de informações, além de promover abundantemente a evolução do conhecimento científico.

1.2 O SURGIMENTO DO ALFABETO

O presente e o futuro demandam mais que especulações.
O que importa é manter para as novas gerações o uso
de uma escrita corrente de boa qualidade e de grande
rapidez e fazer aumentar sempre o número de
indivíduos que sabem escrever.
(HIGOUNET, 2003, p. 175)

O vocábulo “alfabeto”, de origem grega, deriva das duas primeiras letras do alfabeto grego: o *alpha* (α) e o *beta* (β). Denomina-se alfabeto um conjunto de letras dispostas de acordo com um critério estabelecido em um determinado sistema de escrita. A ordenação das palavras utilizando o recurso do alfabeto é muito utilizada em diversas obras, como os dicionários, listas de frequência, e outros textos que necessitam de ordenação alfabética. Historiadores acreditam que para se chegar ao

² Segundo Diringer (1971, p. 16) eram os egípcios, os babilônios, os gregos, os chineses, os indianos e os habitantes pré-colombianos do México e da América Central que criam na origem divina da escrita.

nosso sistema de escrita atual, uma jornada foi percorrida e remonta essa origem aos sumérios, egípcios e principalmente aos fenícios. O alfabeto que utilizamos hoje é o latino e possui 26 letras, entre vogais e consoantes.

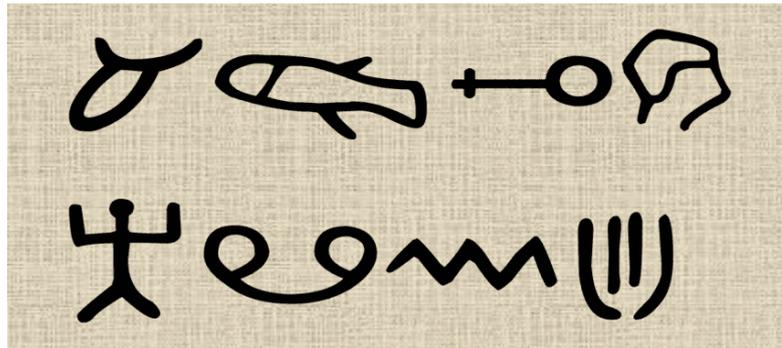
Andrade (2001) nos apresenta dizeres referentes à fase alfabética, citando que a mesma tem como característica o uso de letras, as quais, ainda que tenham origem nos ideogramas, deixaram de assumir seu valor ideográfico e admitiram um novo atributo de escrita: o modelo puramente fonográfico. Em se tratando de ideograma, o mesmo deixou de apresentar seu porte pictórico e passou a ser meramente um modelo fonético (ANDRADE, 2001, p. 1).

Historiadores atribuem as primeiras reproduções das palavras a um povo semita que vivia próximo ao Egito, há cerca de 5,5 mil anos aproximadamente. Em relação à representação fonética das palavras, a mesma é atribuída aos fenícios, sendo o modelo primitivo empregado atualmente. Merege (2016) relata que evidências arqueológicas foram descobertas em inscrições antigas, especialmente as de Biblos e Ras Shamra (antiga Ugarit), localizada na região da Síria, tais achados apontam a Fenícia como o autêntico local de surgimento do alfabeto.

O desenvolvimento do alfabeto se deu, de acordo com Merege (2016, p. 2), “possivelmente, inspirado num amálgama das várias escritas existentes no Oriente e no Mediterrâneo – e compreendia 22 sinais lineares que se gravavam da direita para a esquerda”. Por apresentar uma escrita mais simplificada que os sistemas antecessores, essa escrita se espalhou por suas colônias e pelas demais regiões adjacentes, surgindo, assim, as primeiras formas do alfabeto hebraico e também do aramaico.

Branco e Tomelin (2007) acredita que, com o intuito de facilitar as operações comerciais, os fenícios tenham ajustado os hieróglifos egípcios e a escrita linear dos cretenses, concebendo, assim, uma escrita fonética. Alguns pesquisadores acreditam que a concepção do alfabeto é uma das conquistas mais reconhecidas realizadas pelos fenícios até então. Criado por volta do ano 2000 a.C., o alfabeto fenício fazia uso de símbolos para exprimir sons, o que constituiu um considerável avanço na simplificação da escrita, de acordo Branco e Tomelin (2007). Esta escrita fonética é denominada protossinaítica (Figura 4), e, provavelmente, recebeu esse nome porque sua descoberta se deu na região do Sinai.

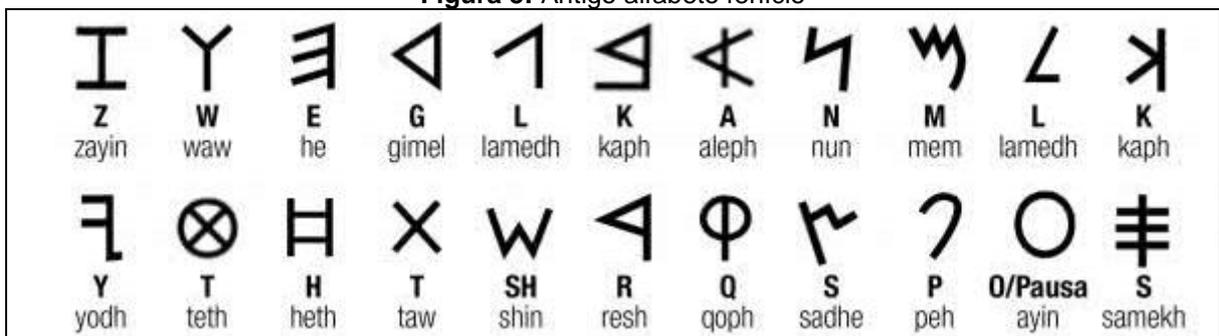
Figura 4: Escrita protossinaítica



Fonte: Disponível em: <https://jonathan-frate.com/2018/09/06/alfabeto-hebraico/> Acesso em 5 de dez. 2019.

Ao lermos a obra “História concisa da escrita”, de Charles Higounet, percebe-se o percurso que o antigo alfabeto fenício percorreu rumo à origem de todos os alfabetos existentes. Ele é composto por 22 símbolos que permitem a construção da exibição fonética de qualquer vocábulo.

Figura 5: Antigo alfabeto fenício



Fonte: Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/origem-do-alfabeto/>. Acesso em 5 de dez. 2019.

Historiadores apontam que o alfabeto latino seja, hoje, o mais utilizado no mundo e que o mesmo deriva do alfabeto grego ocidental (variante eubeiana, via o abecedário etrusco). Já o alfabeto grego, acredita-se que tenha sua origem no alfabeto fenício, no qual cada símbolo representava uma consoante e, como referência, tinham o alfabeto semita (FRANCISCO, 2020c). Os fenícios conceberam um conjunto de 22 consoantes, os gregos introduziram as vogais mais tarde e, com várias outras modificações, chegaram à base do alfabeto latino, um instrumento bastante prático como meio de comunicação. Higounet (2003, p. 104) afirma que “as diferenças de forma entre o alfabeto grego e o abecedário latino provêm, em todo caso, da origem oriental daquele e ocidental deste”.

O alfabeto latino é, definitivamente, um alfabeto grego ocidental transformado, por uma forte influência etrusca, em um dos alfabetos itálicos. Se foi o único a sobreviver entre eles, é porque se tornou o alfabeto do povo vencedor, que o impôs inicialmente à Península Itálica, depois a todo o Ocidente antigo, com sua língua e sua escrita. (HIGOUNET, 2003, p. 105)

Sven Ohman (*apud* KATO, 1990, p. 16) ressalta que a concepção da escrita alfabética é uma "descoberta", pois, quando o indivíduo passou a fazer uso de um símbolo para um som específico, ele simplesmente operou conscientemente com seu aprendizado da composição fonológica de sua língua.

Com o advento da Internet, que é, ainda hoje, o maior dispositivo de comunicação e informação concebido pelo homem, escrever tornou-se mais fácil e também mais cômodo, o que justifica o aumento do número de escritores e criou-se uma nova cara para a língua escrita. Em contrapartida, com a chegada das redes sociais, muito se perdeu da escrita formal e novas formas de se transmitir mensagens usando a escrita ganharam vez, principalmente entre os jovens.

1.3 O ALFABETO HEBRAICO

O hebraico é uma língua criativa: o universo, globalmente, e a natureza, no detalhe, não são nada além de uma combinação de letras. (EISENBERG; STEINSALTZ, 2015, p. XVII)

Tendo relatado, ainda que brevemente, o surgimento da escrita e do alfabeto anteriormente, passemos a comentar agora sobre o alfabeto hebraico, um importante instrumento para a mística judaica, que o considera sagrado.

O enredo que diz respeito à descoberta do alfabeto hebraico confunde-se com a história da criação do próprio abecedário. Hubner (2012, p. 1) relata que o abecedário hebraico “mantém, até os dias de hoje, o mesmo número de letras, na mesma ordem, e com os mesmos valores fonéticos que possuíam os alfabetos semíticos primitivos há mais de três mil anos, enquanto diversos outros alfabetos sofreram alterações”.

O alfabeto hebraico provém da escrita aramaica, de acordo com Higounet (2003), não devendo-se omitir totalmente de sua composição a escrita paleo-hebraica. “De todo modo, ele se vincula por um e outro desses canais, ao alfabeto fenício” (HIGOUNET, 2003, p. 72). As letras desse alfabeto “têm como principal característica a polissemia: ‘cada letra forma um mundo à parte’ nas dimensões numérica, filológica,

semântica e gráfica”, como relatam Eisenberg e Steinsaltz (2015, p. XIV). Esse alfabeto, conhecido como “alef-beit” (é a forma como pronunciamos suas duas primeiras letras), é composto por 22 letras que são escritas de forma bem distinta do que conhecemos na língua portuguesa, inclusive ao contrário do que nós fazemos, elas são escritas da direita para a esquerda e não há diferença entre letras maiúsculas e minúsculas.

Quanto à característica que o alfabeto hebraico apresenta no quesito semântica, se justifica porque na mística judaica ao estudar a Torá, cada palavra tem um significado e cada um desses significados é interpretado em um contexto específico. Eles também analisam as possíveis mudanças de sentido ao trocar uma letra, acrescentar outra, fazendo analogias em algumas interpretações.

A dimensão numérica é alcançada porque as letras hebraicas possuem dois significados representados em um mesmo signo, lembremo-nos que elas são letras e numerais. A dimensão filológica é imputada porque o estudo da Torá implica no estudo da língua hebraica, envolto ao misticismo judaico. Quanto à dimensão gráfica, as letras do alfabeto são praticamente desenhadas e acabam por representar imagens como, por exemplo: o boi, a cabeça, olho, espada, entre outras que apresentaremos no próximo capítulo.

Uma importante descoberta, encontrada em 2008, próxima ao vale de Elah, foi o óstraco de Khirbet Qeiyafa, trata-se de

um texto de cinco linhas muito pouco legível e escrito da esquerda para a direita (há quem afirme que a escrita seja vertical). As letras parecem ser um proto-hebraico, pois o texto teria palavras que só se encontram na língua hebraica. Nesse caso, seria o texto hebraico mais antigo encontrado até hoje. (KAEFER, 2015, n.p.)

Para Francisco (2007, p. 325), o modelo mais arquetipo do alfabeto hebraico é denominado paleohebraico, “muito semelhante ao alfabeto fenício”. Em sua fala, relata que após o exílio babilônico, o alfabeto paleohebraico foi substituído de forma gradativa pelo alfabeto hebraico quadrático que é de origem aramaica. Vale destacar que esse alfabeto quadrático é a maneira com a qual se escreve o hebraico atualmente. A seguir, apresentamos na Figura 6, o alfabeto hebraico e, na Figura 7 duas formas de escrita do mesmo:

Figura 6: Alfabeto hebraico

א	ב	ג	ד	ה	ו	ז	ח	ט
<i>alef</i>	<i>beit</i>	<i>guimmel</i>	<i>dalet</i>	<i>hei</i>	<i>vav</i>	<i>zayin</i>	<i>chet</i>	<i>tet</i>
י	כ	ל	מ	נ	ס	ע	פ	צ
<i>yud</i>	<i>caph</i>	<i>lamed</i>	<i>mem</i>	<i>nun</i>	<i>samech</i>	<i>ayin</i>	<i>pei</i>	<i>tzadik</i>
ק	ר	ש	ת	ך	ם	ן	ף	ץ
<i>kuf</i>	<i>reish</i>	<i>shin</i>	<i>tav</i>	<i>kaf final</i>	<i>mem final</i>	<i>nun final</i>	<i>pei final</i>	<i>tzadik final</i>

Fonte: Sod (2013, p. 4)

Figura 7: Alfabeto hebraico nas formas de imprensa e simplificada

formas de imprensa	formas simplificadas
א	א
ב	ב
ג	ג
ד	ד
ה	ה
ו	ו
ז	ז
ח	ח
ט	ט
י	י
כ ך	כ ך
ל	ל
מ ם	מ ם
נ ן	נ ן
ס	ס
ע	ע
פ ף	פ ף
צ ץ	צ ץ
ק	ק
ר	ר
ש ש	ש ש
ת	ת

Fonte: Francisco (2020b, p. 2)

Vale lembrar que o alfabeto fonético criado pelos semitas apresentava algumas características peculiares, isso se levarmos em consideração o nosso sistema alfabético. Uma das peculiaridades era, por exemplo, o fato de representar

apenas as consoantes (salvo uma vogal ou outra, em poucos casos). Da mesma maneira o método alfabético hebraico comporta-se. Ao ler um texto em hebraico, as vogais devem ser deduzidas pelo contexto ou pela palavra, sempre que possível. Esse fato torna difícil a leitura para quem não domina a língua hebraica.

Com o intuito de romper essa barreira (falta de sinais gráficos para indicarem nos vocálicos) da leitura em hebraico, para auxiliar na leitura da Torá³ e ainda preservar a pronúncia correta do hebraico, os massoretas (grupo de escribas) criaram sinais para representar os sons vocálicos hebraicos. Esse fato aconteceu a partir do século VI aproximadamente. É importante destacar que não se alterou as letras, apenas acrescentou-se pontos e alguns traços ao redor de suas consoantes. Esses sinais acrescentados às letras são denominados *neqûdot* ou sinais⁴ de vocalização massorética.

Abaixo, na Figura 8, transcrevemos como os sinais das vogais hebraicas ficaram após sua criação pelos massoretas, relacionando também os nomes dos *neqûdot*:

³ “A etimologia da palavra Torá é um assunto muito debatido entre os/as estudiosos/as do AT. [...] As definições propostas não se divergem, mas, pelo contrário, contribuem para o seu sentido maior. (1) Na tentativa de historiar a interpretação do termo hebraico Torá, F. Garcia Lopes propõe três etimologias: em primeiro lugar, a palavra Torá deriva-se da raiz verbal *yarah*, lançar, atirar. Com o desenvolvimento da semântica, este verbo ganhou o significado de apontar, com o dedo ou a mão, o caminho certo; em segundo lugar, a palavra Torá vem da mesma raiz verbal *yarah*, agora, empregado na conjugação *hifil*, com o sentido de lançar os instrumentos do oráculo, urim e tumim (Ex 28,30; Dt 33,8) para interpretar o futuro; por fim, Torá vem do acádico, e significa algo que transmite instrução que inclui conhecimento e prática (Theological Dictionary of the Old Testament, Volume XV, p. 611; conforme (James A. Sanders, *Torah & Canon*, Philadelphia: Fortress Press).[...] Evidentemente que não podemos definir o significado da Torá com base na sua etimologia. No AT, o significado de Torá tornou-se dinâmico na história do povo bíblico. (2) Na literatura sapiencial popular, a palavra hebraica *tôrah* foi empregada com o sentido de ensinamento da mãe e do pai (Pr 1,8; 4,1-2; 6,20). Apesar desta definição encontra-se no âmbito sapiencial (F. Garcia Lopes, p. 632; Frank Crüsemann, *A Torá*, p. 11-16), é perfeitamente possível reconhecer que o sentido de Torá foi resguardado e reinterpretado dentro da cultura do povo israelita, e o seu objetivo é, acentualmente, pastoral”. (SIQUEIRA, 2015, p. 100-101).

⁴ O sistema de vocalização do hebraico bíblico foi elaborado pelas duas principais escolas de massoretas, a de Ben Asher e a de Ben Naftali, ambas ativas no século X, em Tiberíades, na Palestina. Esse sistema é conhecido como tiberiense, sendo desenvolvido entre os séculos VIII e X. Além do sistema tiberiense, havia, ainda, outros dois métodos mais antigos: o babilônico (séc. VII a IX) e o palestino (séc. VIII a IX), mas ambos caíram em desuso e não são mais utilizados. Somente a vocalização tiberiense é usada hoje em dia tanto no hebraico bíblico como no hebraico moderno. A maioria dos manuscritos massoréticos surgidos durante a Idade Média reflete o sistema de vocalização tiberiense pertencente principalmente à escola de Ben Asher. (FRANCISCO, 2020a, p. 3)

Figura 8: Sinais das vogais hebraicas, com respectivos nomes

	A	E	I	O	U
	פתח ou פתח	סגול ou סגול	חיריק ou חיריק	קמץ ou קמץ	קבוץ ou קבוץ
Breves	<i>pattāḥ</i> ou <i>paṭaḥ</i>	<i>seǰól</i> ou <i>saǰól</i>	<i>ḥîrîq</i> ou <i>ḥîreq</i>	<i>qāmēs</i> <i>qātān</i>	<i>qubbûš</i> ou <i>qibbûš</i>
	◌ֿ	◌ֿ	◌ֿ	◌ֿ	◌ֿ
	(a)	(e)	(i)	(o)	(u)
	ex.: tarde	ex.: era	ex.: item	ex.: costa	ex.: rótulo
	קמץ ou קמץ	צרי	חיריק יוד	חולם ou חולם	שורק ou שורק
Longos	<i>qāmeš</i> ou <i>qāmaš</i>	<i>šērē</i>	<i>ḥîrîq-yôd</i>	<i>ḥôlem</i> ou <i>ḥôlām</i>	<i>šûreq</i> ou <i>šûrûq</i>
	◌ֿ	◌ֿ	◌ֿ	◌ֿ e ◌ֿ	◌ֿ
	(ā)	(ē)	(î)	(ō) e (ô)	(û)
	ex.: cantor	ex.: medo	ex.: hino	ex.: povo	ex.: uva

Fonte: Francisco (2020a, p. 1)

Há, ainda, um outro sinal chamado *shəwá*, representado por dois pontos, um embaixo do outro. Este sinal significa que a consoante não possui vogal ou, por vezes, tem o som da letra *ə* também. Hubner (2012) indica que o calendário de Gezer é uma das evidências mais importantes do hebraico antigo, sendo escrito por volta do século X a.C. Segundo ele, este calendário é um registro das atividades agrícolas, descoberto por volta do ano de 1907, na Palestina.

Assim como ocorreu com outras línguas, o hebraico se desenvolveu por camadas, sendo que cada uma representa um período da língua, e encontramos traços peculiares de todas elas em nossa atual linguagem escrita e falada, é o que relata Rabin (1973).

O sistema alfabético hebraico evoluiu, assim como os demais alfabetos, com o intuito de ajudar os indivíduos que não possuem domínio da língua, pelo menos era essa a intenção. Entretanto, sua escrita ainda consonantal, continua dificultando a leitura de pessoas leigas no idioma.

1.4 O SURGIMENTO DOS NÚMEROS

Da afirmação, bela e fecunda, da existência duma ordenação matemática do Cosmos - todas as coisas têm um número - fez-se esta outra afirmação, bem mais grave e difícil de verificar - as coisas são números. (CARAÇA, 1984, p. 72)

Não é de hoje que os números portam um sentido muito significativo, os mesmos podem expressar qualidades e poderes cósmicos. Desta feita, o seu conceito

e influência sobre os indivíduos tornaram-se motivos de pesquisas das mais variadas. Aristóteles relata, em sua *Metafísica*, que para os pitagóricos os números são os elementos que constituem a matéria. Os números portam também uma verdadeira humanidade,

porque são parte da configuração cultural, porque são fragmentos do capital cultural, das objetividades da imaginação humana. São grafias possíveis do sempre mais amplo estoque de experiências acumuladas e de leituras cognoscentes. São humanos os números, porque são criações humanas (ALMEIDA, 2006, p. vi).

O surgimento dos números ocorre a partir do instante em que se percebe a necessidade de contagem de objetos ou animais. É provável que tal fato tenha acontecido há mais de 30.000 anos, segundo relatos. A história cita que, naquela época, as pessoas habitavam em grutas e cavernas e ainda não conheciam a ideia de números, porém a necessidade de se utilizar a contagem já se mostrava constante. Estudos mostraram que, em várias regiões do planeta, investigações antropológicas e arqueológicas identificaram a utilização de algarismos pelos indivíduos há cerca de aproximadamente 6000 anos.

Verifica-se a presença dos números em

todos os componentes do mundo que nos cerca. Desde coisas muito grandes, como aglomerados de galáxias, até as muito pequenas, como partículas elementares de núcleos atômicos ou seres vivos, desde baleias até amebas, ou porções de matéria ou de energia, cada qual possui seu próprio conjunto de números característicos, sofrendo variações o tempo todo. Os números nasceram junto com o Universo e dele fazem parte. (COSTA, 2005, p. 7)

A partir do momento que o homem enxerga que precisa se fixar em um determinado lugar, ele não mais se dedica somente à pesca, caça ou coleta de frutos, surge também daí o mecanismo de contagem, que culminou no desenvolvimento de diversas outras práticas corriqueiras ligadas às suas ocupações. Historiadores relatam que no Oriente Médio deu-se início às primeiras formas de lavoura, logo após viu-se a necessidade de se controlar também o rebanho. Com o intuito de realizar essa tarefa, eles jogavam uma pedrinha em um saco para cada animal que saía para acompanhar o rebanho, no final do dia eles faziam exatamente o inverso, ou seja, para cada animal que voltava, retirava-se uma pedrinha do saco. Dessa forma, eles conseguiam verificar que quando essa quantidade de pedrinhas era diferente da

quantidade de animais, notava-se a falta deles ou viam que estava sobrando. Surgia assim, a palavra cálculo, derivada da palavra *calculus* em latim, que significa pedrinha (a história contada já deixa clara a origem do significado). Outras maneiras utilizadas para a contagem eram marcas nas paredes, talhes em ossos, nós em cordas, gravuras em cavernas, entre outras.

Boyer (1998) afirma que algumas descobertas arqueológicas trazem provas de que a ideia de número é certamente mais antiga que certos avanços tecnológicos tais como o uso de veículos com rodas ou o uso de metais. Para ele, essa ideia antecede a civilização e a escrita, já que os artefatos com significado numérico encontrados vêm de um período cerca de trinta mil anos atrás. No que se refere a outras evidências relativas às ideias primitivas sobre números, encontramos na linguagem atual, as palavras *eleven* (onze) e *twelve* (doze) que originalmente significavam “um a mais” e “dois a mais” (BOYER, 1998, p. 3).

O conceito de número foi evoluindo assim como o da escrita, ao longo da história, e foram descobrindo maneiras mais fáceis de se trabalhar esse conceito. Desde seu surgimento, ocorreram diversas mudanças e essas representações numéricas passaram a ser escritas por meio de expressões, símbolos, vocábulos etc. Os primeiros números a surgir foram os números naturais, o nome já deixa claro que eles surgiram de modo natural pelos processos de contagem, logo após houve a necessidade de introduzir também os números inteiros no cotidiano. Essa evolução numérica continuou e hoje temos também os números racionais, irracionais, reais e os complexos.

O pensamento pitagórico julgava que a matemática era o princípio de todos os seres e, dessa forma, concluíram ser, “portanto o número a substância de todas as coisas” (ARISTÓTELES, 1979, p. 23).

[...] os chamados pitagóricos consagravam-se pela primeira vez às matemáticas, fazendo-as progredir, e, penetrados por estas disciplinas, julgaram que os princípios delas fossem os princípios de todos os seres. Como, porém, entre estes, os números são, por natureza, os primeiros, e como nos números julgaram aperceber muitíssimas semelhanças com o que existe e o que se gera, de preferência ao fogo, à terra e à água (sendo tal determinação dos números a justiça, tal outra a alma e a inteligência, tal outra o tempo, e assim da mesma maneira para cada uma das outras); além disto, como vissem os números as modificações e as proporções da harmonia e, enfim, como todas as outras coisas lhes parecessem, na natureza inteira, formadas à semelhança dos números, e os números as realidades primordiais do Universo, pensaram eles que os elementos dos números fossem também os elementos de todos os seres, e que o céu inteiro fosse harmonia e número (ARISTÓTELES, 1979, p. 21).

Considera-se que a escrita seja, possivelmente, o ponto de partida para a representação de um número. No entanto, Boyer (1998) acredita que os sinais para identificar a ideia de um número precederam as palavras. Exemplo disso é a prática de se representar um número por meio dos dedos das mãos, ela vem antes do início dos registros dos números por símbolos.

Os primeiros sistemas de escrita apareceram com a finalidade de representar aspectos cognitivos relativos ao exercício do cálculo, tais como: cobrança, acúmulo, divisão e distribuição de riquezas. Essa foi a conclusão de determinadas investigações arqueológicas realizadas em variadas partes do planeta (MENDES, 2006).

A aparência dos números pode, muitas vezes, nos enganar porque eles demonstram ser diretos e bem simples, mas quem lida com a matemática no cotidiano sabe que diversos cálculos que os envolvem são árduos e alguns demandam muito tempo e muita escrita para se chegar ao número esperado. Explicar o que eles representam, por vezes, acaba sendo mais complexo do que usá-los. Dependendo da sociedade em que se vive, os números podem ser representados por símbolos dos mais variados, são fatores que levam em consideração a cultura e a forma de escrita utilizada.

O sistema decimal de algarismos - 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 - que utilizamos hoje, é capaz de exibir todos os números possíveis, ainda que estes sejam bem grandinhos. Trata-se de uma criação relativamente nova, cerca de 1500 anos atrás, conforme alguns pesquisadores. Com a criação dos símbolos escritos que designam os números, ou seja, os algarismos, dá-se início a uma nova história da matemática.

A evolução da sociedade, sem os números, não existiria como agora a conhecemos e usufruímos. Os números estão praticamente em toda parte, embora nem toda a sua aplicação sirva para melhorar a condição humana. Em 1984, a escritora Clarice Lispector, publicou uma crônica a respeito da presença dos números em nosso cotidiano. Nessa crônica, ela nos chama a atenção para que não percamos nossa essência humana em detrimento da essência numérica. A seguir, um trecho da referida crônica denominada “Você é um número”:

Se você não tomar cuidado vira um número até para si mesmo. Porque a partir do instante em que você nasce classificam-no com um número. Sua identidade no Félix Pacheco é um número. O registro civil é um número. Seu título de eleitor é um número. Profissionalmente falando você também é. Para ser motorista, tem carteira com número, e chapa de carro. No Imposto de Renda, o contribuinte é identificado com um número. Seu prédio, seu

telefone, seu número de apartamento - Tudo é número. (LISPECTOR, 1984, p. 572-573)

Stewart (2014) indaga sobre o surgimento dessa enorme indústria numérica e ele mesmo responde dizendo que o mesmo tenha ocorrido por volta de 10 mil anos atrás, no Oriente Próximo, tendo início com pequenos objetos de argila. Nessa época, ainda sem a existência da escrita e sem símbolos para os números, os contadores detinham

controle sobre quem possuía o quê e quanto - [...] Em lugar de símbolos numéricos, esses contadores antigos usavam objetos de argila, *tokens*. Alguns eram cones, outros eram esferas e outros, ainda, tinham formato de ovo. Havia cilindros, discos e pirâmides. (STEWART, 2014, p. 13)

De acordo com Stewart (2014), os *tokens* acabaram ficando mais práticos e funcionais com o passar dos anos. Percebeu-se que esses objetos representavam mais que um mecanismo de contagem, era o princípio para o uso dos símbolos numéricos e matemáticos, que aparentemente, surgiu por um acaso. Segundo o mesmo autor, o lado bom de usar os *tokens* era o fato de que eles podiam ser dispostos em padrões, para saber quantos animais ou a quantidade de grãos que alguém possuía ou que estava devendo. O único problema é que eles podiam apresentar falsificações. Para driblar esse problema, os contadores os envolviam em invólucros de argila. Desta forma, descobria-se de maneira fácil e rápida a quantidade de *tokens* que havia dentro dos invólucros, também era possível classificar o tipo de *token*, para isso bastava abri-los, nos relata Stewart (2014).

Stewart (2014) acredita que o fato de quebrar repetidamente um invólucro e depois ter que refazê-lo, constituía um modo ineficaz de descobrir o que estava dentro dele. Desta forma, os contadores pensaram em algo promissor: escrever símbolos em torno dos invólucros, listando todos os *tokens* que havia em seu interior. Desenhava-se esferas, cones ou o que tivesse em seu interior exatamente o número de vezes que demonstrasse a quantidade interna dos *tokens*. Esses feitos tornaram possível a representação de quantidades por símbolos e com diferentes formatos, os demais símbolos numéricos são descendentes desse antigo mecanismo. É provável que essa substituição de *tokens* por símbolos tenha sido um dos fatores que colaboraram para o surgimento da escrita (STEWART, 2014, p. 14).

A evolução da representação de número foi resultado de um processo lento, mas que envolveu, com certeza, a lógica no intuito de facilitar esse mecanismo. No relato de Stewart, exposto acima, percebe-se que o homem é um ser criativo e sempre procura diminuir seu trabalho intelectual, que é um fator preponderante no avanço da matemática e também de outras ciências. Muitos resultados que se tem hoje, nesse campo, são frutos de indivíduos que buscaram processos numéricos, lógicos ou cognitivos em busca de resultados mais rápidos e eficazes. Vale lembrar que o erro, muitas vezes, faz parte do processo. Entretanto, é fundamental para o crescimento intelectual e psicológico do indivíduo no nosso ponto de vista.

Vimos que no tocante ao desenvolvimento da matemática, o processo de contagem, já citado anteriormente, possibilitou ao indivíduo contar sem ao menos conhecer os números. As necessidades do cotidiano foram um dos fatores principais para essa evolução no campo do saber matemático. A contagem por correspondência, que remonta ao princípio de contagem (bastante utilizado pelos matemáticos), deu ao homem essa capacidade de enumerar sem que o mesmo tenha conhecimento desse recurso tal como ele é hoje. Gostando de matemática ou não, é necessário ter o mínimo de conhecimento dessa ciência, já que ela faz parte da nossa rotina e é notável sua aplicação em diversas áreas.

1.5 NÚMEROS E ALFABETO HEBRAICO: UMA ESTREITA RELAÇÃO

Que os números sejam instrumentos da Criação,
é um dogma de Pitágoras de Jâmblico; que as letras
o sejam, é indício claro do novo culto da escritura.
(Jorge Luís Borges)

Nosso sistema de numeração decimal é bem semelhante ao sistema de numeração hebraico, entretanto, no nosso sistema fazemos uso dos algarismos denominados indo-arábicos, enquanto no hebraico usam-se as letras do método alfabético como numerais. Essas atribuições numéricas foram dadas às letras e se mostraram necessárias porque os povos antigos não possuíam outra forma de reproduzir os números como temos hoje. Dessa forma, resolveram utilizar as letras do abecedário como alternativa e, foi assim que cada uma delas passou a representar um número específico. Com essas novas atribuições dadas às letras do alfabeto hebraico, cada palavra ou frase acabou assumindo também um valor numérico, ou

seja, cada letra é vista como um número também. No quesito língua portuguesa, em nossas pesquisas verificamos que os números escritos em hebraico apresentam a forma masculina e feminina e devem concordar em gênero com o sujeito.

Segundo Mendes (2006, p. 62), o sistema hebraico “de numeração é decimal e sexagesimal, possivelmente, originado do hábito de processar a contagem com os dedos das mãos e do sistema criado e praticado pelos sumérios”. Já citamos antes, mas vale reforçar que “em hebraico o nome das dezenas, de trinta a noventa, é o plural dos números de três a nove” (MENDES, 2006, p. 62). Nesse sistema, não há o número zero, assim como no sistema romano, e o valor total de uma palavra é representado pela soma de suas letras.

O fato de cada letra do abecedário hebraico ser vista como numeral torna essa relação bem estreita, afinal de contas, são dois significados em uma única letra, podemos enxergar um número ou uma letra de acordo com o que acharmos conveniente ou necessário. A Figura 9, abaixo, apresenta os valores de cada uma das letras do alfabeto hebraico:

Figura 9: Alfabeto hebraico e valor numérico

א	1	י	10	ק	100
ב	2	כ	20	ר	200
ג	3	ל	30	ש	300
ד	4	מ	40	ת	400
ה	5	נ	50	ך	500
ו	6	ס	60	ם	600
ז	7	ע	70	ן	700
ח	8	פ	80	ף	800
ט	9	צ	90	ץ	900

Fonte: Disponível em: <<http://esoterismojudaico.blogspot.com/2018/07/codificacoes-cabalisticas-de-letras-e.html>> Acesso em 15 de dez. 2019

É importante salientar que esse fato de cada letra hebraica possuir um valor numérico significa que as palavras podem ser convertidas em números, que depois de somados vão gerar outro número que pode ser reduzido ou não a um único

algarismo. Lembremo-nos que a Bíblia Hebraica é uma coletânea de livros e que uma boa parte dela, inclusive a Torá, foi escrita em hebraico, a língua falada pelos hebreus na época. Desta forma, podemos observar uma parte da Torá sob o ponto de vista numérico também, ou seja, como um aglomerado de números. Ainda falando sobre a língua hebraica, podemos dizer que ela é a língua oficial do moderno Estado de Israel, mas há também a presença da língua árabe na região.

O conjunto dos primeiros cinco livros da Bíblia Hebraica forma a Torá, outro nome dado a esse conjunto de livros é Pentateuco. A Torá significa tanto o ensino judaico, como lei ou instrução, mas neste estudo a utilizamos para nos referir tão somente aos cinco primeiros livros da Bíblia. Nela, encontram-se relatos sobre a origem do mundo, da humanidade e também sobre a nação de Israel. Ao longo dos anos, vários pesquisadores estudaram a possibilidade de a Torá estar codificada, tais estudos levam em consideração o misticismo aliado à criptografia⁵. Fortuna (2010) relata que os cabalistas se concentravam no formato da Torá e não somente em seu conteúdo e que os mesmos

buscavam, através de métodos criptográficos, combinar as letras, formando novas palavras e, portanto, novos sentidos. Valiam-se também de um *corpus symbolicum* (o qual, na sua opinião, estava disponível na Torá), que [...] era composto por “uma série de imagens irracionais que, a seu modo de ver, permitia compreender as obras de Deus, a humanidade e o cosmos com mais êxito que as formulações dos filósofos”. (FORTUNA, 2010, p. 58)

Um dos fatores que tornam a escrita hebraica interessante é sua polissemia, já que as letras não servem apenas para formar vocábulos. Segundo os rabinos, o mundo foi criado pelas palavras escritas por esse alfabeto. Dessa forma, se analisarmos sob a ótica numérica, pode-se dizer que o mundo foi criado através dos números, fato que nos reporta automaticamente à escola pitagórica.

Apresentar a história do abecedário hebraico, dos números e de sua estreita relação pode proporcionar aos leigos e demais interessados uma maior compreensão da escrita e da matemática devido à contextualização. Uma discussão mais ampla que trata sobre essa relação entre os números e o sistema alfabético hebraico será

⁵ Com o objetivo primordial de ocultar uma mensagem, – a criptografia - que deriva de dois vocábulos gregos: *kryptós*, que significa oculto, escondido e *gráphein/grápho* que significa escrever, grafar, não esconde a existência da mensagem, apenas oculta o seu significado. O termo criptografia é usado muitas vezes como sinônimo de criptologia, abrangendo assim, a criptanálise que tem por objetivo descobrir os segredos, quebrar a confidencialidade entre emissor e receptor, ou seja decodificar a mensagem. (FIARRESGA, 2010, p. 3-4)

objeto de nosso estudo no capítulo seguinte, no tocante à gematria. Essa relação retrata, ainda, um contexto simbólico que as envolve e contribui para a validação dos fatos que pretendemos demonstrar com esse estudo, trazendo à tona um misticismo aliado à ferramenta matemática denominada criptografia, junto ao judaísmo.

CAPÍTULO II

MISTICISMO E SUAS ARTICULAÇÕES COM O IMAGINÁRIO, A CABALA E A GEMATRIA

A chave do místico é procurar ver o que está por trás de cada coisa, o que a constitui e sustenta. Não ficar preso ao superficial, mas fazer de tudo um símbolo, um sinal, um sacramento, uma imagem.
(Leonardo Boff)

Tendo abordado no primeiro capítulo a relação intrínseca dos números com o alfabeto hebraico, este capítulo se encarregará de tratar sobre o assunto gematria, nomeadamente em suas articulações com o misticismo e a cabala. Partindo de uma reflexão prévia sobre o seu conceito e o que algumas vertentes religiosas, sobretudo a cabala, entendem acerca da mesma, evoluirá rumo à aplicação desse conceito a alguns exemplos, horizonte mais amplo donde simplificaremos nosso olhar para a realidade cotidiana. Vale lembrar que a numerologia está no âmago da gematria e, de certa forma, a falta de compreensão da numerologia leva a não visibilidade da verdadeira beleza e simplicidade plena da matemática existente nesse assunto. Esse princípio denota que a matemática não é apenas quantitativa, mas também qualitativa. Importante ressaltar também a forte influência da teoria do imaginário nessas questões, que deixa o elo entre o sistema alfabético e números mais forte ainda, não só via gematria, mas também via numerologia, entre outros.

2.1 TEORIA DO IMAGINÁRIO

A história ensina-nos que o homem não teria alcançado o possível se, muitas vezes, não tivesse tentado o impossível.
(Max Weber)

Há uma inquietação junto aos episódios inexplicáveis do mundo – é um dos fatores que leva boa parte da humanidade a recorrer ao imaginário e acreditar que, por trás de tudo, possa existir uma força superior ou um fenômeno sobrenatural. Hamer (2005), um geneticista norte-americano, afirma a existência de um gene da espiritualidade que seria responsável por uma predisposição à crença - seja em algum tipo de Deus, seja em qualquer outro fenômeno sobrenatural. Tal gene foi batizado pela sigla *VMat2* e teria sido isolado pelo geneticista e sua equipe, no Instituto

Nacional de Câncer, nos EUA. O mesmo autor ressalta que as características de espiritualidade estariam presentes em praticamente todos os indivíduos, crendo dessa forma no fator hereditariedade, que reflete a existência de um fator genético.

A ideia de imaginário implica diversas interpretações, principalmente da segunda metade do século XX em diante, e foi relatada por vários autores. Podemos citar aqui alguns autores que fundamentam o estudo dessa temática, são eles: Gaston Bachelard, Michel Mafessolli, Gilbert Durand, Sigmund Freud, Jaques Lacan, Cornelius Castoriadis, Henri Corbin, Jean-Jacques Wunerburger, Alberto F. Araújo. Já no Brasil, vale destacar: José Carlos de Paula Carvalho, Maria Cecília S. Teixeira, Maria do Rosário S. Porto, Danielle de P. R. Pitta, Iduína M. B. Chaves, João de Deus V. Barros, dentre outros. Seus escritos possibilitaram a investigação do imaginário, corroborando uma melhor compreensão já que abordaram a temática por diferentes perspectivas.

O fato de a sociedade, junto à contemporaneidade, ainda estar permeada de incertezas (quanto à vida após a morte, de onde viemos etc), receios e descrenças, leva os indivíduos a conceber mitos, doutrinas e utopias - deuses, oráculos, heróis, entre outros - como mecanismos de fortalecimento com o intuito de combater a dura e, por vezes, triste realidade do cotidiano. Alguns autores indicam as redes sociais como um dos instrumentos de formação do imaginário da pós-modernidade, entretanto, o imaginário teve seu conceito definido bem antes da invenção da internet.

Boatini Júnior (2016) ressalta que definir o imaginário não é uma tarefa fácil, já que o termo não possui um conceito convincente. Lembra ainda que, com certa frequência, refere-se a ele

com uma certa ambiguidade. Por essa razão, é necessário recorrer a diferentes correntes do pensamento para uma ampla compreensão sobre o tema. Fenômeno social e coletivo, o imaginário circula através da história, uma vez que a vida humana é constantemente submetida a impulsos imaginários e construções mentais. (BOATINI JÚNIOR, 2016, p. 15-16)

Para uma melhor compreensão do imaginário contemporâneo, Boatini Júnior (2016, p. 17) cita Durand que o compara, metaforicamente, como “o museu de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas”. Durand apresenta um discurso considerável para o imaginário, dizendo que ele é

esta encruzilhada antropológica que permite esclarecer um aspecto de uma determinada ciência humana por um outro aspecto de uma outra. [...] Mais do que nunca, reafirmamos que todos os problemas relativos à significação, portanto ao símbolo e ao Imaginário, não podem ser tratados - sem falsificação - por apenas uma das ciências humanas. [...] Para poder falar com competência do Imaginário, não nos podemos fiar nas exiguidades ou nos caprichos da nossa própria imaginação. (DURAND, 2012, p.18-19)

Durand (2012) continua seu discurso relatando que precisamos ter um repertório quase exaustivo do imaginário normal e patológico em todas as camadas culturais que a história, as mitologias, a linguística, a etnologia e as literaturas nos transmitem.

Almeida (2014) nos diz que o imaginário está ligado à semiótica, aos símbolos, aos sentidos, à cultura e também à metanarrativa. E ao considerar o texto jornalístico como um gênero que constrói significados sobre a realidade, percebe-se que o imaginário se relaciona não só com a construção do texto, mas também com a sua hermenêutica. Nessa afirmação última, apesar de não estarmos trabalhando com um texto jornalístico em nosso estudo, mas sim com textos da Torá, percebemos a mesma relação com o imaginário porque, sem dúvida ele realmente participa ativamente em sua hermenêutica.

Barbier (1994, p. 15) cita algo relativo ao imaginário, dizendo que o termo tem

significados diferentes para cada um de nós. Para uns, o imaginário é tudo o que não existe; uma espécie de mundo oposto à realidade dura e concreta. Para outros, o imaginário é uma produção de devaneios de imagens fantásticas que permitem a evasão para longe das preocupações cotidianas. Alguns representam o imaginário como um resultado de uma força criadora radical própria à imaginação humana. Outros o veem apenas como uma manifestação de um engodo fundamental para a constituição identitária do indivíduo.

O imaginário não usufruiu tanto prestígio como hoje, em que se mostra bem mais popular no meio estudantil, talvez pelo acesso cada dia maior à internet que abre um leque de opções capaz de abranger os temas que cada um procura. Legros et al (2014) nos apresenta duas correntes de pensamento relativas ao imaginário:

Às definições negativas dadas pela tradição filosófica ocidental – imaginário como algo inexistente, falso, mentiroso ou irracional –, a corrente da antropologia do imaginário, iniciada por Jung, Eliade, Bachelard, Durand, opõe uma definição positiva, “plena”: o imaginário é o produto do pensamento mítico. O pensamento mítico é um pensamento concreto que, funcionando sobre o princípio da analogia, se exprime por imagens simbólicas organizadas de maneira dinâmica. (LEGROS et al, 2014, p. 10).

Ao apresentar sua opinião a respeito do imaginário, Silva (2012, p. 1-2) diz que o mesmo é uma narrativa incompleta, uma provocação, “um processo, uma teia, um hipertexto, uma construção coletiva, anônima e sem intenção. O imaginário é um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar, sempre iguais e sempre diferentes”. No mesmo texto, ele também afirma que se o imaginário é uma fonte de impulsos para a ação, racional e não-racional, é também

uma represa de sentidos, de emoções, de vestígios, de sentimentos, de afetos, de imagens, de símbolos e de valores. Pelo imaginário o ser constrói-se na cultura. Assim, o imaginário não é a cultura, nem a crença, menos ainda a ideologia. Por meio do imaginário o ser encontra reconhecimento no outro e reconhece-se a si mesmo. Em termos lacanianos distorcidos, através do imaginário o indivíduo torna-se o desejo do desejo do outro e deseja-se a si mesmo como objeto reconhecido de desejo. (SILVA, 2012, p. 4)

Durand (2012, p. 39) vê a imaginação como “origem de uma libertação (*défoulement*). As imagens não valem pelas raízes libidinosas que escondem mas pelas flores poéticas e míticas que revelam.”

Já que citamos a imagem, vamos agora falar um pouco sobre o mito, para isso traremos a contribuição de Campbell, Durand e Teixeira. É importante destacar que o mito não se refere a uma realidade objetiva, mas a uma realidade construída internamente, podendo se apresentar subjetiva, abstrata, conceitual e emocional.

O mito, assim como a imagem, pode se expressar também através de símbolos e metáforas, daí a visibilidade de seu elo com o imaginário. Campbell (2001, p. 52) apresenta uma definição sobre mito e faz referência ao transcendente. Em sua concepção, o mito “é uma forma de expressão necessária e universal dentro do estágio inicial do desenvolvimento intelectual humano, quando eventos inexplicáveis eram atribuídos à intervenção direta dos deuses”. O mesmo autor relata ainda que o mito aponta o transcendente para além do território do fenômeno.

Os estudiosos dessa temática em questão, dizem que os termos imagem, mito, símbolo e imaginário se entrelaçam de forma que se torna difícil dissociá-los. Durand (2012), por exemplo, diz que a combinação entre a imagem e o símbolo resulta no mito e entende o mesmo como

um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um esquema, tende a compor-se em narrativa. O mito é um esboço de racionalização, dado que utiliza o fio do discurso, no qual os

símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias. (DURAND, 2012, p. 62-63).

Com o intuito de conectarmos nossa referida temática com o objeto de estudo, trazemos a contribuição de Teixeira. Para ele, os indivíduos

organizam seus fantasmas, devaneios e mitos pessoais, servindo-se de dispositivos poéticos (imagens, símbolos, regras, lógicas, operadores linguísticos) produzidos no trajeto e que lhes permitem construir mundos imaginários coerentes dotados de temáticas redundantes ou obsedantes, de situações actanciais dominantes (separar, unir, reciclar) criadas pelas estruturas antropológicas. (TEIXEIRA, 2000, p. 19-20).

Falar de imaginário envolve outras temáticas que se apresentam imbricadas, isso porque o ser humano porta essa capacidade de formar associações através dos signos, dos mitos, das alegorias, emoções, sonhos, delírios, ícones, entre outras. O ato da criação e da interpretação perpassa diversas realidades do indivíduo e encontra o verdadeiro estímulo no imaginário.

É no imaginário que o indivíduo se conecta com aquilo que o mundo significa para ele, também se conecta com o outro e manifesta tal elo através dos símbolos, das imagens, dos mitos, de suas crenças, etc. Scholem (1995, p. 29) afirma que o “símbolo nada ‘significa’ e nada comunica, mas torna transparente aquilo que se encontra além de qualquer significação”. É nesse sentido que encontraremos o elo entre a gematria e a cultura judaica, que apresenta uma mística rica e significativa.

2.2 MISTICISMO

Sou místico, mas só com o corpo.
A minha alma é simples e não pensa.
O meu misticismo é não querer saber.
É viver e não pensar nisso.
(Alberto Caeiro)

Tendo apresentado a teoria do imaginário, vamos agora nos reportar ao misticismo, tendo em vista que o imaginário porta essa capacidade de fazer associações entre o misticismo e a gematria, via tradição judaica. Segundo Massi (2011, p. 1795), o misticismo se faz presente na sociedade contemporânea de maneira peculiar, isto pode ser constatado em *best-sellers* de autoajuda, nas diversas religiões que são concebidas frequentemente, na expansão de religiões já existentes

devido ao crescimento do número de fiéis, etc. É complicado datar o início dos estudos da natureza e até mesmo relatar qual civilização fora pioneira de um pensamento científico, propriamente dito. Todas as tentativas de explanação relativas ao funcionamento do universo estiveram e, em nossa opinião, continuam permeadas de concepções místicas e religiosas, é o que destaca Rodrigues (2015, p. 94):

Essa mistura entre o estudo da natureza e a religiosidade ocorre, principalmente, com o homem da Antiguidade. É justamente na exploração da natureza, como “máquina divina”, que a humanidade tocou nas bases fundamentais da Matemática, da Química e da Astronomia que, por muitos séculos, estiveram associadas a conhecimentos Arcanos, e que poderiam ser divulgados ou transmitidos somente para um pequeno grupo seletivo, formando as sociedades herméticas⁶, na qual elementos científicos e místicos se misturavam.

Uma definição de misticismo, que o afasta do racionalismo - já que este último se fundamenta na razão como elemento fundante do conhecimento, é citada no Dicionário Básico de Filosofia (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p.131):

Crença na existência de uma realidade sobrenatural e misteriosa, acessível apenas a uma experiência privilegiada – o êxtase místico – uma intuição ou sentimento de união com o divino, o sobrenatural, o misterioso. Em certas doutrinas filosóficas, como o neoplatonismo de Plotino, a experiência mística possui um papel central como forma de acesso à realidade de natureza divina. Essas doutrinas são consideradas, por esse motivo, como irracionais. Oposto a intelectualismo, racionalismo.

Para Eliade (*apud* RODRIGUES, 2015, p. 94), as indagações que se referem ao funcionamento e ordem do universo se encontram arraigadas à cultura humana. De acordo com o autor, desde a mais remota idade histórica, o homem tem apresentado comportamentos que explicitam sua curiosidade pela descoberta e entendimento da ordenação da vida, tendo em vista exemplos como as magníficas pesquisas astronômicas promovidas pelos mesopotâmios e egípcios, além da invenção da escrita, do calendário e dos números, tidos como os primeiros avanços científicos da humanidade.

⁶ “Hermetismo pode ser aqui compreendido como sinônimo de sociedades secretas. Uma sociedade dita hermética é fechada para poucos membros. Os membros de uma sociedade hermética, geralmente, possuem uma aura de mistério e misticismo, pois, não raras vezes, voltam-se para o estudo de elementos místicos e ocultistas. Por isso, muitas vezes, o hermetismo tem sido levado como sinônimo de ocultismo”. (RODRIGUES, 2015, p. 94)

Trevisan (2003, p. 67) cita que “o misticismo deve ser visto não como uma proeza sobrenatural acessível apenas a alguns gigantes da espiritualidade, mas como algo acessível a todo ser humano em peregrinação ascensional”. O misticismo, por vezes, faz uso da linguagem da religião para se manifestar, tendo como habitat um ambiente ritualístico, porém nada o impede de ter uma natureza completamente diferente já que, de acordo com sua definição, acredita na existência de algo misterioso ou sobrenatural.

O misticismo envolve saberes ocultos, que carecem de interpretação pela via intuitiva, é o que destaca Oliveira (2015). Segundo o mesmo autor, é o dialeto do mito, da religião e, mais especificamente, da magia. A magia e o misticismo tratam da transformação, de conceder vida à vontade (a arte) e também de uma procura do conhecimento (a ciência). Almeida (2018, p. 260) relata que a diferença entre misticismo e magia se encontra no fato de que

o primeiro acredita em forças e entes sobrenaturais, em que pode se comunicar com eles, enquanto a Magia afirma que é possível, valendo-se da intervenção da divindade, ou de seres fantásticos e da manipulação de algum princípio oculto supostamente presente na natureza, influenciar o curso dos acontecimentos. O primeiro envolve comunicação, a segunda pressupõe ação, seja ela benéfica ou maléfica, contudo ambos pressupõem a intermediação de divindades ou seres sobrenaturais.

Com relação ao místico, este enxerga o mundo como uma massa a ser moldada, energia a ser usada; enxerga também a si mesmo como um microcosmo, um mundo dentro do eu, que, assim como o mundo exterior, deve ser transformado e explorado (OLIVEIRA, 2015, p. 62). De acordo com as investigações de Almeida (2018, p. 260), as origens de “Místico” se dão nos fins do século XIV e

[...] significava alegoricamente espiritual, pertencente aos mistérios da fé, palavra oriunda do Francês Antigo *mystique*, vinda diretamente do latim *mystikos* “segredo, místico”. Essa última vem do grego *mystikos* “segredo, místico, conectado com os mistérios”, com a origem em *mystes* “aquele que foi iniciado”. Com o significado atual, de “pertencente a práticas ocultas ou religiões antigas”, somente foi empregado a partir de 1610.

É fundamental compreender que existem várias formas de espiritualidade, formas estas equivocadas, que por vezes são consideradas como místicas. Entretanto, tal falto culmina no perecimento da índole cismática do âmago da

autenticidade do vocábulo místico, bem como dos rudimentos derradeiros de cognição da harmonia do indivíduo com Deus e com o universo.

Em Russell (1957, p. 9) constatamos a afirmação de que a metafísica⁷ teve seu início e desenvolvimento a partir da junção e do conflito de dois ímpetus humanos bem distintos, em que um induzia os homens ao misticismo, outro os impelia à ciência. A história revela que, de acordo com a perspectiva russelliana, tanto as mulheres quanto os homens experimentaram a necessidade de conciliar a ciência (sobretudo caracterizada pelos estudos em matemática) e o misticismo, já que um pode complementar o outro de certa forma.

Lima (2019) nos diz que, em determinados pontos, os místicos costumam ser mais filósofos que os próprios filósofos, já que não julgam uma série de falsos problemas debatidos pela filosofia no decorrer de sua história. Afirma ainda, o mesmo autor, que os místicos costumam ir claramente ao âmago da realidade, sem se desviar.

Ainda que muitos vinculem indissociavelmente misticismo e religião, enquadrar o fenômeno místico como religioso seria, todavia, apenas uma convenção. A religião estática tradicional está próxima dos hábitos e costumes de um povo, ao passo que a trajetória mística de um indivíduo o faz comunicar com forças fora de controle, inumanas, sob certo aspecto, e que perpassam sociedades, pessoas e territórios. Haveria uma diferença de natureza entre os dois fenômenos (LIMA, 2019, n.p.).

Daniel (2002, p. 22) afirma que “a educação desempenha uma função importante na maneira como as sociedades criam e transmitem crenças, valores, percepções e interpretações sobre muitos aspectos de nossas vidas, incluindo questões de conflito, paz e violência”.

Lima (2019) relata que alguns místicos veneráveis fundaram ordens religiosas ou intelectuais com o intuito de preservar as intensas experiências acumuladas. Pitágoras foi um deles, falaremos um pouco mais sobre ele no próximo tópico. Esses místicos infiltraram-se

sutilmente nas religiões estáticas, como o cristianismo, forneceriam calor e imagens para complementar os dogmas puramente intelectuais, formulados

⁷ “Metafísica é uma palavra que tem origem grega, e pode ser entendida como aquilo que está além da física, onde *metà*, significa “além de”, “depois de” e *physis*, significa “física” ou “natureza”. [...] A metafísica é um ramo da filosofia que estuda os problemas centrais do pensamento filosófico, ou seja, o ser como tal, absoluto, Deus, o mundo, a alma. Nesse sentido, as tentativas de descrever as propriedades, princípios, condições e causas profundas da realidade e seu significado e propósito”. Disponível em: <<https://abstracta.pro.br/metafisica/>> Acesso em 20 mar. 2020.

“em termos de inteligência”. Mesmo os dogmas são o congelamento atual de experiências místicas passadas. Assim, o misticismo poderia ser sempre notado nas entrelinhas, nas inspirações e nas grandes escolhas formais das religiões. Ele é movimento, passagem. Direcionamento, nunca algo concreto, imóvel. (LIMA, 2019, n.p.).

Berthoud (2019, n.p.) destaca que “correntes místicas não são novas na igreja, a qual sempre teve em seu meio indivíduos ou grupos que deixaram o caminho do cristianismo bíblico para voltar-se ao que, reconhecidamente, pertence ao misticismo”. O mesmo autor relata ainda que o elemento místico teve, por vezes, um papel limitado na prática de sua fé, mas por várias vezes esta foi tão destacada pelo misticismo, que toda anuência real ao Deus revelado nas Escrituras foi totalmente arruinada.

Desde o surgimento do misticismo, se é que podemos assim dizer - já que muitos creem que ele exista desde a criação do universo, o mesmo se mostra presente ao longo da história da humanidade, não somente na religião, mas também através das crenças e superstições que fogem do campo religioso, deixando evidente o impacto do simbolismo e interferindo no cotidiano do indivíduo. Religiões veneradas e bem difundidas desenvolveram suas cadeias místicas e, pelo que a história relata, muita lenda existe em torno de suas condutas.

Niskier (2011, p. 10) relata que os primeiros indícios do misticismo judaico podem ser vistos a partir do século I, entretanto com as descobertas dos manuscritos do Mar Morto o entendimento do tópico aparenta ser predecessor. Scholem (1989, p. 3) afirma que “a cabala pode ser considerada misticismo na medida em que busca uma apreensão de Deus e da criação cujos elementos intrínsecos estão além do alcance do intelecto”.

2.3 A PRESENÇA DO MISTICISMO NOS NÚMEROS

Quando achamos a matemática
e a física teórica muito difíceis,
voltamo-nos para o misticismo.
(Stephen Hawking)

Investigar o misticismo faz-nos reportar, também, ao quesito numérico, tendo em vista que o predicado existente nos números de serem manipulados de diversos modos, de se conseguir expressar cada um de várias formas, apresentarem resultados distintos com uma simples mudança de base, insinua o aspecto de

possuírem algo de sagrado ou misterioso, nos impelindo a considerá-los como uma espécie de língua universal, apto a tudo exteriorizar. Almeida (2019) relata que o misticismo numérico se encontra entrelaçado na filogenética da psique humana, praticamente desde que o *Homo sapiens* começou a crer no sobrenatural. “Somente podemos acompanhar sua evolução com mais certeza a partir da invenção da escrita, pois a partir de então dispomos de registros palpáveis” (ALMEIDA, 2019, p. 5).

Gomes (2010, p. 2) relata que “na antiguidade, os gregos faziam a distinção entre o estudo das relações abstratas envolvendo os números, que era conhecida como logística e a arte prática de calcular com números, conhecida como aritmética”. Segundo o mesmo autor, assume-se que os primeiros passos, para o desenvolvimento tanto da teoria dos números quanto do misticismo numérico foram de autoria do grego Pitágoras de Samos e de seus seguidores, cuja filosofia baseava-se na suposição de que a causa última, dos vários atributos do indivíduo e da matéria, são os números inteiros. Para Eves (2011, p. 97) esse fato levava ao enaltecimento e também ao

estudo das propriedades dos números e da aritmética (no sentido de teoria dos números), junto com a geometria, a música e a astronomia, que constituíam as artes liberais básicas do programa de estudos pitagórico. Esse grupo de matérias tornou-se conhecido na Idade Média como *quadrivium*, ao qual se acrescentava o *trivium*, formado de gramática, lógica e retórica. Essas sete artes liberais vieram a ser consideradas como a bagagem cultural necessária de uma pessoa educada.

Boyer (1998, p. 36) defende que o misticismo numérico não é invenção da escola pitagórica. Para demonstrar tal fato, relata que o número sete era instrumento de elevada estima, provavelmente “por causa das sete estrelas errantes, ou planetas, das quais a semana derivou” (sete dias). A irmandade pitagórica não era a única a imaginar que os números ímpares possuíam atributos masculinos e os pares, femininos.

Outras civilizações partilharam de semelhantes e diversas características com relação à admiração dos números, entretanto os adeptos ao pitagorismo levaram esse apreço aos números ao extremo, tratava-se de uma verdadeira adoração, fato que influenciava em suas rotinas, impondo-lhes mudanças de hábitos e de condutas.

Pitágoras, nascido em Samos, Grécia, além de filósofo, místico e amante do conhecimento científico, era também reconhecido como uma espécie de mestre espiritual. Campbell (2008) cita que Pitágoras achava melhor que todo

desenvolvimento científico e espiritual que adquirisse, ao longo de sua vida, fosse compartilhado entre poucos membros ou discípulos, dessa forma, decidiu criar uma sociedade secreta.

Alguns estudiosos consideram, de certa forma, que a escola pitagórica tenha sido a primeira universidade do mundo ocidental. Ela se mantinha sob o aspecto de uma irmandade religiosa, mas também de cunho intelectual e secreto, supõe-se que a mesma tinha centenas de seguidores (alunos). Seus alunos criam que a mente se purificava ao estudar aritmética, astronomia, geometria e também a música. Por se apresentar numa forma de irmandade, havia preceitos e, estes deviam ser cumpridos à risca. Todos os ensinamentos, ali adquiridos, deveriam ser mantidos em segredo.

Estudiosos supõem que uma parte dos ensinamentos pitagóricos tenha sido propagada em livro escrito por Filolaus, que era um dos seus discípulos, mas isso teria ocorrido somente após a morte de Pitágoras. Platão, ao ter acesso aos escritos de Filolaus, fez com que esses ensinamentos fossem difundidos na Grécia, de maneira a influenciar no desenvolvimento da matemática grega. Dessa forma, fica difícil separar o que de fato é lenda ou história para podermos creditar ao próprio Pitágoras em relação às descobertas realizadas pelo pitagorismo, já que muitos de seus discípulos não o conheceram.

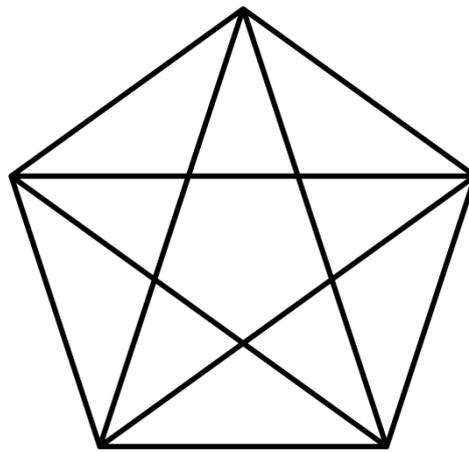
Rodrigues (2015, p. 96) relata a preocupação da escola pitagórica, citando que:

Pitágoras e a sua sociedade de estudos estavam preocupados em investigar as origens e a ordenação do universo, sem excluir a existência das divindades. No quesito religiosidade, a sociedade pitagórica professava a reencarnação das almas e o mundo era compreendido como uma grande parte da divindade. A diferença da escola pitagórica para com a religião é que a primeira se propunha a um estudo desse mundo divino, de suas funcionalidades e seus mistérios, um estudo que, séculos mais tarde, chamaríamos de ciência. Já a religião estatal se “conformava” com explicações para a ordenação e acontecimentos mundanos, como “vontade divina”.

Já citamos que os pitagóricos demonstravam grandes conhecimentos matemáticos, além de apresentar também um misto de religiosidade, arraigado ao misticismo numérico. Dessa forma, a matemática foi reconhecida como um ramo da filosofia (supõe-se também que o próprio Pitágoras tenha criado essas duas palavras, Boyer (1998) e se firmou como via de unificação de inúmeras perspectivas da realidade.

Devido a algumas peculiaridades e preceitos que a escola preconizava, os pitagóricos acabaram enxergando um elo da matemática com a música e também com a astronomia. Hoje já se sabe que esse elo é bem mais abrangente e talvez alcance todas as áreas do conhecimento. A escola pitagórica adotou o pentagrama estrelado como símbolo (Figura 10) para ser uma espécie de distintivo, o nome já nos faz lembrar o número cinco - logo esse pentagrama estrelado era formado por cinco diagonais de um pentágono regular.

Figura 10: Pentagrama estrelado



Fonte: Disponível em: <<https://www.pngwing.com/tr/free-png-kdgcw/download/>> Acesso em 10 de mar. 2020

Roque (2012, p. 87) esclarece que

Os pitagóricos não separavam os números do mundo físico [...] Os números são a natureza profunda de tudo o que pode ser percebido e mostram o poder de tornar compreensível a ordem e a harmonia do mundo empírico. Os números, para os pitagóricos, apareciam mais no contexto de jogos, acompanhados de interpretação e reverência, do que no de uma pura teoria, de natureza abstrata, caracterizada por um tratamento dedutivo.

Rodrigues (2016) relata que a numerologia, ou ciência dos números, teve sua origem em símbolos usados para denotar as concepções do homem primitivo e que a mesma é embasada não somente em números com um valor quantitativo, tal como dois e dois somam quatro, mas subsiste, ainda hoje, porque os números, ou símbolos, têm um valor metafísico significadamente incorporado a eles, mostrando peculiaridades internas e dinâmicas, que acreditam moldar o destino das pessoas. Antigos eruditos pesquisaram a ciência dos números em busca de respostas para se

guiarem na vida cotidiana, bem antes que o alfabeto fosse concebido, devido à crença na herança deixada pelo pitagorismo.

Na escola pitagórica coabitavam pesquisas referentes à religião, à ciência, filosofia, música, astronomia e à matemática. Uma particularidade dessa escola não foi o fato de as civilizações antigas difundirem suas crenças sobre numerologia, mas sim o fato de atualmente, tais preceitos ainda se manifestarem em diversas comunidades místicas, embora algumas façam uso por puro charlatanismo.

Os pitagóricos acreditavam que a base dos fenômenos físicos estava enraizada nos números. Roque (2012, p. 78-79) apresenta algumas ideias que tentam explicar essa crença:

A concepção dos pitagóricos sobre a natureza parte da ideia de que há uma explicação global que permite simbolizar a totalidade do cosmos, e essa explicação é dada pelos números. O mundo é determinado, antes de tudo, por um arranjo bem ordenado e tal ordem se baseia no fato de que as coisas são delimitadas e podem ser distinguidas umas das outras. Quando se diz que as coisas podem ser distinguidas não significa que elas não possam ser diferentes, e sim separadas umas das outras, logo, as coisas do mundo podem ser contadas. Como uma das características principais das coisas reside no fato de poderem ser organizadas e distinguidas, as propriedades aritméticas das coisas, para eles, constituem o seu ser propriamente dito, e o ser de todas as coisas é o número.

Boyer (1998) cita que Pitágoras, na juventude, esteve por muito tempo no Egito, na Índia e na Mesopotâmia, onde, absorveu muitas ideias matemáticas, religiosas e astronômicas. Aos 40 anos teria fundado a sociedade secreta, cujos ensinamentos eram transmitidos oralmente e com exigência da promessa de segredo. Todas as descobertas eram atribuídas a Pitágoras, de forma que não se sabe ao certo quais foram suas verdadeiras contribuições na produção desses conhecimentos. Lembrando o fato de que os ensinamentos se davam apenas pela tradição oral, não há nenhum documento sobre a matemática pitagórica da época.

Boyer (1998, p. 36) relata sobre uma concepção mística que orientava a escola pitagórica:

O número um, diziam eles, é o gerador dos números e o número da razão; o dois é o primeiro número par, ou feminino, o número da opinião; três é o primeiro número masculino verdadeiro, o da harmonia, sendo composto da unidade e da diversidade; quatro é o número da justiça ou retribuição indicando o ajuste de contas; cinco é o número do casamento, união dos primeiros números verdadeiros feminino e masculino; e seis é o número da criação. Cada número por sua vez tinha atributos peculiares. O mais sagrado era o dez ou o tetractys, pois representava o número do universo, inclusive a

soma de todas as possíveis dimensões geométricas. Um ponto gera as dimensões, dois pontos determinam uma reta de dimensão um, três pontos não alinhados determinam um triângulo com área de dimensão dois e quatro pontos não coplanares determinam um tetraedro com volume de dimensão três; a soma dos números que representam todas as dimensões é, portanto, o adorado número dez.

Outro aspecto notável na concepção de Boyer (1998, p. 33) dessa ordem era “a confiança que mantinha no estudo da matemática e filosofia como base moral para a conduta”. Diante do exposto Boyer (1998, p. 33) relata também que “a escola pitagórica era politicamente conservadora e tinha um código de conduta rígido”.

Le Corbusier registra um pensamento que podemos descrever como neopitagórico, retratando o fato de que a matemática

é o edifício magistral imaginado pelo homem para entender o universo. Nele estão o absoluto e o infinito, o compreensível e o inexprimível, e é cercado por muros altos, antes dos quais você pode passar e passar novamente sem nenhum lucro. Às vezes uma porta se abre neles; você empurra, entra e já está em outro local onde os deuses e as chaves dos grandes sistemas são encontrados. (LE CORBUSIER *apud* CARLES-OLIVER, 2020, p. 83, tradução nossa)

Rodrigues (2015, p. 102) relata que, “até o momento, vimos o desenrolar da ciência encoberto por um véu de religiosidade e de misticismo. Essa situação da ciência não mudou até o início da Era Moderna”.

“Nunca antes ou depois a matemática teve um papel tão grande na vida e na religião como entre os pitagóricos” (BOYER, 1998, p. 34), que colaboraram de modo considerável para o avanço intelectual na história da civilização, graças ao seu interesse pelo estudo da referida disciplina, de modo racional. Dessa forma, contribuiu-se também para que a aritmética fosse considerada uma disciplina intelectual, além de um método, sendo também eles os primeiros a produzir provas inflexíveis sobre alguns dogmas matemáticos em aberto na época. Diante do exposto, fica evidente o legado deixado pelo pitagorismo e a crença para alguns indivíduos de que “Tudo é número”, crença essa herdada de sua escola.

Vale ressaltar que, existiram outras sociedades e até mesmo civilizações comprometidas no estudo e na investigação dos fenômenos da natureza, que estavam imersos em uma aura de mistério, inclusive no estudo dos astros, dando origem à Astrologia.

Ao findar esse tópico cumpre-nos lembrar que, nas palavras de Scholem (1989, p. 4), “o misticismo é conhecimento que não pode ser comunicado diretamente, mas só pode ser expresso mediante símbolos e metáforas”. Aqui está o elo entre o misticismo numérico e a cabala, na simbologia numérica implícita na Torá.

2.4 CABALA

Algo parece estar escondido na kabbalah
e é este algo, que permanece intacto e
desconhecido, que me tem atraído.
(Gershom Scholem)

Até o momento, trabalhamos com o alfabeto, o misticismo, os números e a relação intrínseca entre os mesmos. Vale destacar que esse elo entre a linguagem, o número e o misticismo ressaltam uma corrente da mística judaica, a cabala. Segundo o *Sêfer Yetsirá* (KAPLAN, 2018), tal elo ocorre porque as letras teriam participado da criação do universo e o aprendizado de suas possíveis combinações aproximaria o ser humano da divindade. O *Sêfer Yetsirá* foi interpretado pelos cabalistas e, provavelmente fora escrito no início da era cristã. Dessa forma, a cabala, pode ser vista como uma corrente do misticismo judaico que se fundamenta na ideia da criação do mundo como um episódio linguístico.

A cabala, sendo partícipe do repositório cultural místico judaico, por vezes constitui-se como matéria prima de trapaceiros e fraudadores figurados. Ela encontra-se inscrita na prática da interpretação da Torá junto à prática interpretativa rabínica caracterizada pelo Talmude, mostrando-se, sobretudo, como um método de leitura e análise do texto sagrado. A Torá é, portanto, um ponto de partida, objeto de trabalho dos cabalistas. Para os pesquisadores, circunscrever o texto sagrado confere à técnica cabalista uma aura de mistério e complexidade que alimentam as narrativas ficcionais que se propagam em forma de sinopses, ritos mágicos e catálogos sacrílegos, segundo Nascimento (2008, p. 2).

Tage (2007, p. 27) relata que a cabala (também Kabbalah, Qabbala, cabbalah, cabbala, kabalah, kabala, kabbala) é um complexo religioso-filosófico que sonda a natureza divina. Segundo o mesmo autor, a palavra Kabbalah (קבלה - *qblh*) é de origem hebraica e significa transmissão, recepção e, por extensão, tradição. É tida como uma vertente mística do judaísmo, assim como o sufismo é uma vertente mística do islamismo e a gnose do cristianismo.

Para Rocha (2017) a cabala é uma escola sapiencial, uma maneira de entendermos o mundo e seu funcionamento e que a possibilidade irrestrita de encontrar a verdade da criação seria o sentido do viver. Segundo o mesmo autor, ela utiliza os livros sagrados como material de estudo rigoroso e sutil, e os entende como composições codificadas e cifradas onde o investigador interpreta de forma livre ensinamentos intrínsecos dentro de sua realidade. Tais ensinamentos encontram-se fora de tempo e não são compreendidos de maneira linear; também não podem ser percebidos como histórias e contos, tendo em vista que são formas de entender a Deus e sua criação; é necessário ver além do que foi redigido.

Segundo Heller (2011, p.1) a história do misticismo judaico, mais conhecido como cabala, revelou-se como um percurso de intensas polêmicas e conflitos entre os místicos, cabalistas, e as autoridades rabínicas desde suas origens. O mesmo autor ressalta ainda que, localizando-se na junção entre a filosofia e a religião, a cabala refugiou-se, reiteradamente, no esoterismo como forma de defesa contra riscos externos (excomunhão) ou internos (a transformação da espiritualidade em enfermidade) e que, por vezes, nos momentos mais complicados da história judaica, encontrou sólida adesão popular em busca de esperança e compensação aos infortúnios do exílio.

Silva (2016, p. 10) cita que a cabala se destacou como a principal corrente mística do judaísmo, percorrendo os séculos até chegar aos dias atuais e que, de lá para cá, existiram picos de produção teórica, de seguidores e também oscilação entre essa popularidade e períodos de estreitamento ou esquecimento. O mesmo autor lembra ainda que devemos nos atentar para o fato de que é uma tradição dentro do judaísmo e, considerando que o povo judeu estava disperso pelo mundo, movimentos e publicações cabalistas surgiram em diversas partes, fazendo com que a cabala fosse vista por várias outras perspectivas.

Como dito anteriormente, os textos cabalísticos são comentários sobre a Torá — a Lei, que corresponde aos cinco primeiros livros do Antigo Testamento (também designado por Pentateuco), tratada então como um tipo de método alfabético com o qual o mundo teria sido gerado. Ao permutar as letras da Torá através de técnicas que incorporam anagramas, acrósticos e numerologia, o cabalista reescreve a mesma, de maneira que, novos significados do texto sagrado são reelaborados.

Oliveira (2002, p.122-123) relata que os cabalistas creem que a Torá tenha sido edificada em torno do nome de Deus, do tetragrama YHWH e que, a partir dessas

quatro consoantes realizaram-se permutações e combinações que, subordinadas a processos combinatórios *ad infinitum*, deram origem às frases que se encontram na Torá. O mesmo autor ressalta que a palavra de Deus, tal como ela se mostra na Torá, não traz compreensão e que a mesma é, basicamente, a expressão da essência e só se tornará compreensível a partir do momento em que for mediada, ou seja, interpretada.

Um dos grandes estudiosos da cabala, considerado como o fundador do moderno estudo acadêmico da mesma, Gershom Scholem foi um filósofo e historiador judeu, nascido na Alemanha. Scholem ensinou a cabala e o misticismo do ponto de vista científico e tornou-se o primeiro professor de misticismo judaico na Universidade Hebraica de Jerusalém em 1933, trabalhando neste cargo até sua aposentadoria em 1965, época em que se tornou professor emérito. Ao longo de sua vida, Scholem permaneceu um secularista comprometido, e esse secularismo desempenhou um papel importante em sua interpretação da história judaica e no estudo da cabala. Para Scholem (2015, p. 9), “na Cabala, a lei da Torá tornou-se um símbolo da lei cósmica, e a história do povo judeu, um símbolo do processo cósmico”.

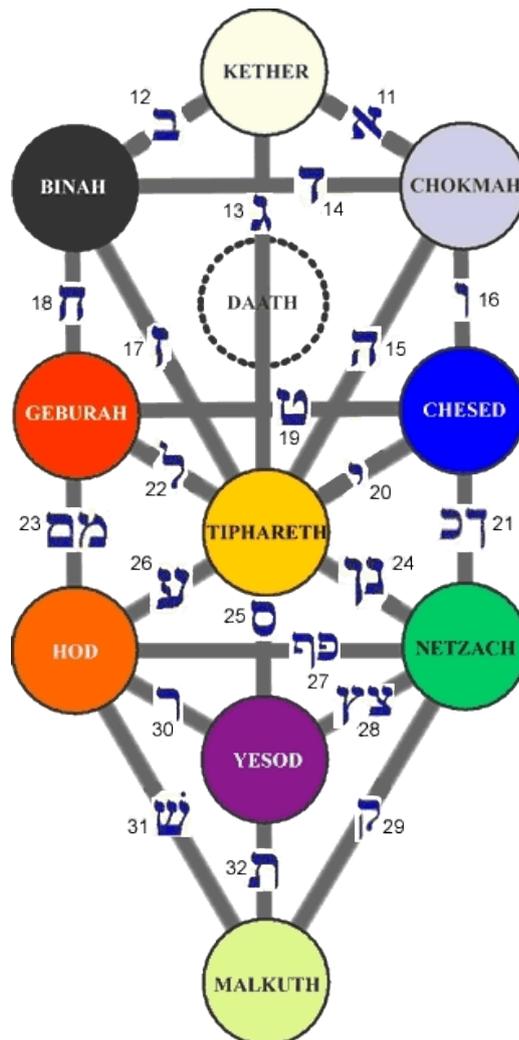
A origem da cabala, segundo Scholem, estaria relacionada ao *Sêfer Yetsirá*, já que nessa obra encontramos, mesmo que em caráter elementar, uma concepção central à cabala, a das *səfirôt* que veio a ser amplamente retratada em escritos cabalistas, como o *Sêfer ha-Bahir* (o Livro da Claridade, *Bahir*, que surgiu no sul da França, por volta do fim do século XIII) e o *Zohar* que data do século XIII. Apesar de o *Zohar* não utilizar o termo *səfirôt*, é nele que esse ensinamento se mostra mais amplamente desenvolvido.

Segundo Scholem (*apud* ALMEIDA, 2008, p. 7) no *Zohar*,

[...] livro do misticismo judaico onde estão contidos os métodos de interpretação da Bíblia, conta-se das dez *Sefirot*, que constituem a Árvore de Deus, ou árvore do poder divino. Esta árvore de Deus representa o esqueleto do universo. A raiz de cada *Sefirot*, ou ramo da árvore, é desconhecida, e está contida no Ein-Sof, a face oculta do Criador. As *Sefirot* crescem por toda a criação e espalham seus ramos, sendo que todas as coisas mundanas e criadas só existem porque algo das *Sefirot* vive e atua nelas. O mundo das *Sefirot* também é o mundo oculto da linguagem, o mundo dos nomes divinos. As *Sefirot* são os nomes da criação, que Deus deu a si próprio. E se todas as coisas provêm da árvore do poder divino, também o homem pode ser considerado um símile da árvore, criado à imagem de Deus. O poder das *Sefirot* também vive e atua no homem. Segue-se daí que os membros do corpo humano são símiles dos ramos da Árvore de Deus. Esta figura simbólica, manifestada em sua existência espiritual, é Adam Kadmon, o homem primordial.

Em Lima (2018, p. 19) encontramos relatos a respeito da doutrina das dez *sefirôt*, ou seja, das potências divinas e suas emanções, também conhecidas como a árvore da vida, que seria o próprio corpo humano, de acordo com os estudos cabalísticos. O *Zohar* defende a ideia da manifestação própria ou da revelação de Deus por meio das potências divinas (*sefirôt*) que dele emanam. O conjunto da árvore sefirótica (Figura 11) tem como elementos: Coroa (*Kéther*); Sabedoria (*Chókhmah*); Inteligência (*Bînah*); Bondade amorosa (*Chésed*); Heroísmo (*Guevûrah*); Beleza (*Tiféret*), para trazer harmonia e compaixão ao mundo; Eternidade (*Nétsach*); Majestade (*Hôd*); Fundamento (*Yəsôd*), que concentra todos os poderes mais altos e exerce influência; e Reino (*Malkhût*), a potência que distribui a corrente divina aos mundos inferiores.

Figura 11: Árvore sefirótica



Fonte: Disponível em: <https://novaconsciencia.wordpress.com/2017/12/08/os-chacras/> Acesso em 20 abr. 2020

Todas elas formam a corrente das *səfirôt* e estão interligadas como forças que fluem e se comunicam entre si no mundo da divindade para o qual o cabalista está voltado, com o intuito de elevar-se e atingir sua compreensão (FALBEL, 2018, p. 81). Para Santoro (2019), as dez *səfirôt* representam padrões de todas as realidades espirituais e de todos os fragmentos constitutivos da criação; há dez gerações de Adão a Noé, também de Sem (filho de Noé) a Abraão; dez Mandamentos, dez são os dedos das mãos e dos pés, dez pragas caíram sobre o Egito; Jesus menciona a parábola dos dez talentos e das dez virgens, dentre outros eventos que envolvem o número dez. Vale lembrar que a ciência da computação foi diretamente influenciada pelos princípios da cabala, nela encontramos a base de todo o mecanismo de programação, o qual denominamos de código binário. Esse código binário consiste em um sistema de numeração posicional em que todas as quantidades se representam com base em apenas dois números, ou seja, zero e um, exatamente os dois elementos que formam o número dez, que proporciona infinitas possibilidades dentro do moderno sistema de computação.

Mehoudar (2006) apresenta comentários relativos ao Livro do Esplendor - O *Zohar* - dizendo que foi escrito em aramaico e que se trata de uma obra que contém vários volumes. Ainda há mistério no que diz respeito a sua autoria e a época em que o mesmo foi escrito. De qualquer forma, é considerada a obra mais significativa da cabala judaica e veio a público na Espanha por volta do ano de 1290, quando o rabino Moisés de Leon atribuiu sua autoria a um homem consagrado do século II, Rabi Shimon ben Yohai. Leon teria copiado tudo e os originais nunca foram encontrados. Após a morte de Leon, sua esposa negou a existência dos originais, seu esposo teria escrito a obra e a atribuiu a Shimon ben Yohai para trazer-lhe um caráter de antiguidade (MEHOUDAR, 2006, p. 98).

Couto (2010) afirma que a tradição judaica ortodoxa remonta a origem do *Zohar* a Deus, o qual revelou a cabala a Adão, aos patriarcas e a Moisés e acredita que uma parte dos registros tenha sido da autoria de Rabi Shimon ben Yohai. Existem outras correntes judaicas de interpretação que creditam a autoria do texto a Moisés de Leon, ainda que contenham contribuições de outros cabalistas do grupo de Castela.

Para Couto (2010) o *Zohar* foi uma das mais expressivas obras da cabala e seu estudo exige certo domínio da língua hebraica, tida como um alfabeto sagrado. Seu ponto de partida provém do sistema alfabético, vale lembrar que suas 22 letras

são também números. Para os cabalistas, essas letras não são postas aleatoriamente, uma após a outra, um conhecimento matemático é necessário para estudar seus significados. Cada letra do abecedário hebraico é tida como uma potência que representa três elementos: letra, número e uma ideia. Cada um dos 22 caracteres se relaciona às forças criadoras do Universo e, tais forças evoluem nos mundos físico, astral e psíquico, revelando-se como ponto de partida de várias concepções. Não só os cabalistas, mas também os antigos rabinos explicam a ordem, a harmonia e a influência dos céus sobre o mundo, segundo esse mecanismo.

Para Berg (2011, p. 13) o *Zohar* é por si só, uma dádiva divina destinada não apenas a uma nação ou religião, mas a todos. Cita ainda que o alfabeto hebraico é um mecanismo fornecido a toda a humanidade pelo Criador e a afluência compenetrada nas letras hebraicas é uma robusta forma de meditação cabalística. Destaca ainda que o fato de permitir que os olhos transitem pelas letras abre um canal para a luz, algo que qualquer pessoa pode e deve fazer, para melhor usufruir desta dádiva do Criador.

De acordo com a concepção cabalística, Oliveira (2002, p. 123) relata que

[...] a linguagem dos homens (linguagem dos nomes) originou-se, portanto, de uma linguagem divina (linguagem das coisas), através da qual o mundo fora constituído, ou seja, Deus teria transferido para o homem em seu estado paradisíaco o seu poder de nomeação e, com isso, a linguagem humana fez-se, desde os seus primórdios, tradução. Essa linguagem adâmica permaneceu una e pura até o momento da destruição da Torre de Babel, quando a multiplicidade linguística transformou-a em um simples veículo de comunicação e a tradução tornou-se não somente imperiosa, mas também o único meio de visualização daquela linguagem pura, absoluta. Os cabalistas defenderam o ponto de vista de que “todas as línguas nasceram da língua original sagrada, no seio da qual o mundo dos nomes encontra-se diretamente estabelecido e explicado e, por esse motivo, essas línguas estão ainda mais imediatamente associadas a ela”.

Sendo puramente consonântico, o alfabeto hebraico apresenta grande liberdade de interpretação, já que apenas no ato da leitura os sons vocálicos são determinados. Este fato leva o leitor do hebraico a tolerar certa ambiguidade e identificar mais interpretações textuais, resistindo à noção de verdades e respostas únicas. Mesmo os textos sagrados do judaísmo apresentariam certa instabilidade intrínseca. Dessa forma, as peculiaridades do abecedário hebraico teriam contribuído para que a cultura judaica desenvolvesse uma forte resistência à autoridade e ao consenso (MATUCK, 2013, p. 221).

No judaísmo, segundo Ferreira (2009a, p. 493), há quatro sentidos nas Escrituras Sagradas, ou seja, quatro modos (níveis) de interpretação. Estes, por sua vez, são descritos pelas quatro letras iniciais de seus nomes, originando a palavra PRDS (*Pardes* - vocábulo de origem persa significava “jardim” ou pomar e, posteriormente, “Paraíso” - na literatura hebraica). A palavra *pardes* é um acróstico das palavras: *pəshat*, *rémez*, *drash* e *sôd*. O *pəshat* é responsável pela interpretação literal e histórica. O *remez* trabalha com as alegorias e metáforas presentes na narrativa, ou seja, com a questão simbólica. O *drash* é retratado pelo método exegético e hermenêutico, enquanto o *sôd* trabalha com o lado místico na interpretação do texto (FERREIRA, 2009a, p. 493).

Campani (2007, p.4) relata que a cabala apresenta quatro modalidades distintas: a cabala não escrita, a cabala prática, a cabala literal e a cabala dogmática. A cabala não escrita faz referência à cabala que se mantém oral. A cabala prática implica no manejo de signos mágicos, tais como talismãs, quadrados mágicos, entre outros. A cabala dogmática estuda a doutrina da cabala em si. Por último, a cabala literal procura interpretar a lei à procura de mensagens obscuras nas Escrituras e para isso, usa técnicas como a gematria, *notaricon* e *temûrah*. É bom ressaltar que a gematria é parte integrante do modo de interpretação *rémez*, citado no parágrafo anterior (CAMPANI, 2007, p.4).

Segundo a doutrina cabalista, uma palavra hebraica possui um valor numérico de importância mística. Ao se praticar a numerologia hebraica, esse fato se torna especialmente relevante, destacando que essa numerologia consiste em verter para letras hebraicas qualquer nome e, somando-as, chegar a um resultado numérico final. Logo após, se descobre qual nome sagrado estaria relacionado àquela soma, permitindo que se encontre o significado místico do nome em questão (TAGE, 2007, p. 27).

Entre meados de 1200 e início do século XIV, a cabala expandiu-se principalmente no sul da França e da Espanha, promovendo técnicas de reinterpretção de textos bíblicos: *notaricon*, que faz uso de técnicas acrósticas de abreviação, substituição e permutação, ou seja, consiste em formar palavras pela combinação das letras iniciais e finais ou considerando cada letra de uma palavra como a letra inicial de outras palavras; *temûrah*, que recombina as letras formando anagramas; e a gematria, uma numerologia das letras, que promove para cada

palavra uma soma numérica (CAMPANI, 2007, p. 8). Estas três técnicas compõem a cabala literal e explicaremos melhor cada uma delas.

Para melhor entendermos essas técnicas, apresentamos a Tabela abaixo com o alfabeto hebraico e seus respectivos nomes, valores numéricos, a transliteração adotada, o pictograma e sua pronúncia:

Tabela 1: Alfabeto hebraico com observações

	Nome	Valor	Translit.	Pictograma	Pronúncia	Observação
א	álef	1	A	Boi	mudo	Face Pequena
ב	bêt	2	B	Casa/Tenda	B, V	
ג	guimel	3	G	Camelo	G	
ד	dálet	4	D	Porta	D	
ה	hêi	5	H	Atenção!	aspirado	Feminino
ו	váv	6	V	Gancho	V	Ligação
ז	zain	7	Z	Espada	Z	
ח	rêt	8	Ch	Cerca	R forte	
ט	têt	9	T	Serpente/Cesto	T	
י	iud	10	I	Braço e mão	I	Divindade
כ	káf	20	Kh	Palma da mão	K, R	
ל	lámed	30	L	Cajado	L	
מ	mêm	40	M	Água	M	
נ	nun	50	N	Semente/Peixe	N	
ס	sâmer	60	S	Suporte	S	
ע	áin	70	Hw	Olho	mudo	Face Grande
פ	pêi	80	P	Boca	P, F	
צ	tzádik	90	Ts	Homem de lado	Tz	
ק	kuft	100	K	Sol no horizonte	K	
ר	rêsh	200	R	Cabeça	R fraco	
ש	shin	300	Sh	Dentes/Comer	S, Chiado	
ת	táv	400	Th	Sinal/Cruz	T	

Fonte: Campani (2007, p. 7)

Com relação ao *notaricon*, o vocábulo deriva do latim e significa *notario*, é uma técnica que busca por abreviaturas ou siglas que representem outra coisa além do que literalmente aparenta, ela possui duas formas. Na primeira, um nome é formado pelas letras iniciais e finais de uma ou mais palavras e, na segunda, as letras de um nome são usadas para se formar as letras iniciais das palavras contidas em uma determinada frase. Esta técnica foi bastante utilizada pelos romanos, sobretudo em suas fórmulas judiciárias e, praticamente, em todas as inscrições de suas estátuas e

monumentos. Como exemplo, vale citar que ao escrevermos ou falarmos PUC, estamos nos referindo à Pontifícia Universidade Católica; IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; USA - United States of America.

A *təmûrah* apresenta-se como a mais complexa das técnicas, já que se baseia na substituição de letras em uma frase ou palavra com o objetivo de transmitir uma mensagem. Algumas palavras podem ser escritas de trás para frente em uma determinada frase, desde que sigam regras rígidas para que se possa desvendar o código por trás da mensagem e entender a mesma. Em outras palavras, a *təmûrah* ocupa-se da transposição das letras; implica em colocar um caractere no lugar de outro, segundo um método específico. Pode-se dizer também que a *təmûrah* refere-se a um complexo sistema de cifras onde as letras do alfabeto são transpostas segundo determinadas regras, contribuindo na obtenção de novas interpretações. Um exemplo de cifra é escrever metade do alfabeto sobre a outra metade, trocando a letra A, a primeira, pela Th, a última, a segunda, B, pela penúltima Sh, e assim por diante. Esta cifra é chamada de *atbash*, e é mostrada na tabela abaixo:

Tabela 2: Cifra *atbash*

A	B	G	D	H	V	Z	Ch	T	I	Kh
Th	Sh	R	K	Ts	P	Hw	S	N	M	L

Fonte: Campani (2007, p. 7)

Ainda sobre o assunto, encontramos também outras similaridades apontadas por Francisco (2017), no *Antigo Testamento Interlinear Hebraico* - a regra de *atbash* em Jr 25.26 e 51.1.

No tocante à gematria, ela representa uma maneira de interpretação pela qual um nome ou palavra possuindo um valor numérico característico são considerados equivalentes ou relacionados a outras palavras de igual valor. Dessa forma, o número passa a significar uma ideia e as palavras com esse valor numérico são diferentes expressões ou derivações da mesma ideia. Daremos mais ênfase à gematria no próximo capítulo.

Pelo exposto, percebemos o significado que a cabala credita em cada letra, palavra e número da escrita hebraica. Para seus seguidores há um sentido escondido e necessário se faz aprender os métodos de interpretação para decifrar esses significados ocultos. Vale ressaltar também que os cabalistas dão importância

significativa aos aniversários porque, segundo suas crenças, essas datas fornecem uma compreensão das forças cósmicas que atuavam na hora do nascimento. Ao estabelecer uma matriz astrológica, conseguem prever boa parte do futuro de um indivíduo, cabendo o aspecto intuitivo também nesse caso.

Para ser um legítimo cabalista é necessário conhecer as obras principais da cabala em seu idioma original, o hebraico antigo [e um pouco de aramaico], já que a língua hebraica apresenta sutilezas de significado que não é possível interpretar através das traduções disponíveis para línguas modernas. Quando nos referimos aos termos *gematria*, *təmûrah*, *notaricon* e *səfirôt* sem conhecer os matizes da língua hebraica é como se falássemos de matemática sem conhecer as quatro operações.

2.5 CRENÇAS NUMÉRICAS

Mas com certeza para nós, que compreendemos o significado da vida, os números não têm tanta importância.
(SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 18)

Há uma íntima relação entre o tarô, a cabala e a numerologia. Todas elas relacionam-se com números e com o misticismo. Algumas pessoas mudam seus nomes seguindo indicações da numerologia que, por vezes, trabalha com a gematria, em particular no misticismo judaico - técnica que faz parte da cabala. No tarô temos 22 arcanos maiores, sendo essa a causa da presença das letras hebraicas nas lâminas de alguns baralhos de tarô, lembrando que as 22 letras do alfabeto hebraico são verdadeiros instrumentos trabalhados pelos cabalistas.

Alguns números apresentam curiosidades intrigantes, por vezes, relacionadas às superstições ou, até mesmo, à crença de que trazem sorte. Um evento muito conhecido ocorre em relação ao número 13. Há casos de alguns edifícios que não possuem o 13º andar, com a crença de que assim se evitaria o azar. Mas de onde surgiram essas crenças? O conhecido matemático e filósofo Bertrand Russel em sua obra *Unpopular Essays*, de 1950, relata que o ser humano é um animal que precisa acreditar em algo e que, na ausência de uma boa crença, ele fica satisfeito com a má (TEIXEIRA, 2015 p. 17).

Na cultura ocidental, o número 13 é um dos mais impactantes nesse universo das crenças populares e superstições. Há quem leve a sério essa suposta influência

negativa deste número e que, por esse motivo, busca evitá-lo de todas as formas possíveis. Vamos relatar alguns casos a partir de agora que envolvem esse número.

Teixeira (2015) cita que Nathaniel Lachenmeyer defende no seu livro “13” que as primeiras evidências sólidas da origem da má conotação associada ao 13 remontam aos finais do século XVII, quando surgiu uma das superstições mais emblemáticas de todos os tempos: “Se 13 pessoas se sentarem a uma mesma mesa, uma delas morrerá no espaço de um ano!” Acredita-se que esta superstição esteja relacionada com a última ceia: Jesus sentou-se com os 12 discípulos à mesa e no dia seguinte foi crucificado, depois de ter sido traído por Judas Escariotes. A sexta-feira também está associada a infortúnio, historicamente falando, isso porque é o dia de homenagem à Frigga, tida como a deusa nórdica do amor e da fertilidade. A Igreja vendo que a mesma representava uma ameaça para a religião cristã, que era dominada por homens, resolveu combater sua influência rotulando-a de bruxa, difamando o dia que a homenageava. Essa lenda fora propagada pelos padres e alertava sobre “as doze bruxas e o diabo” que atormentavam as pessoas todo dia 13.

Outra teoria apresentada que sugere o fato da sexta-feira 13 ser considerada uma data desfavorável tem origem no século XIV, quando o rei da França, Filipe IV, considerou que a ordem dos Cavaleiros Templários era ilegal. O fato teria ocorrido no dia 13 de outubro de 1307, plena sexta-feira, o monarca decidiu que os membros da referida ordem deveriam ser perseguidos, torturados e presos, fato que culminou em várias mortes. Outra razão que reforça para que a data represente uma conotação negativa para algumas pessoas, agora em âmbito brasileiro, reside no fato de que em 1968, o AI-5, um decreto duro e cruel da ditadura militar foi baixado em uma sexta-feira 13 (dezembro).

Acredita-se que quando um edifício não possui o 13º andar, trata-se de uma maneira de atrair a prosperidade, segundo alguns relatos. Os judeus acreditam que o número 13 denota a evolução ou o destino destrutivo. Dessa forma, para não correr o risco, retira-se esse número. Outro fato relativo ao preconceito diante do número 13 está intimamente ligado ao livro do Apocalipse no capítulo 13 que fala sobre a figura da besta, que ainda hoje é motivo de ampla discussão.

Por volta do século XV ocorreu uma popularização das cartas de tarô onde se associou à carta “A Morte” (13) - (Figura 12) - o prenúncio de falecimento do consulente. Mas segundo a crença, essa carta retrata apenas o fim de uma antiga forma de vida, não necessariamente uma mudança negativa e poderia significar

também fatos agradáveis: casamento, mudança para outro país, nascimento, entre outros. No século 18, quando o tarô começou a ser usado como oráculo, o nome "morte" não era escrito na carta. No lugar dele, figurava apenas o número, representando o fim da vida. O tarô tradicional apresenta o arquétipo da morte nesta carta, com desenho de uma caveira segurando uma foice, a carta realmente assusta quem não conhece o oráculo.

Figura 12: A carta “A Morte” (13), do tarô



Fonte: Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esoterico/infograficos/numero-13/>>. Acesso em 24 de abr. 2020.

São inúmeras as histórias que retratam a fama desse número, outra diz que a nave Apollo 13 foi lançada no dia 11/04/70 (somando esses algarismos - $1+1+0+4+7+0 = 13$) às 13h13. Ela sofreu avarias no dia 13 de abril em decorrência de uma explosão que destruiu peças e impediu seu pouso na lua. Além disso, há relatos de que o número 13 teria aparecido várias vezes na missão, como hora de descanso ou na comunicação com a Terra. Embora tenha enfrentado problemas durante sua missão, a mesma retornou a Terra sem nenhuma baixa na tripulação.

Apesar das ideias negativas em torno do número 13, ele também pode ser considerado promissor. Isso porque na mitologia grega, Zeus senta-se junto a outras 12 divindades do Olimpo, da mesma forma que faziam o rei Artur e os 12 cavaleiros da tábua redonda. Na Índia, ele é considerado um número sagrado, enquanto na China encontra-se associado com coisas místicas positivas. Os Maias também o consideravam como algo sagrado. Para os egípcios, a vida era composta por 12 estágios diferentes, sendo que o 13^o era a vida eterna.

Embora seja tido como o número do azar, nem todos consideram o número 13 como algo ruim. No campo monetário, por exemplo, o 13 traz muita alegria, mais precisamente o 13º salário, que é ansiosamente aguardado todos os anos por trabalhadores de vários países do mundo, incluindo o Brasil. No mundo das celebridades existem várias que nasceram numa sexta-feira 13, como, por exemplo, Harrison Ford, Alfred Hitchcock, Taylor Swift, dentre outros. Todos eles tiveram e ainda continuam a ter carreiras de sucesso, sendo que os falecidos são reconhecidos ainda hoje.

A junção da sexta-feira com o 13, na mente de alguns indivíduos é a combinação perfeita para que tudo corra mal. Os mais supersticiosos acreditam que é um símbolo de desgraça e que neste dia nada de bom acontecerá. Segundo Teixeira (2015), esse medo excessivo e irracional do número 13 tem um nome, chama-se triscaidecafobia, enquanto o medo relativo à sexta-feira 13 é chamado de frigatriscaidecafobia.

Todos os anos ocorre de alguma sexta-feira coincidir com o dia 13, de qualquer forma é bom que o supersticioso esteja preparado para o bem ou para o mal sempre. Na matemática não há nada que leve a alguma associação mística, essa relação com o azar ou com a sorte é simplesmente inexistente. É interessante abordarmos esses fatos e relatos, eles deixam claro que o indivíduo é quem acrescenta significado aos eventos e associações numéricas, mostrando que o misticismo está intrinsecamente ligado ao indivíduo, cultura, crenças e história de cada um.

Ao falar em “história de cada um”, fica como exemplo um fato ocorrido na vida de meus familiares: minha avó materna faleceu dia 13 de dezembro de 1990, por “sorte”, não era uma sexta-feira; já meu pai, faleceu no dia 13 de janeiro de 2006 em plena sexta-feira. Levando em consideração o fato de eu ser católica desde que nasci, o que meu subconsciente interpretou na época:

- Primeiro, com relação à minha avó, dia 13 de dezembro é o dia de Santa Luzia, conhecida como a santa dos olhos na tradição católica. Por sinal, minha avó enxergava muito bem, faleceu aos 82 anos sem nunca ter precisado usar óculos e, agora, a coincidência: era devota de Santa Luzia.
- Segundo, com relação ao meu pai, pelo fato de o dia 13 de janeiro de 2006 ter ocorrido numa sexta-feira, isso me trouxe certo pânico. Esse acontecimento aliado ao fato de meu pai não ser adepto a nenhuma religião na época me preocupava bastante.

Resultado: preferi deixar de lado essas significações para tentar encontrar paz em meus pensamentos.

Logo, de todos os acontecimentos em nossas vidas, podemos tirar algo de bom ou de ruim, depende de nossa escolha se continuaremos dando sentido àquilo ou não.

CAPÍTULO III

SIMBOLOGIA NUMÉRICA: A INTENÇÃO DOS HAGIÓGRAFOS POR TRÁS DA APLICAÇÃO DA GEMATRIA

O mundo inteiro é um livro a ser decifrado. Em outras palavras, cada elemento do universo, da natureza, cada detalhe do mundo contém em si um significado, uma revelação sobre o Todo. Tudo é uma pista para o conhecimento maior.
(OLIVEIRA, 2015, n.p.)

A gematria ainda é um objeto de estudo pouco divulgado e um assunto de enorme interesse não só para o público judaico, mas também aos interessados em se aprofundar no quesito. Na língua portuguesa, principalmente, não se vê muitas publicações que tratam desse assunto de acordo com os preceitos que regem a Torá (Pentateuco). Com o advento da informática esses estudos se tornaram menos trabalhosos fisicamente, mas não intelectualmente. Neste capítulo nos dedicamos, finalmente, ao propósito do nosso objetivo geral, que é o de mostrar o uso da gematria na Torá, sobretudo na questão do nome de alguns personagens que ali figuram. Partimos, entretanto, da Bíblia Hebraica e o significado das letras numerais hebraicas para a cabala, que formam o construto para entender como se estabeleceu a crença no uso da gematria, principalmente pelos cabalistas. Aqui também apresentaremos nossas considerações a respeito da mística judaica que circunda a gematria, demonstrando quais fatores levam os cabalistas judeus a crer nesses fatos relacionados à Torá.

3.1 BÍBLIA HEBRAICA

A Bíblia não seria um livro sagrado se fosse um livro paralelo à vida. Tem, então, que ser a própria vida, a vida a cada instante e em qualquer circunstância.
(WEINREB, 1991, p. 66)

Tendo como assunto principal a gematria, lembremo-nos que a mesma foi utilizada nas Escrituras hebraicas, sendo assim, é válido destacar alguns pontos sobre a mesma. De acordo com Francisco (2003), as línguas ocidentais normalmente designam as Escrituras hebraicas por Bíblia Hebraica ou Antigo Testamento hebraico, ou ainda, Antigo Testamento ou Velho Testamento, entre outros títulos. Relata ainda

que há outros termos para designar a mesma obra na própria língua hebraica e, que ela é tida como sagrada há séculos, não só pelo judaísmo, mas também pelo cristianismo. Afirma também que:

Desde a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg (c.1397-1468) em 1450, tanto judeus como cristãos se interessaram pela impressão do texto da Bíblia Hebraica; apareceram várias publicações de partes do texto bíblico hebraico e, ao passar do tempo, surgiram edições contendo o texto bíblico por inteiro, em vários lugares da Europa, onde os manuscritos foram substituídos largamente por edições impressas. (FRANCISCO, 2003, p. 10)

A Bíblia Hebraica foi escrita em hebraico bíblico e aramaico. Na literatura rabínica, conforme Guertzenstein (2013), a Bíblia Hebraica é o *Tanakh*, que corresponde ao acróstico dos vocábulos *Tôrah* (Pentateuco), *Nevi'im* (Profetas) e *Ketuvim* (Escritos)⁸. No tocante ao período em que a Bíblia Hebraica teria sido composta, há relatos de que a “maior parte dos livros da Bíblia Hebraica foi composta no período que antecede o exílio babilônico ocorrido a partir de 586 a.C. e tal época compreende o século X ao VI a.C.” (FRANCISCO, 2009, p. 6).

Um livro extremamente rico em símbolos, assim se apresenta a Bíblia Hebraica, é o que afirma Vailatti (2016). Os acontecimentos históricos descritos nesta obra estão, do início ao fim, imbuídos de componentes simbólicos. Tal fala se justifica como sendo absolutamente natural, já que

o pensamento bíblico está inserido dentro de um *continuum* cultural que valorizava o elemento simbólico em seu cotidiano. Dessa forma, era de se esperar que a importância dada aos símbolos no contexto do Antigo Oriente Médio também fosse compartilhada pela Bíblia Hebraica. Deve-se ressaltar, porém, que o uso do adjetivo “simbólico” no que diz respeito à narrativa bíblica não tem a intenção de impugnar necessariamente a sua historicidade. Mesmo porque, na Bíblia, os símbolos são extraídos da vida cotidiana ou de um determinado ambiente cultural. Neste caso, podemos afirmar que os símbolos se originam a partir de contextos sócio-culturais específicos. (VAILATTI, 2016, p. 24)

⁸ A *Torah* é o conjunto formado por cinco livros: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. *Nevi'im* são os "Profetas" da Bíblia Hebraica. São oito os livros dos Profetas: Josué, Juizes, Samuel I e Samuel II, Reis I e Reis II, Isaías, Jeremias, Ezequiel e o livro dos doze profetas posteriores com textos menores. Os doze profetas do oitavo e último livro dos profetas são: Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. *Ketuvim* são os "Escritos Hebraicos". Os Escritos podem ser divididos em três grupos completando o total de onze livros. Existem algumas diferenças na ordem dos Escritos entre as edições judaicas e cristãs. O primeiro grupo: Salmos, Provérbios e Jó. O segundo grupo: Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester. O terceiro grupo são os livros históricos: Daniel, Esdras-Neemias, Crônicas I e Crônicas II. (GUERTZENSTEIN, 2013)

Nas palavras de Hubner (2015), a Bíblia Hebraica é um conjunto de livros cujo propósito é o ensinamento, sempre há algum princípio a ser aprendido em qualquer de suas descrições. Para ele, o redator bíblico apenas agrega algum texto ou episódio na narrativa bíblica quando julga tal ensinamento pertinente. Por vezes, nos poupa de detalhes em certos trechos, e somos agraciados com uma fortuna inusitada de pormenores em outras passagens.

Para Guertzenstein (2013), a literatura bíblica hebraica é a literatura iniciada com as *Tábuas da Aliança* (Dez Mandamentos) e com o Pentateuco, que configuram um código mítico, uma linguagem baseada no sobrenatural e um mecanismo de comunicação específico cedido à humanidade por Moisés. Conforme Francisco (2003, p.10) “judeus e cristãos produziram diversos tipos de edição do texto da Bíblia Hebraica, tanto os para uso devocional como aqueles destinados à utilização acadêmica” ao longo do tempo.

Hubner (2015) cita que a Bíblia Hebraica expõe uma série de convenções numéricas constantes e que os números são reiteradamente escritos por extenso. Afirma ainda que “não existem símbolos ou algarismos que representem os números na Bíblia Hebraica, mesmo quando seu uso é estritamente quantitativo” (HUBNER, 2015, p. 169).

A presença dos números é frequente na Bíblia Hebraica e eles apresentam diversas funções e significados que sobrepujam sua simples utilização para a aritmética, sendo que alguns deles se destacam pela frequência, pela sua simbologia ou interpretação (HUBNER, 2015, p. 13). Desta forma, passemos então a relatar alguns significados dos números/letras para o judaísmo no próximo tópico.

3.2 SIGNIFICADOS DAS LETRAS NUMERAIS HEBRAICAS

Vinte e duas letras: Deus as gravou, esculpiu, permutou, pesou, transformou, e com elas Ele descreveu tudo o que formou e tudo o que seria formado.
(KAPLAN, 2018, p. 126)

A formação característica dos alfabetos por uma sucessão de símbolos e com uma ordem fixa fez com que alguns povos passassem a utilizar suas letras também para representar os números, é o caso do hebraico. Para Hubner (2015), quando nos deparamos com registros numéricos escritos por um redator bíblico, vemos que eles

se comportam como reais ou, por vezes, como figurativos, talvez até ambos os sentidos, entretanto estão repletos de significados segundo a visão judaica.

De acordo com Lipiner (1992), os homens usam as letras do alfabeto para designar os sons componentes das palavras da língua. Entretanto, relata-se que na fase antiga, denominada ideográfica, o alfabeto era composto de sinais que indicavam ideias ao invés de sons. O alfabeto hebraico, em particular,

constitui uma verdadeira exceção, pois continuou sendo objeto de ramificada interpretação ideológica, a qual, no fundo, sublima e desenvolve em profundidade o seu primitivo princípio ideográfico. Com efeito, volumes e mais volumes poderiam ser escritos versando sobre o valor ideológico atribuído às suas letras por exegetas hebreus e cristãos nas várias épocas da História, em que o valor exclusivamente fonético dos sinais gráficos já estava definitivamente fixado. (LIPINER, 1992, p. 17)

Covas (2009) cita que as letras hebraicas tornaram-se emblemáticas na revelação dos mistérios da origem e do destino do universo e das coisas que o compõem, dentro da perspectiva que trata o cosmos como um livro escrito através das figuras espirituais das letras, apontando também que a ordem hierárquica das mesmas tal qual aparece no *Sêfer Yetsirá* determinem a criação, seja do mundo, das estações do ano, dos dias e dos meses, dos elementos da natureza e do próprio corpo humano. E mais, dando a entender que o atributo humano da fala refletida na escrita pudesse explicar a supremacia do homem sobre os demais animais.

Para Hubner (2015), além dos valores numéricos das palavras, na Bíblia Hebraica a aparição dos números é frequente, e possuem várias atribuições e significados, que transcendem sua releitura para a simples aritmética. Dessa forma, muitos números possuem significados simbólicos. Vale ressaltar que para diferenciar números de palavras, escribas adotaram o uso de um ponto sobre cada letra numeral, ou um pequeno acento inclinado na extremidade superior esquerda da letra (por exemplo: ך). Hubner (2015) relata ainda que, com o intuito de não ter de reproduzir várias vezes esses signos distintivos no caso de um número representado por mais de duas letras, um acento duplo foi adotado, entre as duas últimas letras à esquerda (por exemplo: ך"ג ב). A seguir, apresentamos uma sinopse dos números/letras com seus respectivos nomes, significados e o número de vezes que aparecem na Bíblia Hebraica.

Tabela 3: Letras hebraicas: nome, significado e ocorrências na Bíblia Hebraica

Letra Hebraica	Nome da Letra	Significado	Ocorrências na Bíblia Hebraica (como número)
א	<i>Alef</i>	representa a essência divina, o próprio Deus, mas também o homem, como manifestação terrena do Criador	1441
ב	<i>Bet</i>	representa a própria criação, sendo a letra da sabedoria	696
ג	<i>Guimel</i>	representa a natureza e a geração, completando o trinômio das três primeiras letras	407
ד	<i>Dalet</i>	representa a matéria, sendo a letra da autoridade e da expansão	259
ה	<i>He</i>	representa a devoção e o feminino.	299
ו	<i>Vav</i>	representa a união, a coesão, a liberdade e o trinômio luz – som – verbo	187
ז	<i>Zayin</i>	representa a vitória e o equilíbrio entre matéria e espírito	369
ח	<i>Het</i>	representa o equilíbrio, o fundamental, a justiça, o combate e a santidade	74
ט	<i>Tet</i>	representa a prudência, a luz interna ou oculta e a bondade divina em nós. É o verbo mágico do “calar”	43
י	<i>Yod</i>	representa a divindade, a necessidade, a ordem cósmica e o princípio que rege o universo	196
כ ך	<i>Kaf</i>	representa a força, a energia, a capacidade de trabalho e de vencer obstáculos	309
ל	<i>Lamed</i>	representa o sacrifício (divino, moral e humano), a sabedoria por instrução e o ensinamento espiritual transmitido através de gerações de mestre a discípulo	172
מ	<i>Mem</i>	representa a fluidez, a transformação, a morte e o renascimento, bem como a maternidade	133
נ	<i>Nun</i>	representa o Filho (Messias), o fruto, o humilde	150
ס	<i>Samekh</i>	representa o destino, o círculo, os ciclos que se repetem (dia-noite, luz-trevas, vida-morte)	64
ע	<i>Ayin</i>	representa a matéria, a desarmonia, o ruído, o caos, o desequilíbrio e a queda na matéria	91
פ ף	<i>Pe</i>	representa o pensamento, a consciência, a esperança e a comunicação	37
צ	<i>Tsadi</i>	representa o reflexo divino na matéria, a sombra, o reflexo e a energia oculta [luz astral]	20
ק	<i>Qof</i>	representa a verdade, a lei divina e a voz dos profetas e dos santos	558
ר	<i>Resh</i>	representa a liderança espiritual, o despertar e o reconhecimento da divindade	76
ש	<i>Shin</i>	representa o fogo, a duração relativa e o nome de Deus	60
ת	<i>Tav</i>	representa a síntese, a perfeição, a realização da grande obra mágica e o sinal	55

		divino	
--	--	--------	--

Fonte: autora, adaptada Hubner (2015) e Tage (2007)

Covas (2009) nos relata o quão fácil é perceber a existência de uma crença explícita na potência sobrenatural do alfabeto, este código que era apto a dar aos iniciados o poder de co-participante na reconstrução do cosmos. Resumindo, nos diz Covas (2009, p. 42-43) que

o mundo nesta concepção é visto como essencialmente um processo linguístico baseado na combinação ilimitada das letras. Todas estas especulações cabalísticas tinham como instrumento o alfabeto, as letras e números que a elas correspondiam, e que ao longo dos desenvolvimentos dentro das diferentes escolas e perspectivas da mística judaica assumiram significados que poderiam conter os conceitos espiritualistas da filosofia de Platão e Pitágoras, passando por valores ideológicos, filosóficos e sociológicos ligados à exegese judaica e também cristã, até chegar a abordagens esotéricas, didático-moralistas e ao final numa perspectiva cosmogônica.

Essa crença na potência sobrenatural do alfabeto, relatada acima, faz alusão à questão do sagrado. Quando falamos sobre a sacralidade, seja de uma língua ou de quaisquer outros elementos, podemos considerar os estudos realizados por Otto (2007), onde se compreende como divino a ideia do sagrado, mostrando-se distinta de qualquer verdade rotineira e escapando da compreensão racional. Segundo o autor, o sagrado é uma perspectiva e análise do que existe, de modo especial, no campo religioso e apresenta pressupostos primordiais para a compreensão do mesmo, como uma concepção composta e enigmática, que possui conexões entre seus constituintes absurdos e racionais. Para Otto (2007), há no indivíduo uma inclinação religiosa, uma aptidão do intelecto humano, um primórdio que o mantém ligado a essa vivência. Esta afeição com o sagrado é exclusiva do indivíduo, configura-se como um aprendizado, de modo intuitivo, que o faz uma alma suscetível, apta a destrinchar e de se deixar conquistar, descobrir.

Ainda levantando aspectos relativos à sacralidade, lembramos que Eliade (2018) também apresenta a noção de sagrado e, respectivamente, sua evidência particular segundo a concepção de hierofania. Para ele, o sagrado é que traz as características de realidade e percepção aos constituintes do mundo e da vida. Em seu ponto de vista, o mundo deixa-se perceber como cosmos na medida em que se mostra como mundo sagrado e que o indivíduo empedernido de um sistema religioso ao reconhecer a função de “criar” o mundo em que resolve residir, consagra o caos e

santifica seu pequeno cosmos, deixando-o análogo ao mundo dos deuses. Afirma ainda que o sagrado ao se manifestar por uma hierofania qualquer, causa uma quebra na isonomia do espaço e também uma percepção de uma verdade plena.

Ainda no quesito sagrado e vinculando às letras numerais hebraicas, façamos uma breve anamnese comentando sobre o relato da criação. No sétimo dia, relatado no livro do Gênesis (Gn 2,2-3), Deus conclui sua obra e descansa. Logo após, abençoa esse dia e o santifica, ou seja, torna-o sagrado. Por isso a sacralidade do *shabat* para a doutrina judaica. Esse numeral sete (ou letra hebraica, tendo em vista a intrínseca relação de ambos) exprime algumas ideias, lembra-nos os dias da semana, a *menorah* (candelabro de sete braços) que representa a luz da Torá no judaísmo e, todos os seres portanto, trata-se de um dos principais símbolos da mística judaica. O mesmo numeral também nos recorda as notas musicais (DÓ – RÉ – MI – FÁ – SOL – LÁ – SI) e os pecados capitais (avareza, gula, inveja, ira, luxúria, preguiça, vaidade), enfim são vários exemplos que poderíamos citar fazendo referência a esse número.

Na Bíblia Hebraica são registrados outros acontecimentos em sete dias, não se limitando apenas ao relato da criação. Fazendo alusão ao número sete, vejamos então sete exemplos:

1. No livro do Gênesis (Gn 7,4) está escrito “daqui a sete dias, farei chover sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites, e farei desaparecer da superfície do solo todos os seres que eu fiz”.
2. No livro do Êxodo (Ex 24,16) cita-se que, no sétimo dia, “lahweh chamou Moisés do meio da nuvem”, aqui retrata-se o episódio em que lahweh entrega as tábuas de pedra – a lei e o mandamento – para Moisés.
3. No livro do Levítico (Lv 8,33) encontramos os dizeres “Durante sete dias, não deixareis a entrada da Tenda da Reunião, [...], pois são necessários sete dias para a vossa investidura”.
4. No livro do Deuteronômio (Dt 16,8) relata-se que “durante seis dias comerás ázimos e no sétimo dia haverá uma solene reunião em honra de lahweh teu Deus”.
5. Ainda no livro do Deuteronômio (Dt 16,15) encontramos outro versículo que menciona “Durante sete dias festejarás em honra de lahweh teu Deus, no lugar que lahweh houver escolhido; na festa dos Ázimos, na festa das Semanas e na festa das Tendras”.

6. No livro dos Números (Nm 19,11) cita-se que aquele “que tocar um cadáver, qualquer que seja o morto, ficará impuro sete dias”.

7. No livro de Josué (Js 6,15-) diz-se que rodearam a cidade de Jericó durante seis dias e no sétimo dia a muralha ruiu por terra, ocorrendo a conquista da cidade.

Existem vários outros acontecimentos que recordam os sete dias na Bíblia Hebraica, deixando claro o quão significativo esse número é para o judaísmo. Já na matemática, o número sete é classificado como primo e ainda definido como deficiente, diferentemente do seis que é tido como perfeito usando a definição da soma dos divisores do número.

3.3 GEMATRIA

A Gematria não é um jogo “dos números e das letras”.
É um método de interpretação, um método de abertura.
Não há nela nem futilidade nem contingência.
(OUAKNIN, 1996, p. 173)

Também designada por gematria numérica ou *isopsefia* (a palavra grega para gematria), ela é tida como um mecanismo criptográfico em que se atribui valores numéricos convencionados às letras (de um alfabeto) ou às sílabas (de um silabário). De acordo com Ouaknin (1996, p. 173):

“O leitor deve prestar menos atenção à dimensão dos números do que às palavras que as equivalências numéricas relacionam e cuja aproximação é sempre um grande alcance filosófico. É dessa aproximação que surge o pensamento, e esse é um processo de reflexão e de contemplação”. A Gematria é uma maneira de abrir-se para outra coisa: pretexto, trampolim, passagem. Não basta pôr a equação, evidenciar igualdades; o sentido não está nem na palavra de origem nem na de chegada, mas entre as duas, ele é o “inter-dito”. A Gematria é um ponto de partida para o pensamento, ela não é o pensamento.

Andrade (2001) descreve a relação entre o alfabeto hebraico e os números, que apresentamos aqui (ver Tabela 1), separando em métodos. São quatro os métodos pelos quais o sistema hebraico de gematria pode ser calculado: valor absoluto, valor ordinal, valor reduzido e valor integral reduzido.

O primeiro deles, que é o valor absoluto, funciona da seguinte forma: para as primeiras nove letras do alfabeto, são atribuídos valores de 1 a 9, para as próximas nove letras, valores de 10 a 90, para as últimas quatro, valores de 100 a 400, somando

um total de 22 letras (todas consoantes, já que o alfabeto é hebraico). Veja a Tabela 4:

Tabela 4: Valor absoluto

א	ב	ג	ד	ה	ו
Alef = 1	Beth = 2	Guimel = 3	Daleth = 4	Hê = 5	Waw = 6
ז	ח	ט	י	כ	ל
Zayin = 7	Heth = 8	Teth = 9	Iod = 10	Kaf = 20	Lamed = 30
מ	נ	ס	ע	פ	צ
Mem = 40	Nun = 50	Samekh = 60	Ayin = 70	Pê = 80	Tsade = 90
ק	ר	ש	ת		
Qof = 100	Resh = 200	Shin = 300	Taw = 400		

Fonte: Tabela adaptada do artigo disponível no site: teshuvahatorah.xpg.uol.com.br/estudo/mosheh/guematria.pdf

O segundo método atribui valores de 1 a 22 para as letras hebraicas, de modo que: a primeira letra vale 1, a segunda 2, a terceira 3 e assim por diante, seguindo a ordem numérica, por isso é denominado valor ordinal. Veja a Tabela 5:

Tabela 5: Valor ordinal

א	ב	ג	ד	ה	ו
Alef = 1	Beth = 2	Guimel = 3	Daleth = 4	Hê = 5	Waw = 6
ז	ח	ט	י	כ	ל
Zayin = 7	Heth = 8	Teth = 9	Iod = 10	Kaf = 11	Lamed = 12
מ	נ	ס	ע	פ	צ
Mem = 13	Nun = 14	Samekh = 15	Ayin = 16	Pê = 17	Tsade = 18
ק	ר	ש	ת		
Qof = 19	Resh = 20	Shin = 21	Taw = 22		

Fonte: Tabela adaptada do artigo disponível no site: teshuvahatorah.xpg.uol.com.br/estudo/mosheh/guematria.pdf

O terceiro método denominado valor reduzido, atribui apenas valores de 1 a 9, observe o exemplo na Tabela 6:

Tabela 6: Valor reduzido

א	ב	ג	ד	ה	ו
Alef = 1	Beth = 2	Guimel = 3	Daleth = 4	Hê = 5	Waw = 6
ז	ח	ט	י	כ	ל
Zayin = 7	Heth = 8	Teth = 9	Iod = 1	Kaf = 2	Lamed = 3
מ	נ	ס	ע	פ	צ
Mem = 4	Nun = 5	Samekh = 6	Ayin = 7	Pê = 8	Tsade = 9
ק	ר	ש	ת		
Qof = 1	Resh = 2	Shin = 3	Taw = 4		

Fonte: Tabela adaptada do artigo disponível no site: teshuvahatorah.xpg.uol.com.br/estudo/mosheh/guematria.pdf

O quarto método, denominado valor integral reduzido, utiliza-se dos três métodos anteriores: absoluto, ordinal e reduzido. Dessa forma, ao somarmos as letras hebraicas da palavra e resultar num valor maior que nove, seus termos serão somados e reduzidos a um único dígito, por exemplo:

O nome Joel, em hebraico :

י ו א ל

Vamos aos cálculos:

$$ל + א + ו + י = 3 + 1 + 6 + 10$$

A soma resultante gerou o número 20. Somando seus algarismos, de acordo com o quarto método:

$$2 + 0 = 2,$$

Logo, de acordo com o quarto método, passa a valer 2.

Vejamos alguns outros exemplos de aplicação da gematria pelo valor integral reduzido:

1. ד א ח ד = 'echad = Unidade = 4 + 8 + 1 = 13

א ה ב ה = 'ahavah = Amor = 5 + 2 + 5 + 1 = 13

Logo, pela gematria, conclui-se que Amor = Unidade (CASTRO, 2012, p. 44)

$$2. \text{ב ל} = \text{lev} = \text{Coração} = 2 + 30 = 32$$

$$\text{ב י ת} = \text{baït} = \text{Casa} = 400 + 10 + 2 = 412$$

$$\text{מ ק ד ש} = \text{miqdash} = \text{Templo} = 300 + 4 + 100 + 40 = 444$$

Logo, pela gematria, conclui-se que Templo = Casa + Coração (32 + 412)
(CASTRO, 2012, p. 44)

$$3. \text{מ ש י ה} = \text{Messias} = 8 + 10 + 300 + 40 = 358$$

$$\text{נ ח ש} = \text{serpente} = 300 + 8 + 50 = 358$$

Logo, pela gematria, conclui-se que Messias = serpente (CROWLEY, 2002, p.15)

3.4 GEMATRIA NA TORÁ: O NOME DE DEUS

Não pronunciarás em falso o nome de lahweh teu
Deus, porque lahweh não deixará impune
aquele que pronunciar em falso o seu nome.
(Ex 20,7)

Uma leitura simbólica, em busca de um sentido no texto através da representação numérica das letras, é empregada a muitos textos da Bíblia Hebraica, principalmente na Torá. Dentre os diversos textos e vocábulos investigados, o que mais aguça a curiosidade, indubitavelmente, é o nome de Deus.

Esse nome é transcrito como um tetragrama sagrado, quatro letras hebraicas YHWH (יהוה). O texto bíblico apresenta uma explicação fazendo referência à raiz verbal *hyh* (היה), que pode significar ser, estar, tornar-se, acontecer, haver, no contexto da revelação divina a Moisés, do meio da sarça ardente. Nessa teofania, Deus se apresenta como o Deus dos pais, isto é, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó (Ex 3,6.15). Ao receber a missão de Deus para ir ao Faraó e fazer sair do Egito o povo hebreu, Moisés fica em dúvida quanto à identidade de Deus e pergunta pelo seu nome, dessa forma o texto bíblico coloca a resposta na boca do próprio Deus:

Moisés disse a Deus: “Quando eu for aos israelitas e disser: ‘O Deus de vossos pais me enviou até vós’; e me perguntarem: ‘Qual é o seu nome?’, que direi?” Disse Deus a Moisés: “Eu sou aquele que é”. Disse mais: “Assim dirás aos israelitas: ‘EU SOU me enviou até vós.’” (Ex 3,13-14).

Normalmente as pesquisas buscam dar razão a essa explicação pela língua hebraica, já que a mesma faz sentido e se mostra bem fundamentada. “A rigor, *Javé não é um nome próprio*. É uma afirmação que faz referência à divindade, *yhwh/yahweh* certamente está relacionado a um imperfeito da raiz verbal *hyh* ‘ser’, ‘acontecer’, ‘acionar’ e significa ‘ele age/é/acontece’” (SCHWANTES, 2008, p. 113).

Croatto (1989, p. 7-14) apresenta uma mesma argumentação nesse sentido, ao discutir variadas formas verbais da raiz verbal *hyh*, nessa revelação do nome divino, relacionado, especificamente, ao contexto libertador do êxodo. Normalmente essa é a direção dos estudos bíblicos, principalmente na América Latina.

O sentido do nome, na Bíblia, ultrapassa a explicação gramatical, porque ele revela a própria identidade do indivíduo e, com frequência, a sua missão. Saber o nome da pessoa implica em ter conhecimento dela e, portanto, estabelecer uma relação. Pronunciar o nome identifica o cerne da pessoa, por isso o nome aufere tanta relevância. Nessa dimensão teológica, “o nome pessoal tende a ser um *alter ego* e reflete a natureza, capacidade e existência de seu possuidor” (METTINGER, 2015, p. 34).

Se o nome de toda pessoa é relevante, imagine a notoriedade que ganha o nome de Deus. Conhecer o nome divino significa poder se comunicar com ele e envolver-se com a sua energia. Talvez, por essa mesma razão, o nome divino seja impronunciável. A leitura substitui normalmente a pronúncia do tetragrama por *'adonay* (hebr. o meu Senhor; lit. os meus Senhores). As traduções variam entre Javé, lahweh, Jeová, Senhor, Eterno e YHWH. Isso para afirmar que, de fato, ninguém sabia como se pronunciava o nome de Deus (RÖMER, 2016, p. 33-40).

A concordância entre as variadas explicações do nome divino consiste em reconhecer que há relação entre o nome YHWH e a raiz verbal *hyh* e que, portanto, há uma força dinâmica no tetragrama divino. A gematria, em seu empenho por uma explicação mística, vai noutra direção. Busca um sentido simbólico por trás do nome, pela soma das letras e das narrativas apresentadas no texto.

Beitzel (1980, p. 5-20) discute as diversas possibilidades de interpretação do nome divino, partindo do conceito de paronomásia. Ele define paronomásia como um recurso retórico para recrutar e reter a atenção da audiência. Refere-se à palavra composta pelos termos gregos *para* (aproximar) e *ónoma* (nome). O som da palavra tem um determinado sentido, mas o seu significado se mostra distinto, o que denota

uma espécie de ambiguidade literária. Trata-se, segundo o autor (p. 5), de um fenômeno habitual no Antigo Oriente Médio.

Em meio a uma diversidade de explicações etimológicas, Beitzel destaca as três seguintes:

Um grito de êxtase, incompreensível, seria a primeira explicação do nome divino, assim como apareceu. Essa invocação cúltica revelaria um estado emocional, expresso em forma simplificada talvez como *Yah*, com algumas variações (BEITZEL, 1980, p. 12-13).

Uma forma verbal triliteral, conforme a opinião mais comum, da raiz verbal *hyh* (ser, tornar-se, efetivar). Porém, tanto o sentido básico quanto a forma verbal dessa raiz variam, de acordo com a interpretação dos pesquisadores (BEITZEL, 1980, p. 13-14).

Um tetragrama genuíno, portanto, um nome quadriliteral, é a teoria defendida pelo autor. Entre os argumentos, ele reporta que o nome aparece, com semelhança de letras, em Ugarit (*yw*), no Egito (*ya-h-wá/yi-ha*) e como um nome babilônico (*'leuw*) (BEITZEL, 1980, p. 18-19).

Em conclusão, Beitzel (1980, p. 19) afirma: “Parece preferível concluir que o tetragrama é um nome divino quadriradical de origem lexicográfica e étnica desconhecida, e que sua relação com *hayah*, em Êxodo 3,14 é um tipo de paronomásia, não etimologia”.

A gematria é um tipo de paronomásia, em que a grafia escrita, visual, esconde um sentido oculto, oral. Qual o sentido do tetragrama pela gematria?

Primeiro, escrevamos nossa tabela gemátrica para que a aplicação dos cálculos fique mais simples:

Tabela 7: Tabela gemátrica

	א	ב	ג	ד	ה	ו	ז	ח	ט
Absoluto	1*	2	3	4	5	6	7	8	9
Ordinal	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Reduzido	1	2	3	4	5	6	7	8	9
	י	כ	ל	מ	נ	ס	ע	פ	צ
Absoluto	10	20	30	40	50	60	70	80	90
Ordinal	10	11	12	13	14	15	16	17	18
Reduzido	1	2	3	4	5	6	7	8	9
	ק	ר	ש	ת	ך	ם	ן	ף	ץ
Absoluto	100	200	300	400	500	600	700	800	900
Ordinal	19	20	21	22	23	24	25	26	27
Reduzido	1	2	3	4	5	6	7	8	9

* também corresponde a mil.

Assim sendo, o nome YHWH, grafado como um tetragrama com 4 consoantes, resulta no seguinte:

$$\text{יהוה} = 26 = 10 + 5 + 6 + 5 = \text{י} + \text{ה} + \text{ו} + \text{ה}$$

Vimos anteriormente que:

$$\text{Echad} = \text{Unidade} = 13 = 1 + 8 + 4 = \text{אחד}$$

$$\text{Ahava} = \text{Amor} = 13 = 1 + 5 + 2 + 5 = \text{אהבה}$$

Logo, pela gematria (método do valor absoluto), conclui-se que

$$\text{YHWH} = \text{Amor} + \text{Unidade}$$

Dessa forma, podemos dizer que YHWH é amor e é único. Nesse caso, temos o mesmo resultado também para o valor ordinal.

Apresentamos apenas um exemplo, mas será fácil encontrar outros tantos que indiquem conotações diferentes. Para isso, basta encontrarmos palavras cuja soma em hebraico resulta em 26, ou então combinações de palavras com a mesma soma numérica.

A confissão de fé colocada na boca de Moisés pode ser interpretada como valor numérico do nome divino, YHWH, conforme Max (2014, p. 53-54).

Pois Yahweh vosso Deus é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, o valente, o terrível, que não faz acepção de pessoas e não aceita suborno; o que faz justiça ao órfão e à viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e roupa (Dt 10,17-18).

A confissão de fé encontra-se num momento categórico da vida do povo, como preâmbulo das prescrições divinas que constituem o código do Deuteronômio, em preparação à entrada na terra prometida. A confissão se concentra exclusivamente sobre as qualidades de Deus, como Deus dos deuses e Senhor dos senhores, com destaque para suas qualidades como rei e para suas ações em favor da justiça e das categorias menos favorecidas. O texto se torna peculiar ao apresentar

os dois aspectos da divindade, por um lado sua transcendência absoluta e, por outro lado, sua aproximação imanente aos mais marginalizados da sociedade.

A confissão tem início com “Pois Yhwh vosso Deus”, proclamação solene do nome divino em terceira pessoa, com referência a Ele. Ora, a soma do número de palavras dessa confissão é 26, o que corresponde exatamente à soma das letras do nome YHWH.

Esse procedimento parece querer significar que o conteúdo do texto exprime a totalidade das características que definem Yhwh, aquelas que constituem sua essência mesma, aparecendo o texto como uma explicitação da essência de Yhwh na sua singularidade, expressa pelo seu nome mesmo (MARX, 2014, p. 54).

Outro texto que se explica pela correspondência ao tetragrama do nome divino é o Sl 136. Esse salmo proclama a bondade divina como Deus dos deuses e Senhor dos senhores (v. 1-3) e conclui com o mesmo convite de louvor (v. 26). O que o torna peculiar e distinto é a repetição no segundo hemistíquio de cada versículo, do motivo do louvor, a saber “sua misericórdia (*chésed*) é eterna”. Ora, a Escritura evidencia, em diversas passagens, que a *chésed* é a característica fundamental de Deus. O Sl 136 repete essa palavra exatamente 26 vezes, o número correspondente à soma das letras do tetragrama YHWH.

Que esta referência à misericórdia divina seja retomada palavra por palavra não menos que 26 vezes em nosso salmo não é, por certo, puramente fortuito. Ainda mais que 26 é justamente o valor numérico do nome divino YHWH, enunciado logo no início do salmo e unicamente ali (MARX, 2014, p. 53).

O tetragrama também interfere na forma como os números são escritos em hebraico. Com o intuito de vermos como ocorre essa interferência, escreveremos os números de 11 a 20 em hebraico. Na figura 9 (p. 36) retratada aqui nesse estudo, vimos o valor numérico das letras do alfabeto hebraico, percebemos que do número 10 se pula para o número 20. Assim:

O número 11 é a soma do 1 + 10: $11 = \text{יא} = \text{י} + \text{א}$

12: $2 + 10 = \text{יב} = \text{י} + \text{ב}$

13: $3 + 10 = \text{יג} = \text{י} + \text{ג}$

14: $4 + 10 = \text{יד} = \text{י} + \text{ד}$

15: $5 + 10 = \text{ה} = \text{י} + \text{ה}$ (forma errada)

No número 15, a forma regular seria $\text{ה} = \text{י} + \text{ה}$, entretanto as duas letras ה e י pertencem ao tetragrama, fato que os judeus devido à sua mística evitam usar por representar a forma abreviada de יהוה . Dessa forma, o número 15 é representado pelas letras ט e ו :

$$\text{טו} = 15 = 9 + 6 = \text{ט} + \text{ו}$$

O mesmo fato acontece com o número 16, sua forma regular seria:

$$\text{י} = 16 = 10 + 6 = \text{י} + \text{ו}$$

Mais uma vez temos a junção de duas letras pertencentes ao tetragrama: ו e ז . O mesmo argumento se aplica a esse caso. Dessa forma, a maneira correta de escrever o número 16 é:

$$\text{טז} = 16 = 9 + 7 = \text{ט} + \text{ז}$$

Escrevendo os números 15 e 16 da maneira acima descrita, não se corre o risco de utilizar as formas abreviadas do tetragrama. Foi a maneira que os judeus encontraram para não correr o risco de usar em vão as formas abreviadas do nome de YHWH. Logo, é visível a importância do nome YHWH aqui no processo de contagem, ou seja, ele interfere também na matemática hebraica.

3.5 APLICAÇÕES DA GEMATRIA: A QUESTÃO DO NOME

Pelas suas estética e musicalidade, pelo que apela à memória, cada nome tem um poder misterioso e evocador, poético e musical. Já diziam os latinos que os nomes se convertem em presságios e o seu som em magia.
(BELO, 1992, p. 8)

No livro de Provérbios encontramos um versículo que dá ênfase à questão do nome, ele nos diz: “É preferível bom nome a muitas riquezas, e boa graça a prata e ouro” (Pr 22,1). Logo, se confirma a importância do nome para a cultura judaica e, principalmente, o conceito do nome associado à honra já que a mesma valoriza bastante o que está escrito na Bíblia Hebraica.

Almeida (2009) relata que entre os povos da antiguidade, a doutrina do nome estabelecia conceitos amplamente difundidos, sobretudo entre os mesopotâmios. A

doutrina preconiza o poder criador da palavra, de que uma coisa passa a existir apenas a partir do momento que recebe um nome. Ora, em se tratando de alfabeto hebraico, podemos reelaborar essa doutrina do nome e reescrevê-la do seguinte modo: algo passa a existir ao receber um número, só podemos dizer isso pelo aspecto duplo das letras hebraicas (número/letra). Vemos assim a doutrina da escola pitagórica se estabelecendo, já que todas as coisas que existem possuem um número. Lembremo-nos que essa escola influenciou fortemente o simbolismo numérico posterior, alcançando até mesmo a numerologia moderna.

A linguagem dos nomes, na concepção cabalística, originou-se de uma linguagem divina, quando o mundo fora constituído. Para eles, Deus transferiu para o homem o poder de nomeação e, assim a linguagem humana fez-se, desde os primórdios, tradução. A linguagem teria permanecido una e pura até a destruição da Torre de Babel, quando ocorre a multiplicidade linguística, transformando-se em um simples modo de comunicação e a tradução tornou-se o único meio de visualização daquela linguagem pura, absoluta, segundo Oliveira (2002, p. 7). Ainda sobre a questão do nome, Vassi (1977, p. 130) diz que “nomear alguém, chamá-lo sob um nome próprio, é o deslocar constantemente das identificações imaginárias em que se deixa prender”.

O fato de que Deus tenha criado algo por meio da palavra (Deus disse), para depois nomeá-la, é reproduzido na Torá. Percebe-se logo no primeiro capítulo do livro do Gênesis, a criação da luz e logo após sua nomeação: “Deus disse: ‘Haja luz’ e houve luz. Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz e as trevas. Deus chamou à luz ‘dia’ e às trevas ‘noite’” (Gn 1,3-5). Outra passagem que cita a criação pela palavra encontra-se no livro dos Salmos. Em Sl 33,6: “O céu foi feito com a palavra de lahweh, e seu exército com o sopro de sua boca”. Atwell também apresenta contribuições sobre o ato da criação pela palavra divina, para ele:

A criação pela Palavra divina era um conceito comum em todo o antigo Oriente Próximo. Não era uma expressão tardia e refinada da atividade divina na criação, mas já era um conceito vivo na antiga Suméria. Sua origem parece penetrar profundamente na crença primitiva no poder de um nome e na magia associada às palavras. Assim como uma imagem pode participar da essência da coisa que ela representa, a palavra falada tinha o potencial da coisa que ela significava. Está intimamente ligado à mentalidade de que um ato ritual poderia realmente evocar a realidade que ele retratava. Sem dúvida, esse tipo de coisa foi decisivamente reforçado pela experiência da realeza no antigo Oriente Próximo. Afinal, o rei só tinha que conceber uma ordem e pronunciá-la, e a ação foi feita. A palavra eficaz do déspota forneceu uma analogia para a palavra divina. (ATWELL, 2000, p. 465)

Oliveira (2002) afirma que a crença dos cabalistas demonstra que a Torá tenha sido construída em torno do nome de Deus, do tetragrama YHWH e, que a partir dessas quatro consoantes, realizaram-se permutações e combinações que, submetidas a processos combinatórios *ad infinitum*, teriam dado origem às frases que se encontram na Torá. Porém, a autora acredita que os escritos, tal como encontramos na Torá, não oferecem clareza e que eles são substancialmente, a expressão da alma e só se farão compreensíveis a partir do instante em que houver uma interpretação. Logo, “a revelação da palavra de Deus se faz na história, ‘a arena na qual a tradição se revela’; ‘não existe qualquer aplicação não dialética imediata da palavra divina’. Se houvesse, ela seria destrutiva”, de acordo com Oliveira (2002, p. 6-7).

Para Kanitz (2014), o ato de nomear, nos textos bíblicos, está relacionado ao comprometimento das pessoas, tanto daquelas que nomeiam como daquelas que recebem o nome. Dessa forma, cada nome escolhido possui um significado especial que está relacionado com a história do indivíduo. As histórias ali contadas mostram que os indivíduos acreditavam que o nome tinha ligação com a pessoa, e que de algum modo, representavam a sua natureza.

Para os israelitas, da Bíblia Hebraica, o nome de uma pessoa não apenas a nomeia, mas estabelece sua natureza; uma alteração em seu nome assinala uma modificação em seu destino. Para Balmory (1997, p. 174), “Nenhuma troca de nome, na vida, está desprovida de significação”.

Citamos a seguir alguns exemplos de aplicação da gematria nos nomes e também relatos de alteração ou troca dos mesmos, retratados na Torá:

Em Gn 17, 5 - “E não mais te chamarás Abrão, mas teu nome será *Abraão*; pois eu te faço pai de uma multidão de nações.”

Abrão (Avram) : אַבְרָם (“antepassado famoso”, segundo Kanitz (2014))

$$243 = 1 + 2 + 200 + 40 = א + ב + ר + מ$$

Ficou Abraão (Avraham) : אַבְרָהָם (“pai de muita gente”, segundo Kanitz (2014))

$$248 = 1 + 2 + 200 + 5 + 40 = א + ב + ר + ה + מ$$

Ao acrescentar a letra *hê* (ה - que pertence ao tetragrama sagrado) que tem valor numérico 5 ao nome de Abrão, o novo valor numérico do nome de Abraão passa a ser 248 que é o número de preceitos positivos do judaísmo.

Em Gn 17,15: “Deus disse a Abraão: A tua mulher Sarai, não mais a chamarás de Sarai, mas seu nome é Sara.”

Sarai : שרַי

$$י + ר + ש = 10 + 200 + 300 = 510$$

Ficou Sara : שרה

$$ה + ר + ש = 5 + 200 + 300 = 505$$

No caso de Sara, retirou-se uma letra - *yôd* (י) e acrescentou a letra *hê* (ה - que pertence ao tetragrama sagrado) que tem valor numérico 5, o novo valor numérico de seu nome passa a ser 505. Kanitz apresentou uma explicação interessante para o ocorrido, citando Balmory, analisando a genealogia de Sarai:

Primeiro, pelo sistema patriarcal, Sarai era posse de seu pai. Segundo, ela também o era pelo nome, “meu princesa” (em hebraico); porque o pronome do nome faz a ligação entre nomeador e a pessoa nomeada, entre pai e filha. Terceiro, ela casou com seu meio-irmão Abrão, filho de seu pai com outra mulher. O casamento, ao invés de libertá-la, prendeu-a mais ao pai, pois “seu pai é também seu sogro; o mesmo homem é pai e sogro de seu marido. Quatro vezes ligada àquele que a chamou de sua”. Mesmo com o casamento, ela permaneceu uma posse de seu pai. Sarai não conseguia gerar filhos porque a sua pessoa “não pertence a si mesma, mas a um outro”. A atribuição de seu nome possuía um laço que ela não conseguia romper sozinha. Balmory chama de *erro simbólico*: “um ato de palavra que torna impossível para o ser humano avançar na vida”. Sarai sentia que continuava a ser do pai, por chamá-la de “minha princesa”, e não podia ser mulher de outro, ser chamada de esposa e mãe. Por isso, não engravidava. Quando ela passou a ser chamada de Sara, “princesa”, ela tornou-se princesa de si mesma. Ela viu-se liberta das amarras do pai, podendo se tornar esposa e mãe. Assim, a “esterilidade” desapareceu e Sara gerou a Isaque. (KANITZ, 2014, p. 134-135)

Perondi (2013) nos relata como são instigantes determinadas interpretações judaicas que entendem que a verdadeira mudança no nome aconteceu com a inclusão da letra “H” no nome de Abraão, que é uma das letras do Tetragrama do Nome de Deus (YHWH). O autor nos lembra que a transliteração correta do hebraico é Abrahâm, que passa a ser Abrahâm. Em seu ponto de vista, o mesmo acontece com a

personagem Sarai, que passa a se chamar Sara (Gn 17,15). Ressalta que essa operação estaria possivelmente ligada à aliança, cujo símbolo é a circuncisão (Gn 17,10); enquanto Abraão leva em sua carne o selo de pertença a Deus (retratada pela participação humana no pacto com Deus), o Senhor, em conformidade, incluiria parte do seu nome no nome de Abraão.

Outros exemplos de gematria:

Ferreira (2009b, p. 180) afirma que as consoantes do nome Davi (דָּוִד - em hebraico) somam, na correspondência numérica, 14 (4 + 6 + 4), sendo que Davi consta como sendo o 14º nome na lista da genealogia de Jesus, em Mateus (Mt 1,6). Além de essa genealogia ser estruturada em três etapas de quatorze gerações (Mt 1,17).

O nome de Gad (GD - גָּד), cuja gematria é 7 (4 + 3) figura como o 7º na lista de tribos de Gênesis (Gn 46) e Ihe são atribuídos exatamente 7 filhos, segundo Beitzel (1980, p. 6).

A primeira grande coleção de provérbios salomônicos (Pr 10,1-22,16) tem como cabeçalho hebraico “Provérbios de Salomão” (*mishlê shəlomoh*), cuja soma numérica é 375. Essa é a soma dos provérbios que fazem parte dessa coleção, conforme o códice Vaticano (BEITZEL, 1980, p. 6).

Os 318 servos de Abraão em Gênesis (Gn 14,14) podem ser vistos pela gematria como o nome de Eliezer, o servo de Abraão (15,2) (BEITZEL, 1980, p. 6).

As 603.550 pessoas libertadas do Egito (Nm 1,46) podem ser interpretadas, pela gematria, como significado da expressão original hebraica para “os filhos de Israel, cada indivíduo” (*benê yisra’el kol ro’sh*), (BEITZEL, 1980, p. 6).

A expressão original hebraica “venha Silo” (*yabo’ shiloh*) na bênção de Jacó sobre Judá (Gn 49,10) foi vista por Jacob ben Asher de Toledo, no século XIII, como correspondente ao valor numérico da palavra messias (*mashîach*) (MARX, 2014, p. 52).

Escolher um nome para um indivíduo envolve mais que uma mera decisão, é um gesto de cuidado e envolve o comprometimento com o futuro do mesmo, com sua constituição psíquica e, até mesmo, com sua autoestima. Citamos aqui dois exemplos relatados no livro do Gênesis, que foram os nomes de Abraão e Sara, em que o Criador mudou o nome do personagem e, logo após tiveram seus destinos mudados. Também no início da Torá, o Criador deu ao ser humano a tarefa de nomear (Gn 2,19).

3.6 SÍNTESE FINAL

A Gematria rompe a relação da palavra com a coisa. Ela produz um corte na língua, que não é mais um dado, mas um movimento infinito de significação. A passagem para os números é, assim, um 'apagamento' do significado habitual. [...] Por meio de um conjunto de procedimentos de decomposição, e em particular pela Gematria, a língua hebraica nos oferece os caminhos de um sonho no interior das palavras.

(OUAKNIN, 1996, p. 76-77)

Para chegarmos até aqui, passamos pela reflexão de alguns tópicos, o primeiro deles foi a questão da escrita. Já imaginou o que seria do universo sem a escrita? Foi um questionamento em uma das citações de Andrade, em que o mesmo partilha de suas ideias sobre a pergunta em questão. Compartilhamos aqui também uma outra resposta, mas agora de Walter Jackson Ong, ele afirma que sem a escrita,

a consciência humana não pode atingir o ápice de suas potencialidades, não é capaz de outras criações belas e impressionantes. A cultura escrita, como veremos, é imprescindível ao desenvolvimento não apenas da ciência, mas também da história, da filosofia, ao entendimento analítico da literatura e de qualquer arte e, na verdade, à explicação da própria linguagem (incluindo a falada) (ONG, 1998, p.23).

Com o intuito de complementarmos nosso estudo, ainda no quesito da escrita, abordamos a questão da origem divina e humana da mesma. Sob este aspecto relata-se que os povos antigos geralmente criam em uma origem divina da escrita:

para os egípcios, o inventor da escrita foi Tot (deus inventor dos elementos culturais) ou Isis; para os babilônios, Nebo, filho de Marduk (deus do destino humano), ou Namar-Bili; para os chineses, face de dragão Ts'ang Chien; para os gregos, Hermes ou Cadmos; para os romanos, Mercúrio; para os teutoes, Odin ou Wotan; para os celtas, Ogmios; para os astecas, Quetzacoatl. Segundo Heródoto, Cadmos, príncipe fenício, filho de Agenor, rei de Tiro, foi quem trouxe o alfabeto fenício para os gregos. (HUBNER, 2012, p. 233)

É visível o fato de que a escrita renasce a cada dia de diferentes formas e formatos. Tomemos como exemplo as redes sociais, principalmente os *chats*, em que se utiliza escritas nunca antes relatadas e trabalhadas: “s” substituindo o sim, “n” no lugar de não, “pq” ao invés de por que, e assim por diante. Essas formas são utilizadas para se reduzir a quantidade de caracteres da palavra, mas há casos de neologismos também: *linkar*, *clicar*, *upar*, *shipar*, entre outros. Não conseguiríamos relatar aqui todas elas, cada dia que passa novas palavras e escritas vão surgindo, hoje está em alta também o uso de *emoticons*, *stickers* etc.

Outro tópico que abordamos logo após a escrita foi o surgimento do alfabeto, necessário para se compreender melhor a gematria. Para Ifrah (1997, p. 447), a criação do alfabeto foi imprescindível na história das civilizações, apresentou-se como uma forma superior de transcrição da palavra e trouxe a possibilidade de escrever todas as palavras de uma dada língua utilizando um pequeno número de sinais fonéticos simples denominados letras.

O quesito números também se fez fundamental debater já que ele é um importante instrumento na aplicação da gematria. Um autor que muito estuda a questão numérica, desde suas origens é o professor Manoel de Campos Almeida. Ao passarmos pela questão numérica para se entender a cabala, necessário se faz citar Pitágoras já que sua escola influenciou e ainda influencia muitos estudos numerológicos.

No tocante ao alfabeto hebraico, foi imprescindível abranger esse assunto já que o nosso estudo tem como foco a gematria na Torá, que se encontra inserida na Bíblia Hebraica. Esta, por sua vez, foi escrita quase que inteiramente em hebraico. Ao fazer jus à troca de nomes por números na Torá, vimos através de alguns exemplos como ocorre a aplicação da gematria e o complemento do método veio da Torá, quando a mesma apresenta o significado do nome em seu texto. Nesse sentido, concordamos com Ouaknin (1996) que trata o movimento da gematria como transcendente, já que a mesma põe a impossibilidade da instância de um só sentido.

Ao escolhermos um alfabeto específico, uma palavra ou um nome, bem como o modelo de gematria que iremos utilizar, pode-se deduzir um significado que se proponha de uma palavra específica com exatidão determinada pelo método de interpretação da gematria. Entretanto, na mística judaica esta interpretação vai depender da criatividade, imaginação do praticante e do uso da Torá de forma conveniente, lembrando sempre do tetragrama e de todos os significados que já se encontram inscritos nas escrituras sagradas dos judeus. Também se pode perceber que nenhum valor numérico, mesmo que simbólico, possa ser entendido com certo grau de certeza sem que haja pistas do sistema alfabético utilizado e da verdadeira intenção do autor.

Com relação à importância do nome para o indivíduo do período bíblico, o ato de saber o nome de outrem ou de uma divindade específica estava permeado de crenças mágico-religiosas⁹. Sobre esse quesito, Trachtenberg relata:

O caráter essencial das coisas e dos homens reside em seus nomes. Portanto, conhecer um nome é estar a par do segredo daquele que o possui e ser senhor de seu destino [...]. Conhecer o nome de um homem é exercer poder sobre ele sozinho. Conhecer o nome de um ser superior, sobrenatural, é dominar toda a província sobre a qual aquele ser preside. (TRACHTENBERG, 2013, p. 82)

A crença na sacralidade da língua hebraica, por parte dos cabalistas, é retratada por Scholem (1995), mas ele deixa claro seu valor místico, já que essa língua traduz a natureza espiritual do mundo. Segundo ele, a linguagem vem de Deus, dessa forma ela O alcança. Scholem relata ainda que a função primordial da linguagem comum do homem apresenta apenas o caráter intelectual, mas reflete a linguagem criadora do Deus.

Toda a criação – e este é um princípio básico para a maioria dos cabalistas – é, do ponto de vista de Deus, nada mais que a expressão do Seu ser oculto que começa e termina por dar a si próprio um nome, o sagrado nome de Deus, o ato perpétuo da criação. Tudo o que vive é uma expressão da linguagem de Deus (...) (SCHOLEM, 1995, p.19).

Percebe-se a íntima relação do misticismo com o imaginário, passando pelos números e pelas letras, que retratam a força do simbólico na vida do indivíduo, do ponto de vista da mística judaica. A importância do símbolo é clara, já que o ser humano, dotado de razão, encontra-se apto a associar mentalmente um determinado objeto, número ou letra a um sinal correspondente que possa representá-lo. Essa capacidade é que dá ao homem o título de *homo symbolicus*¹⁰. Diante do exposto, entende-se que a imaginação simbólica é algo inerente à condição do indivíduo, sendo precedente, inclusive, à linguagem.

“Como num álbum de fotografias, com fotos mais recentes junto a outras mais antigas, a Bíblia recolhe, às vezes na mesma página, momentos marcantes da vida

⁹ Conforme Gn 32, 29: Ele retomou: “Não te chamarás mais Jacó, mas Israel, porque foste forte contra Deus e contra os homens, e tu prevaleceste.”

¹⁰ O *homo symbolicus* expressa a mediação das formas simbólicas, atribuindo-lhes sentidos o que faz com que a realidade não faça oposição ao imaginário. A realidade não se apresenta de forma imediata, mas em fios que tecem um mundo simbólico em que o ser humano se insere e que o determina. Da mesma forma que o homem configura esse mundo entrelaçado pelos fios do simbólico, também é por essa teia de relações simbólicas configurado. (MORAES, BRESSAN, OSNILDO, 2017 p. 216)

do povo, formando um mosaico rico e variado” nos diz Vasconcellos e Silva (2003, p. 31). Isso se comprova já que na interpretação da Torá verifica-se a forte presença do simbolismo, o uso de um imaginário não só externo, mas também interno, de uso coletivo e que necessita de aptidão para a decodificação de sua mensagem. Quando falamos no imaginário externo nos referimos ao mítico, ao místico, como por exemplo o ato da criação, os atributos divinos, entre outros. Já no tocante ao imaginário interno ele nos remete às características da cultura judaica. É necessário um elo aqui para uma homilética mais completa e correta do ponto de vista do misticismo judaico.

Quanto à cabala, assunto trabalhado em nosso segundo capítulo, vale lembrar que ela retrata o lado esotérico e místico do judaísmo, de forma a penetrar na compreensão mais profunda da Bíblia Hebraica. Essa compreensão vai além da análise literal e procura fornecer ensinamentos sobre a alma, sobre a criação, sobre o mundo espiritual e também sobre a natureza de Deus e o modo como os indivíduos se relacionam com Ele e com os demais.

Encontrar mensagens na Bíblia Hebraica não é uma redescoberta da cabala, Couto (2010, p. 47) nos diz que achar “valores numéricos ocultos pode ser o mais próximo de uma ‘redescoberta’, mas ainda assim não é o objetivo principal de tal filosofia”. Vale ressaltar que, segundo Rossi (2017, p. 12), “na visão do povo bíblico (AT), tudo é milagre, isto é, em tudo se manifesta a presença de Deus, seja nas pessoas, na comunidade, na história, na criação etc”.

Vimos assim, que toda palavra escrita em hebraico, adotando o sistema da gematria, possui um valor numérico correspondente às somas dos valores numéricos de cada uma de suas letras, e que o método aplica uma correlação entre palavras ou frases que possuem valores idênticos. Esta correlação tornou-se uma maneira de interpretar a Torá e, de certa forma,

amplia não somente sua significação, a partir de múltiplas interpretações, mas também a própria função da linguagem, na medida em que, longe de ser reducionista confinando um conceito em uma palavra, encontra múltiplos significados, expandindo o poder de um vocábulo dependendo do contexto em que se encontra, ou de possíveis relações a que está submetido em locais e tempos distintos do texto. (MAGHIDMAN, 2010, p. 49)

Lembre-mos que Ouaknin (1996) afirma que a “Gematria não é um jogo ‘dos números e das letras’. É um método de interpretação, um método de abertura. Não há nela nem futilidade nem contingência”. Vale lembrar que, por via

matemática, pode-se encontrar mensagens ocultas em qualquer texto, inclusive nesse, utilizando-se a gematria, para isso basta adequar de forma conveniente a escolha dos valores ao alfabeto em uso.

A matemática não faz nenhuma associação mística ao decodificar códigos, essa relação com o azar, sorte, futuro e passado é simplesmente inexistente. Falar sobre crenças e seus significados, deixa claro que o indivíduo é quem verdadeiramente credita um significado aos eventos, símbolos ou associações numéricas, talvez por acontecimentos passados que foram relevantes em sua vida ou por terem herdado tais ensinamentos.

Ainda com o intuito de retratar o que realmente enxergamos com referência ao nosso objeto de estudo, partilhamos a ideia de Bergson (1978, 198-199):

achamos que um objeto que existe é um objeto que é percebido ou que poderia sê-lo. Ele é dado, pois, numa experiência, real ou possível. Somos livres para formar a ideia de um objeto ou um ser, como faz o geômetra quanto a uma figura geométrica; mas só a experiência estabelecerá que essa figura existe efetivamente fora da ideia assim elaborada.

Aqui encerramos nossas considerações, lembrando que para se ter uma correta interpretação da Torá, com a utilização da gematria, a mística judaica preconiza que só existe sentido quando a língua utilizada é hebraica. Nas demais línguas não se aconselha fazer o uso da gematria, pois são poucos os sistemas alfabéticos que foram utilizados também com a função de números. Resta-nos dizer que existe um sentido nos números retratados pela Torá, segundo a mística judaica, pelo fato de haver um duplo sentido para o alfabeto hebraico, ou seja, ele traz uma mensagem por extenso e outra por via numérica que é interpretada por esta ferramenta denominada gematria. Aliás, a polissemia do alfabeto hebraico revela uma vasta gama de interpretações, a gematria é apenas uma delas.

Vale frisar mais uma vez que essa crença na sacralidade da língua hebraica, por parte dos cabalistas, “reflete a natureza básica do mundo; em outros termos, tem um valor místico. A linguagem alcança Deus porque ela vem de Deus” (SCHOLEM, 1995, p.19). Concordamos com Scholem e, com o intuito de finalizarmos o assunto, vejamos um dos significados da linguagem segundo a gematria (CASTRO, 2012, p. 44):

Linguagem = *safah* = שפה

$$\text{ה} + \text{פ} + \text{ש} = 5 + 80 + 300 = 385$$

Presença divina = *shekhînah* = שכ״נה

$$\text{ה} + \text{נ} + \text{י} + \text{כ} + \text{ש} = 5 + 50 + 10 + 20 + 300 = 385$$

Portanto, pela gematria, linguagem = presença divina.

Logo, a própria gematria confirma que há a presença divina na linguagem e, portanto, ela demonstra a sacralidade da linguagem hebraica, conseqüentemente do alfabeto hebraico, segundo a mística judaica.

CONCLUSÃO

Não, nossa ciência não é uma ilusão.
Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos
pode dar, podemos conseguir em outro lugar.
(FREUD, 2006, p.63)

Ao término de nossa tese, esperamos ter deixado nítido que o tema da gematria encontra-se imbricado aos números, ao alfabeto hebraico e ao misticismo judaico. Para alcançar tal intuito percorremos um caminho que nos levou a relatar alguns assuntos concernentes às aplicações da gematria. São eles: escrita, teoria do imaginário, misticismo, cabala, crenças, Bíblia Hebraica, significado das letras numerais hebraicas e a doutrina do nome.

O início se dá ao levar em consideração o fato de o alfabeto hebraico ser visto como sagrado para o judaísmo. Eisenberg e Steinsaltz (2015) sustentam essa hipótese com base no fato de que Deus se dirige ao povo de Israel, em hebraico, na Torá, tornando-se para o judaísmo um verdadeiro instrumento de revelação. Segundo Hubner (2012), o Talmude confirma que a Torá foi cedida através do alfabeto hebraico, revelando que ele tenha se originado antes da própria Torá. Esse fato encontra justificativa na menção dos primeiros relatos da criação, do primeiro dia, retratados logo no início da Torá: Deus criou o céu e a terra, a luz e as trevas, o dia e a noite. Nesse relato da criação percebe-se que tudo o que fora criado já carregava um nome, ou seja, já existia uma linguagem antes da criação do universo.

O primeiro capítulo de nossa pesquisa denominado “Alfabeto hebraico e números: uma relação intrínseca” começou abordando o surgimento da escrita. Nesse quesito, vale destacar que o recurso da escrita amplificou de forma notória a comunicação entre os homens, derrubando obstáculos que distanciavam grupos de indivíduos, colaborando na preservação e divulgação de registros, facilitando e auxiliando o progresso intelectual humano.

É incontestável o papel que a escrita exerceu e ainda exerce na evolução das sociedades ao longo da história. É perceptível que a mesma continua contribuindo de maneira ininterrupta na construção da contemporaneidade. Se no passado tivemos o conhecimento da escrita reservado a um grupo seleto de pessoas mais privilegiadas financeiramente, hoje a mesma alcança a quase totalidade da população mundial e está à disposição de todos os indivíduos, independente de classe social e é vista como

um requisito básico na formação dos indivíduos, uma porta aberta para a compreensão de vários outros saberes.

É nítido, cada vez mais, o aumento do uso de uma escrita informal nas redes sociais. Trata-se de uma forma de escrita, sem dúvida, já que consegue transmitir a mensagem por uso de determinados sinais ou letras. São expressões que têm o intuito de transmitir mensagens de forma mais rápida e de maneira mais fácil. Citemos alguns exemplos: para dizer sim (s), não (n), pode ser (pdc), entre outras. Esse fato contribui para uma total ausência de formalidade na escrita, inaceitável inclusive num ambiente acadêmico, por exemplo, e culmina em gerar uma “preguiça” por parte do leitor quando o mesmo se depara com textos longos. Contribui, ao mesmo tempo, para que esqueça como escrever de maneira formal, correta. De qualquer forma, com a globalização, a escrita está sendo cada vez mais utilizada e influenciada por outras línguas, favorecendo e ampliando a nossa linguagem.

Partindo do surgimento da escrita, ainda fazendo alusão ao nosso capítulo primeiro, evoluímos para o aparecimento do alfabeto, que logicamente percorreu várias etapas rumo ao que conhecemos hoje, que são as letras, cujo papel é o de representar os sons da fala. Fizemos questão de apresentar nesse estudo um breve relato desse progresso.

Com relação ao surgimento dos números, imagina-se que tenha ocorrido logo que apareceu a necessidade de se contar objetos. Hoje, assim como as letras, é difícil imaginar um mundo sem os números. Não que concordemos com Pitágoras que “Tudo é número”, mas ousamos dizer que o número se relaciona com quase tudo. Sua utilização é, sem dúvida, bem ampla e está presente em praticamente todas as áreas, não seria diferente com nosso tema.

Ao falarmos sobre a relação entre os números e o alfabeto hebraico, que também foi objeto de estudo no capítulo primeiro, vimos que a mesma se deu pela falta de um sistema de escrita numérico adequado. Com o objetivo de driblar esse problema, os povos antigos decidiram utilizar o próprio abecedário para representar os números também. O lado positivo dessa decisão é que se economiza na quantidade de símbolos, entretanto para quem não está acostumado com essa bivalência de um símbolo, fica difícil diferenciar às vezes um número de uma palavra. O resultado dessa associação demonstra que cada palavra representa também um determinado valor numérico. O mecanismo da soma das letras de uma palavra é o

que a gematria utiliza para interpretar a Torá, representando um dogma para a mística judaica.

Em nosso segundo capítulo discorreremos brevemente sobre a teoria do imaginário, citando alguns autores que trabalharam com essa temática para depois apresentarmos a questão do misticismo. Logo após, separamos um tópico para destacar a presença do misticismo no campo dos números e também nos embrenhamos no campo da cabala, que é um dos braços do judaísmo. Nesse quesito apresentamos citações de vários autores que estudaram essa temática.

No final do segundo capítulo reservamos um tópico para fazer um breve comentário a respeito de algumas crenças numéricas. Por serem apenas crenças, que não possuem comprovação científica, é difícil encontrar autores que trabalhem com o assunto. Entretanto, são crenças tão difundidas na sociedade que encontramos uma leva enorme de sites que fazem questão de abordar o assunto. De fato, muitas delas foram contadas por nossos antepassados e cabe a nós a decisão de repassá-las ou não aos nossos descendentes.

É bom lembrar que a matemática não faz associação com nenhuma crença, o indivíduo é que fornece um sentido para cada uma delas. Já a recíproca não é verdadeira, porque algumas crenças e místicas fazem uso da matemática. Esse mecanismo de aceitar uma determinada crença se fundamenta na teoria do imaginário e está intimamente ligado às experiências vividas, testemunhos ouvidos, histórias que lhe foram transmitidas de geração em geração e culminam em sua difusão e perpetuação.

No terceiro capítulo, a nossa abordagem teve início com a temática da Bíblia Hebraica. A presença desse tema mostrou-se importante porque ela é a referência da mística judaica, sobretudo a Torá que os judeus consideram como sendo a parte mais importante da Bíblia Hebraica. Posteriormente, adentramos no significado das letras numerais hebraicas. Ao pesquisar esse assunto, encontramos uma gama enorme de significados que são atribuídos às letras numerais hebraicas e decidimos por apresentar a proposta de um único autor.

A doutrina do nome também é apresentada no terceiro capítulo. Como não falar do nome YHWH? Estaríamos cometendo um pecado imperdoável, pois o tetragrama sagrado é um assunto muito discutido ainda e apresenta diversas conjecturas que fazem referência ao seu significado, já que a mística judaica considera o tetragrama a base de toda a composição dos nomes. Sendo o alfabeto

hebraico polissêmico, não seria diferente com o tetragrama, acredita-se na existência de muitos significados segundo os estudiosos do assunto.

A escolha dos tópicos relativos ao nome se mostrou importante porque o misticismo judaico dá muito valor ao quesito, sobretudo na Torá, já que a mesma apresenta o significado de diversos nomes em seus textos. Trabalhamos com o nome de alguns personagens da Torá, em que foi possível a visualização da aplicação da gematria. Essa é uma das riquezas que o misticismo judaico faz questão de preservar e aprofundar cada dia mais, em busca de obter respostas para todas as questões da vida de um ser humano.

É provável que cada um de nós já tenha ouvido falar de alguém que tenha mudado seu nome devido à numerologia, com o pensamento de que mudaria seu destino. Estes indivíduos utilizam esses recursos como amuletos. Já comentamos em nosso terceiro capítulo que o uso da gematria, de acordo com a mística judaica, só tem validade para o alfabeto hebraico. Como justificar a mudança de um nome que está escrito em outro sistema alfabético? Com certeza, seria uma outra forma de numerologia, distinta da utilizada pelos judeus. Existem várias no mercado, se é que podemos nos expressar assim. Consideramos um erro e, nesse sentido partilhamos a ideia de Bergson (2006, p. 108), “o erro começa quando a inteligência pretende pensar um dos aspectos como pensou o outro e aplicar-se a um uso para o qual não foi feita”.

Terminada nossa abordagem, é fundamental tecer algumas outras considerações sobre o nosso estudo. Uma delas diz respeito à revisão bibliográfica que procurou abranger diversas áreas do conhecimento: matemática, linguística, antropologia, sociologia, religião, misticismo, entre outras. Esperamos que tenha sido possível uma percepção melhor sobre as teorias elencadas. Por conter 22 letras, o abecedário hebraico nos fornece inúmeras combinações, cada uma delas imprime um significado de acordo com a mística judaica. Dessa forma “as letras são como átomos cujas inúmeras combinações permitiram a diversidade das coisas da vida” (EISENBERG; STEINSALTZ, 2015, p. XVII). Assim, reescrevendo a fala de Eisenberg e Steinsaltz, a compreensão e leitura do método alfabético hebraico inauguram o “código genético da vida”.

Muitas outras questões que envolvem a gematria encontram-se no auge de seus estudos e, já que citamos o código genético da vida, vale lembrar que uma dessas questões é o DNA humano que se mostra imbricado ao Design Inteligente.

Estudiosos buscam relações entre as letras do DNA e o alfabeto hebraico, já que esse estudo envolve a combinação das letras que se ligam e formam a estrutura presente em todos os indivíduos.

O número de pessoas que estudam o hebraico vem aumentando, estudiosos acreditam que parte das pessoas busca um aprofundamento no estudo da Torá, com o intuito de ler a mesma no idioma original. Mas vale lembrar que essa procura da língua hebraica não se limita ao campo religioso, há pessoas que gostam de viajar, conhecer outros países e aprender novos idiomas.

Para a mística judaica, as interpretações advindas da gematria são válidas, desde que os pressupostos estejam corretos. Entretanto, existe uma ala que só acredita nas interpretações dadas pelos rabinos, talvez porque na tradição antiga somente eles detinham esse poder, as mulheres eram proibidas de realizar esse tipo de estudo. Aqui caberia ainda, uma discussão a respeito da questão do gênero, pondo em xeque a importância da mulher na mística judaica. Como se vê, são inúmeros assuntos que podem ser discutidos com relação não só à gematria, mas também à mística judaica.

A cabala traz muitos ensinamentos, aqui deixamos de discutir muitos deles devido à sua abrangência. Fica o convite então para aqueles que pretendem estudar o assunto e se embrenhar nessa aura significativa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Leonardo V. A Busca da Tradução: jogos miméticos em “cara-de-bronze”. *Revista Vozes em Diálogo* (CEH/UERJ), n. 2, jul-dez, p. 1-18, 2008.
- ALMEIDA, Manoel C. *Origens da Matemática - A Pré-História da Matemática*. Vol. 1. Curitiba: Progressiva, 2009.
- ALMEIDA, Manoel C. *A Lógica do Sobrenatural - As Etnológicas das Sociedades Primitivas: Magia, Religiões, Deuses e Mitos*. Apostila, 2018.
- ALMEIDA, Manoel C. *O Misticismo do Número Sete - Os números têm poderes sobrenaturais?* Apostila, 2019.
- ALMEIDA, Maria da Conceição de. Números: o simbólico e o racional na história. In: MENDES, Iran Abreu. *Números: o simbólico e o racional na história. Prefácio*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2006. p. v-vii.
- ALMEIDA, Paulo Henrique Soares de. *O Brasil na Copa do Mundo: Uma identidade redescoberta*. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, 2014.
- ANDRADE, Leila Minatti. A escrita, uma evolução para a humanidade. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 1, n. 1, set. 2001. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/167>. Acesso em: 11 jan. 2020.
- ARISTÓTELES, 348-322 A.C. *Metafísica: livro 1 e livro 2; Ética a Nicômaco; Poética/Aristóteles*. Trad. Vincenzo Cocco, et al. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores).
- ATWELL, James E. An Egyptian source for Genesis 1. *Journal of Theological Studies*, 51, p. 441-477, 2000.
- BALMARY, Marie. *O sacrifício proibido: Freud e a Bíblia*. Tradução de Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Paulinas, 1997.
- BARBIER, R. Sobre o imaginário. *Em Aberto*, Brasília, ano XIV, n. 61, p. 15-23, jan./mar. 1994.
- BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- BEITZEL, Barry J. Exodus 3:14 and the Divine Name: A Case of Biblical Paronomasia. *Trinity Journal*, v. 1, n. 1, p. 5-20, Spr 1980.
- BELO, Ana. *Nomes próprios*. Lisboa: Arteplural, 1992.
- BERG, Yehuda. *Kabbalah o poder de mudar tudo*. São Paulo: Kabbalah Centre do Brasil, 2011.

BERGSON, Henri. *As duas fontes da moral e da religião*. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERTHOUD, Rose-Marie. *Misticismo: Uma abordagem bíblico-histórica*. Editora Monergismo. Edição do Kindle, 2019.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. 5. Ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

BOATINI JÚNIOR, Danton José. *O boato na era das redes sociais digitais: uma análise do caso Guarujá*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016.

BOYER, Carl B. *História da Matemática*. Tradução de Elza F. Gomide, 2.ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1998.

BRANCO, José A. M.; TOMELIN, Janes F. *A escrita fenícia e a evolução do alfabeto*. Centro Universitário Leonardo da Vinci, 2007. Disponível em: <<https://www.profalaor.eng.br/DOWNLOADS/MEUSARTIGOS/PAPER%20-%20A%20Escrita%20Fenicia%20e%20a%20Evolucao%20do%20Alfabeto.pdf>> Acesso em 15 de mar. 2020)

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2004.

CAMPANI, Carlos A. P. *O Canivete Suiço da Kabalah*. Apostila, 2007. Disponível em: < <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/1257530.pdf>>. Acesso em 12 de dez. 2019.

CAMPBELL, Joseph. *As Máscaras de Deus: Mitologia Ocidental*. São Paulo: Palas Athena, 2008.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Ediouro, 2001.

CARAÇA, B. J. *Conceitos Fundamentais da Matemática*. Lisboa: Livraria Sá Costa, 1984.

CARLES-OLIVER, J. Leda atômica de Dalí. Fotografia y pentagrama místico. *Arte, Individuo y Sociedad*, vol. 32, n. 1, p. 79-95, 2020.

CASTRO, José A. de. *Jornada cabalista: Cabalá passo a passo*. São Paulo: Edição do autor, 2012.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, Francisco Aparecido da. Matemática uma breve história, vol. III: cadernos de práticas. In: CONTADOR, Paulo Roberto Martins. *Matemática uma breve história, vol. III: cadernos de práticas*. Prefácio. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2005.

COUTO, Sérgio Pereira. *Segredos da Cabala*. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

COVAS, Iara M. *Eduardo Kac: uma poética da criação*. Dissertação. (Mestrado em Letras) - Universidade de São Paulo, 2009.

CROATTO, José Severino. Uma releitura do nome de Javé - reflexões hermenêuticas sobre Ex 3,1-15 e 6,2-13. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 4, p. 7-14, 1989.

CROWLEY, Aleister. *Gematria: Um Artigo sobre Qabalah*. Tradução de Fernando Aiwass Ligvori. THELEMA PUBLICAÇÕES, 2002. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/12756203-Gematria-um-artigo-sobre-qabalah.html> > Acesso em 20 de jun. 2020.

CUSTÓDIO, José de Arimathéia C. *Vox medii vox dei: a apropriação do sagrado pela imprensa*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, 2006.

DANIEL, J. Posições/controvérsias – aprender a viver juntos: desafio prioritário no alvorecer do século XXI. In: BRASLAVSKY, C. (Org.). *Aprender a viver juntos: educação para integração na diversidade*. Tradução de José Ferreira. Brasília: UNESCO; IBE; SESI; UNB, p. 101-109, 2002.

DIRINGER, David. *A escrita*. Coleção História Mundi, vol. 12. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

EISENBERG, Josy; STEINSALTZ, Adin. *O Alfabeto Sagrado: e Deus criou a letra*. Trad. Sybil Safadie Douek. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

EVES, Howard. *Introdução à história da Matemática*. Tradução de Hygino H. Domingues. 5ª edição - Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

FALBEL, Nachman. SEFER YETZIRÁ (LIVRO DA CRIAÇÃO), SEFER HA-BAHIR (LIVRO DA CLARIDADE) E SEFER HA-ZOHAR (LIVRO DO ESPLENDOR). *Scintilla*, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 57-87, jan./jun. 2018.

FERREIRA, Cláudia A. P. Os estudos bíblicos e a exegese judaica na Idade Média. In: LEWIN, H., coord. *Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 479-502, 2009a.

FERREIRA, Joel Antonio. *Paulo, Jesus e os marginalizados: leitura conflitual do novo testamento*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, Editora América, 2009b.

FIARRESGA, Victor M. C. *CRIPTOGRAFIA E MATEMÁTICA*. Dissertação (Mestrado em Matemática para Professores). Universidade Federal de Lisboa, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt>> Acesso em 10 jan. 2020.

FISCHER, Steven R. *História da escrita*. Tradução: Mirna Pinsky. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FORTUNA, Daniele Ribeiro. Borges, o cabalista. *Revista Magistro*, v.2, n. 1, p. 57-67, 2010.

FRANCISCO, Edson de Faria. Edições impressas da Bíblia Hebraica. *Revista Caminhando*, v. 8, n. 1, p. 9-36, 2003.

FRANCISCO, Edson de Faria. *Neologismo semântico na massorá tiberiense*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, 2007.

FRANCISCO, Edson de Faria. *Língua Hebraica: Aspectos Históricos e Características*. São Bernardo do Campo, abril de 2009. Apostila.

FRANCISCO, Edson de F. *Antigo Testamento Interlinear Hebraico - Português*, vol. 3: *Profetas Posteriores* [SBB, 2017, p. xxxv-xxxvi e xli-xlii].

FRANCISCO, Edson de Faria. *Vocalização Massorética*. São Bernardo do Campo, abril de 2020a. Apostila.

FRANCISCO, Edson de Faria. *Alfabeto Hebraico*. São Bernardo do Campo, abril de 2020b. Apostila.

FRANCISCO, Edson de Faria. *Alfabeto Grego: Breve Histórico*. São Bernardo do Campo, abril de 2020c. Apostila.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Tradução José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

GOMES, Carla R. *Pitágoras de Samos: de místico a precursor da teoria dos números*. V Bienal da SBM - Sociedade Brasileira de Matemática. Universidade Federal da Paraíba, 2010.

GUERTZENSTEIN, Daniela S. S. Bíblia hebraica na literatura rabínica. *Revista Vértices*, n. 15, p. 7-26, 2013.

HAMER, D. *O gene de Deus*. São Paulo: Mercuryo, 2005.

HELLER, Reginaldo. Cabala: transgressão ou heresia? *WebMosaica*, Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, v.3, n.2, p. 58-70, (jul-dez) 2011.

HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HUBNER, M. O alfabeto hebraico: origem divina x humana. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, n. 10, p. 229-251, 2012.

HUBNER, Manu M. *Os 120 Anos da Vida do Homem: Uma Análise Contextual*. São Paulo, 2015. 229 f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

IFRAH, Georges. *História universal dos algarismos: a inteligência dos homens contada pelos números e pelo cálculo*, volume 1. Tradução de Alberto Muñoz e Ana Beatriz Katinsky. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Disponível em: <http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf> Acesso em 30 de abr. 2020.

KAEFER, José Ademar. *A Bíblia, a arqueologia e a História de Israel e Judá*. São Paulo: Paulus, Edição do Kindle, 2015.

KANITZ, Bianca E. *NOMEAR UMA PESSOA É UM ATO DE AMOR E CUIDADO: implicações pré e pró nomeação*. Anais do Salão de Pesquisa da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 13, 2014.

KAPLAN, Arie. *Sêfer Ietsirá: o livro da criação – teoria e prática*. São Paulo: Sêfer, 2018.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 3. ed., São Paulo: Ática, 1990.

LEGROS, Patrick et al. *Sociologia do Imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. São Paulo: Editora 34, 1993.

LIMA, Cassia M. *Cabala judaica e cristã: um breve estudo comparado*. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências das Religiões) – UFPB/CE - João Pessoa, 2018.

LIMA, Lucas. *Portas para o Infinito: Metafísica e misticismo em Bergson*. Edição do Kindle, 2019.

LIPINER, Elias. *As letras do alfabeto na criação do mundo: contribuição à pesquisa da natureza da linguagem*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

LISPECTOR, Clarice. Você é um número. In: *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 572-573, 1984.

MAGHIDMAN, Marcelo. *Sêfer Yetsiráh: a natureza da linguagem na criação do mundo e sua manutenção através do alfabeto hebraico*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 2010.

MASSI, Fernanda. Misticismo e religiosidade nos romances policiais contemporâneos: a transgressão do gênero. *ESTUDOS LINGUÍSTICOS*, São Paulo, 40 (3): p. 1793-1803, set-dez 2011.

MATUCK, Artur. *Teoria e história da metaescritura: uma proposição para criação artística na era digital*. In: *Espaços da mediação: a arte e seus públicos*. Carmen S.G. Aranha, Kátia Canton (Org.). Simpósio Internacional Estratégias do Ensino da Arte Contemporânea em Museus e Instituições Culturais. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, p. 217-232, 2013.

MAX, Alfred. La gématrie comme technique de composition dans la Bible Hébraïque. *Revue d'Histoire et de Philosophie Religieuses*, v. 94, n. 1, p. 51-61, 2014.

MEHOUDAR, Rosie. Palavra e Imagem na cosmogonia do Zohar. *Agnes*, São Paulo, (5), 2. sem., p. 97-125, 2006.

MENDES, Iran Abreu. *Números: o simbólico e o racional na história*. São Paulo: Livraria da Física, 2006.

MEREGE, Ana Lúcia. *História do livro manuscrito*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. Disponível em: <http://planorweb.bn.br/documentos/historia_bibliotecas/historia_livro_manuscrito.pdf> Acesso em 12 de dez. 2019.

METTINGER, Tryggve N. D. *O significado e a mensagem dos nomes de Deus na Bíblia*. Tradução de Daniel Sotello. Santo André: Academia Cristã, 2015.

MORAES, Heloisa J.; BRESSAN, Luiza L.; OSNILDO, Reginaldo. O medo no imaginário e o imaginário no medo. *Revista Memorare*, vol. 4, n. 2, p. 209-223, 2017.

NASCIMENTO, Lisley. O Aleph, Beatriz e a Cabala em Jorge Luis Borges. Arquivo Maaravi: *Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 26-38, out. 2008.

NISKIER, Arnaldo. Zohar – A alma da cabala. *Revista Brasileira da Academia de Letras*, Fase VIII, Outubro-Novembro-Dezembro, ano XVII n. 69, p. 9-41, 2011.

OLIVEIRA, Maria C. C. A tradição interpretativa de rabinos e cabalistas, a crítica literária e a tradução. *Ipotesi: Revista de Estudos Literários*, Juiz de Fora, v.6, p.117-130, 2002.

OLIVEIRA, Sadat. *Introdução ao Misticismo*. Edição do Kindle, 2015.

ONG, Walter J. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papyrus, 1998.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal; EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

OUAKNIN, Marc-Alain. *Biblioterapia*. Tradução de Nicolás Niyemi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

PERONDI, Ildo. A vocação de Abraão. *Revista Pistis Praxis*, Teol. Pastor., Curitiba, v. 5, n. 2, p. 327-343, jul./dez. 2013.

RABIN, Chaim. *Pequena História da Língua Hebraica*. São Paulo: Summus Editorial, 1973.

ROCHA, Christian Robert. *Kabbalah: A realidade que se esconde atrás dos véus da ilusão*. Edição do Kindle, 2017.

RODRIGUES, Marcel H. Um estudo da influência do misticismo na história da ciência. *Impulso*, Piracicaba, 25(64), p. 93-106, set.-dez. 2015.

RODRIGUES, Rômulo B. *A poderosa influência dos números sobre as nossas vidas - O que a Numerologia revela sobre nosso passado, presente e futuro*. Ed. Clube de autores, 2016.

RÖMER, Thomas. *A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus, 2016.

ROQUE, T. *História da Matemática*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2012.

ROSSI, Luiz A. S. O que o Antigo Testamento tem a dizer sobre milagres. In: ROSSI, Luiz A. S.; SILVA, Valmor da (orgs). *Milagres na Bíblia*. São Paulo: Paulus, p. 11-22, 2017.

RUSSELL, B. *Misticismo e Lógica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2009.

SAMPSON, Geoffrey. *Sistemas de escrita: tipologia, história e psicologia*. São Paulo: Ática, 1996.

SANTORO, Kadu. *Cabala: Uma jornada de autoconhecimento*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2019.

SCHOLEM, Gershom G. *Cabala*. Judaica, v. 9, Rio de Janeiro: A. Koogan Editor, 1989.

SCHOLEM, Gershom G. *As grandes correntes da mística judaica*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

SCHOLEM, Gershom G. *A Cabala e seu simbolismo*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

SCHWANTES, Milton. *História de Israel: Vol. 1: local e origens*. 3 ed., São Leopoldo: Oikos, 2008.

SILVA, Juremir M. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SILVA, Lucas L. *A cabala no contexto da pós-modernidade*. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência da Religião, Goiânia, 2016.

SIQUEIRA, Tércio Machado. "A Torá à luz do Decálogo (Mandamentos teológicos e éticos)". In: *International Studies on Law and Education*. São Paulo / Porto: CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto, v. 21, Edição Setembro/Dezembro, p. 99-112, 2015. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/isle18/97-108Rui.pdf>> Acesso em 15 de dez. 2019.

SOD, Lochem. *Tratado sobre Cabalá Literal*. Apostila, 2013. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/187557048/Tratado-sobre-Cabala-Literal-Gematria-Lochem-Sod-pdf>> Acesso em 12 de jan. 2020.

SOUZA, L. A., SANTOS FILHO, Eudaldo Francisco dos, & TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. *Cronologia visual da tipografia: do surgimento da escrita à idade média*. XI Seminário de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, 2015.

STEWART, Ian. *Em busca do infinito: uma história da matemática dos primeiros números à teoria do caos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014.

TAGE, Danea. *Curso de Cabala Com noções de Hebraico & Aramaico*. Volume I. Lusitânia: Edições Horizonte, 2007.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. *Discurso pedagógico, mito e ideologia: o imaginário de Paulo Freire e de Anísio Teixeira*. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

TEIXEIRA, Ricardo C. Curiosidades numéricas: Sexta-feira, 13. *Jornal Atlântico Expresso*, p. 17, 16 de novembro de 2015.

TRACHTENBERG, Joshua. *Jewish Magic and Superstition: A Study in Folk Religion*. New York: Martino Fine Books, 2013.

TREVISAN, Rubens M. *O valor filosófico do misticismo São João da Cruz: aproximações bergsonianas*. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 30, n. 96, p. 65-83, 2003.

VAILATTI, Carlos A. *Um olhar sobre o simbolismo mágico-religioso no livro de êxodo*. Tese (Doutorado em Letras Orientais) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

VASCONCELLOS, Pedro L.; SILVA, Valmor da. *Caminhos da Bíblia: Uma história do povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.

WEINREB, Friedrich. *Kabbala. La Bíblia: divino proyecto del mundo*. Tradução de Juana Danis. Buenos Aires: Editorial Sigal, 1991.